MAGALI DE MORAES REGO COSTA

WILHELM REICH E A BÚSSOLA DO PENSAMENTO FUNCIONAL

RIO DE JANEIRO

2002

MAGALI DE MORAES REGO COSTA

WILHELM REICH E A BÚSSOLA DO PENSAMENTO FUNCIONAL

Tese apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de
Doutor em Psicologia
no Instituto de Psicologia da
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Área de concentração:
Epistemologia e Metodologia da Psicologia

ORIENTADORA
PROFESSORA DOUTORA ELIDA SIGELMANN

Rio de Janeiro
2002

WILHELM REICH E A BÚSSOLA DO PENSAMENTO FUNCIONAL

MAGALI DE MORAES REGO COSTA

TESE SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ, COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR .

APROVADA POR:

PROFESSORA DOUTORA ELIDA SIGELMANN

PROFESSOR DOUTOR UED MARTINS MANJUD MALUF

PROFESSOR DOUTOR ROGÉRIO CHRISTIANO BUYS

PROFESSOR DOUTOR FLÁVIO WANDERLEI LARA

PROFESSOR DOUTOR ERNANI EDUARDO TROTTA

RIO DE JANEIRO, 6 DE JUNHO DE 2002

DEFESA DE TESE

Magali de Moraes Rego Costa

Wilhelm Reich e a bússola do pensamento funcional.

BANCA EXAMINADORA

_____

Professora Doutora Elida Sigelmann. Orientadora.UFRJ.

_____

Professor Doutor Ued Martins Manjud Maluf. UFRJ.

_____

Professor Doutor Rogério Christiano Buys. UFRJ.

_____

Professor Doutor Ernani Eduardo Trotta. UFF.

_____

Doutor Flávio Wanderlei Lara.
Doutor pela Université de Paris X - Nanterre.
Pos-Doutor pela State University - New York.

Defendida a tese,
Conceito:
Rio de Janeiro. / / 2002

Para Larissa

AGRADECIMENTOS

a todos que contribuiram para a realização desse trabalho:

À orientadora Professora Doutora Elida Sigelmann por seus valiosos questionamentos, sugestões e ensinamentos, conversas amigas, entusiasmo pelo saber e confiança em seus alunos;

Ao Professor Doutor Ued Maluf, pela generosidade da cessão dos originais de seu excelente livro e pela atenção a seus alunos;

Aos companheiros do Curso de Doutorado, Elizabeth C. Cotta Melo, Maddi Damião, Maria Cecília Nogueira Lara, pela amizade, carinho e muitas conversas.
À Sara Angela Kislanov, pela presença amiga, acompanhamento constante e cuidados fraternais;

Aos que muito contribuiram com livros, solidariedade, amizade : Álvaro, Clara, Catherine, Dalton, Daisy, Dolores, Dulce, Edimar, Fernanda, Jô, Jurandir, Luiz Antônio, Maria Carmen, Maria Helena, Maria Neomi, Marília, Vani;

À Maria Christina Zentgraf, pelas conversas incentivadoras e pela cessão dos originais de seu excelente livro;

Ao psicanalista Tacariju Thomé de Paula Filho e à orgonoterapeuta Maria Beatriz Thomé de Paula, por minha fraternal participação no grupo de estudos Reich-Freud;

À Beatriz de Paula, amiga que partilha os caminhos de Reich, pelas leituras atentas e críticas enriquecedoras;

Ao meu pai, por tudo;
À minha mãe, uma saudade;
À minha família, pela paciência e amor;

À Universidade Federal do Rio de Janeiro e à Faculdade de Educação da UFRJ, pela liberação de compromissos.

RESUMO

Pretende-se, nessa tese, resgatar e sistematizar o pensamento orgonômico de Wilhelm Reich. O título foi inspirado em uma expressão de Reich, que ilustra a finalidade do pensamento funcional: servir como bússola para o ser humano desencouraçado. Trata-se de um estudo teórico, que adota a metodologia da análise documental. O objeto de estudo é o pensamento funcional e o funcionalismo orgonômico. O trabalho partiu de um movimento de interesse sobre o *como* e o *por quê* Reich os teria criado. Sabe-se que a teoria reichiana é pouco difundida e comporta uma variedade de leituras que pluralizam a interpretação da obra orgonômica. O foco dessa pesquisa consiste em aprofundamento no texto reichiano para apontar seus pressupostos básicos, discriminando conceitos que são marcas do autor - pensamento funcional, funcionalismo orgonômico, *energia orgone*, orgonomia - que têm origem em intuições clínicas. O recorte do trabalho se deu pela garimpagem do texto reichiano, que usa a repetição como estilo e a história das descobertas como espinha dorsal. A pesquisa, deste modo, guiada pela bússola reichiana, singrou um caminho que mostrou uma continuidade: autor e obra orgonômica, da lógica ao método e de ambos à leitura da natureza e à terapêutica. No aprofundamento de cada tema buscou-se discernir os fundamentos científicos que teriam amparado Reich nas suas formulações. A pesquisa evidenciou a atualidade do pensamento reichiano no que se refere a sua lógica não linear, ao discurso forte do funcionalismo orgonômico, ao pensamento espiralado que expressa a relação *energia orgone*, vida, pensamento, e à prática unitária que baliza a orgonoterapia caracteroanalítica. Assim, considera-se que o pensamento reichiano se inscreve como original, no que se refere à relação do autor com a obra; genuíno porque é relação do autor consigo mesmo; e atual, visto que expressa a relação do ser humano com o conhecimento. Pelo eixo temático abordado, Reich se inscreve como um autor contemporâneo.

Palavras-chave: pensamento funcional, funcionalismo orgonômico, *energia orgone*, Orgonomia.

ABSTRACT

Wilhelm Reich (*1897-†1957) states the existence of the cosmic *orgone energy* - OR and its variation in the living organism, *bioenergy*. The OR´s metabolism implies in the possibility of deterioration into *deadly orgone* - DOR, living and non-living nature. The OR-DOR balance expresses the uncertainty of the vital processes, in states of disease or health. The living human being can function in energetic motility. The functional thinking is the human being in energetic motility thinking. It gathers intuition and logics of reasoning. Intuition consists in the contact with sensoriality. The logic of reasoning of the functional thinking is non-linear; it identifies functions and unites them to the common functioning principle, wich rules and permeates the functioning field. Orgonomic functionalism constitutes a method wich implies in the functional unity of the living. Without crossing over the concepts between the fields, *orgone energy*, life and thinking, the orgonomic functionalism seeks to think the simplicity of the energetic movement that surpasses complexities. The orgonomic thinking aims at the understanding of the totality and unity of the *orgone energy*, wich pulsates, just functions and does not establish anything. The human being experiences life according to his orgonotic pulsation. There are no certainties for the human being. The functional thinking's compass can guide him.

KEY WORDS: functional thinking, orgonomic functionalism, *orgone energy*, orgonomy

SUMÁRIO

Lista de figuras 9
Lista de quadros 10
Lista de abreviaturas 11

1 *Introdução* 12

2 *Panorama científico*
2.1 A questão da ciência 20
2.2 A questão da Psicologia 29
2.3 A questão epistemológica 34

3 *Autor e obra orgonômica*
3.1 Autor 39
3.2 Bastidores 41
3.3 Para ler Reich 48
3.4 Obra 51

4 *Pensamento funcional*
4.1 Funcional, funcionar 54
4.2 Intuição 58
4.3 Operações lógicas de raciocínio 66

5 *Funcionalismo orgonômico-funcionalismo energético*
5.1 Funcionalismos 73
5.2 Funcionalismo orgonômico 77
5.3 Funcionalismo energético 79
5.4 Conhecimento 80

6 *Energia orgone, vida, pensamento*
6.1 Oceano de *energia orgone* 84
6.2 A potencialização em vida 92
6.3 A potencialização em pensamento 96
6.4 Orgonoterapia caracteroanalítica 99

7. *Conclusão* 106

Referências 110

APÊNDICE A- Da Economia Sexual à Orgonomia 114
APÊNDICE B - Textos orgonômicos 119

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Funções e princípio de funcionamento em comum 67

Figura 2 Campo funcional da excitação biológica 68

Figura 3 Funções prazer e angústia e princípio de funcionamento em comum da excitação biológica 68

Figura 4 Funções prazer e raiva e princípio de funcionamento em comum de expansão do aparato vital 68

Figura 5 Equações orgonométricas e transformações funcionais 70

Figura 6 Funcionalismo orgonômico contendo as filosofias mecanicista, vitalista, paralelística, mística-teológica e monística-natural 77

Figura 7 Funcionalismo 79

Figura 8 Forma básica dos corpos vivos 94

Figura 9 Processos naturais 97

Figura 10 Movimentos da *energia orgone* 98

Figura 11 Flutuações e estases 102

Figura 12 Estruturas do caráter e do bioaparelho 103

Figura 13 Símbolo funcional orgonômico 119

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Conhecimento e pulsação 82

LISTA DE ABREVIATURAS
DAS OBRAS DE WILHELM REICH CITADAS

Análise.... Análise do caráter

Biopatia.... The cancer biopathy

Core..... Cosmic Orgone Engineering- CORE

Crianças..... Crianças do futuro

Diário ..... Beyond Psychology

Entrevista... Reich fala de Freud

Espaço... Contato com o espaço

Éter ....Éter , deus e diabo

Função .... A função do orgasmo

Funcionalismo.... Funcionalismo orgonômico

Irrupção ..... Irrupção da moral sexual repressiva

Pessoas.... Pessoas em dificuldades

Pulsação .... Pulsação orgonótica

Superposição.... Superposição cósmica

1 INTRODUÇÃO

As árvores velhas foram quase todas preparadas
para o exílio das cigarras.
Salustiano, um índio guató, me ensinou isso.
E me ensinou mais: Que as cigarras do exílio
são os únicos seres que sabem de cor quando a
noite está coberta de abandono.
Acho que a gente deveria dar mais espaço para
esse tipo de saber.
O saber que tem força de fontes.

Manoel de Barros, 1998, p.63.

Wilhelm Reich (*1897- †1957) expressou seu pensamento singular através da Economia Sexual, concebida como uma disciplina com métodos próprios, separada da Psicanálise em 1928. O método de investigação é o *pensamento funcional*. A Economia Sexual compreende as técnicas terapêuticas*[1] de *análise do caráter, vegetoterapia* e *vegetoterapia caracteroanalítica*. O principal conceito, *potência orgástica*, une teoria e prática.

Reich conheceu a teoria de Karl Marx e Friedrich Engels e interessou-se pela prática social. Manteve projetos populares de educação sexual, em Viena, a partir de 1927, e em Berlim, para onde mudou-se em 1930. Em Berlim, associou-se à organização comunista; com o rompimento, Reich passou a inimigo, sendo ameaçado de morte. Com a publicação do livro *Psicologia de Massas do Fascismo* e a ascenção de Adolf Hitler ao poder, em 1933, o nome de Reich foi incluido na lista de eliminação da Gestapo. Seus livros foram queimados em praça pública. Reich teve que fugir para Viena.

A situação de Reich no meio psicanalítico, também conflituosa, culminou com o desligamento da Associação Psicanalítica Internacional, em 1934.

Reich adotou o conceito de *energia psíquica*[*2], *de* Sigmund Freud, para hipótese de trabalho em pesquisa experimental. Começou os experimentos em 1934 e, em 1939, obteve

---

ANDRADE, Victor Manuel. *Na evolução do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1997.

1 Ver seção 3 *Autor e obra orgonômica*.

2 "Pressuposto indispensável à compreensão do funcionamento do psiquismo", sucedendo-se em duas modalidades: energia livre, que exige descarga imediata e energia ligada, capaz de reter a descarga.(ANDRADE,1997,,p.2).

a descoberta da chamada *energia orgone*. Novo campo do conhecimento é postulado, a *Orgonomia*, que inclui a pesquisa experimental com aparelhos especialmente construidos, seja para investigar a natureza, seja para utilização humana. A Orgonomia envolve a Economia Sexual. O instrumento de pensamento, que implica uma particular lógica, é o *pensamento funcional*[3]. O método de pensar orgonomicamente é o *funcionalismo energético ou orgonômico*[4]. A técnica terapêutica é a *orgonoterapia caracteroanalítica*[5]. Eis o foco da pesquisa.

W.Reich pretendia produzir conhecimento cientifico. Para isso, contou com laboratórios e equipes de trabalho, seja na Noruega ou nos Estados Unidos. Adotou a diretriz cientifica funcionalista: nem mecanicista, no sentido de não recorrer à divisão em partes para explicar o todo, nem mística, no sentido de não aceitar a explicação sobrenatural e de afirmar que os chamados processos naturais podem ser explicados cientificamente.

W.Reich foi muito combatido. De certo modo, devido à dificuldade que seus contemporâneos tiveram de entender as relações dinâmicas implícitas ao modo de pensar funcional orgonômico. A avaliação feita pelo próprio Reich é a de que seria entendido após 50 anos.

O cenário para pensar a teoria e prática reichianas é o século XX. O *breve século XX*, como o caracteriza Eric Hobsbawm (1995, p.15-26), ao analisar sua estrutura. Hobsbawm define uma *Era de Catástrofe*, de 1914 até depois da Segunda Guerra Mundial, seguida de 25 ou 30 anos de extraordinário crescimento econômico e transformação social, uma *Era de Ouro* — anos que mudaram mais profundamente a sociedade humana do que qualquer outro período de brevidade comparável — que se esgotou no início da década de 1970. Daí em diante, uma nova era de decomposição, incerteza e crise de fim de século.

A Primeira Guerra Mundial assinalou o colapso da civilização ocidental do século XIX, capitalista, liberal, burguesa, exultante com o progresso, a centralidade e a hegemonia política da Europa. Entre 1917 e 1942, restaram poucas instituições da democracia liberal, enquanto o fascismo e seu corolário de regimes autoritários avançavam. Hobsbawm assinala que o período

---

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos : o breve século XX- 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras,1995

3 Ver seção 4 *Pensamento funcional*.

4 Ver seção 5 *Funcionalismo energético ou orgonômico*.

5 Ver seção 6 *Energia orgone,vida, pensamento*.

de aliança capitalista-comunista contra o fascismo (principalmente, as décadas de 1930 e 1940) constitui o ponto crítico e o momento de paradoxo histórico quanto a relações de antagonismo inconciliável.

A chamada *Era de Ouro* criou uma economia mundial única, integrada e universal, operando transnacionalmente. As transformações na vida humana, pós-década de 1950, tiveram expressão na crise das crenças e supostos havidos desde que os modernos ganharam a batalha contra os antigos, no início do século XVIII — uma crise das teorias racionalistas e humanistas. Nos anos 80 e 90, o mundo capitalista viu-se com os problemas similares aos do período entre as Guerras Mundiais — desemprego, depressão econômica — e mais, as despesas ilimitadas do Estado, o luxo e o lixo. À Leste da Europa, o que se viu foi o desabamento político e o colapso das chamadas economias socialistas.

Histórica e estruturalmente, afirma Hobsbawm, o breve século XX teria vigência da Primeira Guerra aos anos 90, em grandezas e misérias. Alfabetização em massa e campos de concentração. Ciência, tecnologia, fome, explosão demográfica e genocídio. Ascenção e triunfo, concentração de riqueza, poder econômico e alto padrão de vida no *Século Americano*. Em suas maiores transformações, o mundo deixa de ser eurocêntrico, a unidade operacional básica passa a ser global e a desintegração dos antigos padrões de relacionamento social é visível na predominância dos valores do individualismo.

Wilhelm Reich viveu na primeira metade do século XX. Viveu o Século XX ainda vitoriano, o da Primeira Guerra Mundial, o do entreguerras, o da Segunda Guerra Mundial e o do pós-2ª Guerra Mundial. Viveu a *Era de Catástrofe* e os primórdios da *Era de Ouro*.

A sociedade dos anos 40-50, que Ued Maluf chama "sociedade de controle" (informação verbal), a hegemonia da ciência mecanicista, a imaginação científica de Reich e sua inabilidade política numa época de Guerra Fria, foram componentes que se potencializaram em outro conflito, o processo judicial *Estados Unidos da América versus Wilhelm Reich*. A sentença judicial ordenava que os textos que contivessem a palavra *orgone* deveriam ser banidos ou banidos e destruidos. Reich foi condenado à prisão e à multa em dinheiro. Morreu na prisão.

MALUF, Ued. Notas de aulas.In. *Instituto de Psicologia*.Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1998-1999.

W. Reich e sua obra ainda permanecem pouco estudados. No campo psicológico, com frequência, Reich é anunciado tão somente como um autor freudo-marxista. Também permanece sendo um autor de divulgação restrita. Nas oportunidades em que se façam comentários sobre a Orgonomia, o senso comum*[6] aparece sob forma de "é a parte do pensamento de Reich que *é delirante,* por isso não faz sentido estudá-la"...(informação verbal). Assim, o pensamento de Reich tende a ser simplificado, reduzido, empobrecido e distorcido. Uma pesquisa do chamado pensamento orgonômico poderia demonstrar as articulações em aberto e as indefinições teóricas, e poderia pensar se o "delirante" e "louco" mascararia a incompreensão do que poderia ser visto como singular, diferente, precursor ou atual.

Reich propôs a imagem de mundo de unidade, implicada a um método de pensamento e de conhecimento da natureza, que se aplica ao meio-ambiente, sua preservação, à vida social, ao trabalho e à educação, principalmente à educação infantil. Dedicou-se ao processo psicoterapêutico que privilegia a leitura do movimento corporal e psíquico e a fluidez processos de motilidade da *energia* orgone. Foi mais controvertido do que reconhecido, mais julgado do que aceito.

Uma questão importante é a da disseminação do pensamento orgonômico reichiano. Como resultado do trabalho de professores orientadores, está se intensificando a produção de bibliografia brasileira, que abre questões e pode enriquecer o atual acervo bibliográfico sobre o pensamento de Reich.Uma avaliação superficial de currículos e produção acadêmicos, no entanto, poderia indicar que a teoria e prática orgonômicas são pouco estudadas. O esforço de teorização da obra reichiana viria preencher uma lacuna no campo da Psicologia.

Essa pesquisa se inicia através de (a)ventura terapêutica vivida na qualidade de paciente, seguida de mobilização para a leitura informal dos textos reichianos e para o estudo formal. Assim, o tema da pesquisa resulta de uma escolha afetiva e de um posicionamento crítico. Na pesquisa pretende-se empreender uma tentativa de discussão do pensamento de W. Reich, que possibilite resgatar e sistematizar o pensamento orgonômico e venha contribuir para minimizar os preconceitos em torno da teoria do *orgone*.

---

6 Comentário ouvido pelo pesquisador e formulado por diferentes pessoas em ocasiões diversas.

O cerne da pesquisa são as questões: o que é isso a que Reich chama pensamento funcional e funcionalismo orgonômico? Qual conhecimento Reich pretendia? Qual a posição da psicologia no pensamento orgonômico?

Os procedimentos metodológicos estão referidos à análise documental, em que se pretendeu seguir os princípios para a coleta, crítica e interpretação de fontes primárias (ZENTGRAF,no prelo)e identificar os conceitos orgonômicos e suas possíveis transformações, como se relacionam entre si e como poderiam ser pensados na atualidade.

O primeiro momento de realização da pesquisa foi a preparação que constou de:

1 levantamento, leitura e fichamento de bibliografia sobre a questão do conhecimento;

2 leitura e fichamento das obras orgonômicas de W. Reich.

O segundo momento seguiu o encaminhamento:

1 estudo do contexto científico, em que procura-se, através de autores contemporâneos, recortar um panorama científico da atualidade;

2 estudo da obra orgonômica, procurando destacar os aspectos que se refiram ao funcionalismo orgonômico e pensamento funcional;

3 estudo do pensamento funcional orgonômico;

4 estudo do funcionalismo orgonômico.

O terceiro momento consistiu em retornar aos textos para fazê-los dialogar entre si, respondendo às questões vinculadas aos objetivos.

A poesia, no entanto, acompanhará o texto. Ued Maluf observa que a poesia traz fluidez para o trabalho acadêmico e em seu livro (no prelo, cap. 6.3.1, nota 57) cita Karl Popper: "Tanto a poética quanto a ciência têm a mesma origem. Ambas procedem do mito". A escolha recai em Manoel de Barros, poeta das intensidades. Sua poesia é leveza, ritmo, sensações. A singularidade do poeta traduz em palavras, a metamorfose do homem em natureza, e da natureza em humano.

A delimitação do estudo está em discutir a constituição do modo de pensar funcional orgonômico, segundo textos publicados no período 1938-1957, que tratem no todo ou em parte

---

ZENTGRAF, Maria Christina. *Monografia objetiva*. No prelo. Originais cedidos pelo autor.

desse tema. A indagação se limita ao pensamento funcional e ao funcionalismo orgonômico, quanto às intenções de produzir conhecimento científico e à concepção de psicologia implicada.

Nessa tese não serão abordadas questões concernentes às influências de autores citados por Reich, nem sobre a atualidade ou qualidade das pesquisas experimentais, nem discussões sobre métodos e técnicas que se aproximem das técnicas reichianas, nem sobre interpretações que a teoria reichiana sofreu nos últimos 50 anos, nem a influência do pensamento reichiano na contracultura dos anos 60, nem sobre as relações teórico-práticas do pensamento reichiano com a psicanálise ou com o marxismo.

O pesquisador do trabalho de Reich se depara com os limites de sua formação quando se dispõe a interpretar o universo reichiano. Dada a diversidade, as questões seriam melhor estudadas por uma equipe multidisciplinar. Nessa pesquisa, não se tenciona esgotar o tema orgonômico, portanto, a opção da pesquisadora é a de limitar o propósito da discussão e/ou indicar as suas próprias limitações.

Outras limitações do estudo se encontram na bibliografia disponível. Não existe uma edição oficial e completa da obra de Wilhelm Reich. Por disposição testamentária todos os seus escritos foram lacrados e depositados na Countway Library of Medicine, em Boston, para serem abertos aos 50 anos de sua morte, em 2007. Segundo Ellsworth Baker, colaborador e amigo de Reich, a obra reichiana compreenderia duas dezenas de livros, uma centena de impressos e quase cem mil páginas de manuscritos inéditos.

Para elaboração dessa tese trabalha-se com livros editados em português e em inglês, e com alguns textos que circulam no meio reichiano, oficiosamente traduzidos para a língua portuguesa. Uma dificuldade adicional é o processo de tradução das obras reichianas, na maioria escritas em alemão, vertidas para o inglês e, às vezes, para o português de Portugal e, posteriormente, para o português do Brasil, o que implica a crítica permanente das expressões que constam dos textos.

Quanto ao jargão específico da teoria de Reich, adota-se a forma *energia orgone*, que consta de textos em inglês. Em traduções brasileiras aparecem as grafias orgônio, orgon. O Dicionário Houaiss (2001, p.2080) registra as formas orgônio, orgona e seus derivados

orgonidade, orgonomista, orgonomístico. Aos vocábulos dicionarizados, acrescentam-se orgonoterapia, orgonótico, orgonômico, orgonometria, orgonométrico, tradicionalmente usados.

A seção 2 *Panorama científico* mostra que, do ponto de vista histórico, as ciências se caracterizam pelas práticas coletivas de trabalho e de reconhecimento científico. Em abordagem histórica, a psicologia pode ser vista como espaço de dispersão de saberes e em abordagem epistemológica, como caudatária do modelo fisicalista. O campo epistemológico faz notar que concepções dominantes de ciência formam culturas científicas: aristotélica, galileu-newtoniana, determinista-indeterminista e a cultura científica da atualidade, na qual vigoram a incerteza e a contradição.

A seção 3 *Autor e obra* se detém nas questões de leitura e interpretação da obra reichiana e aborda os acontecimentos que contribuiram para a estigmatização da obra orgonômica.

A seção 4 *Pensamento funcional* pretende avançar na questão do modo de pensar funcional que alia intuição às chamadas operações lógicas de raciocínio. O pensamento funcional propõe uma *lógica alternativa não linear* que articula pares de funções antitéticas e simultâneas ao princípio de funcionamento que lhes é comum.

Na seção 5 *Funcionalismo orgonômico - funcionalismo energético* procura-se situar o vínculo histórico do funcionalismo de Reich com a antropologia de Malinowiski, mas reitera-se a acepção própria. Na trama dos conceitos mostra-se que funcionalismo orgonômico consiste numa perspectiva unitária e globalizadora; funcionalismo também significa pensamento funcional, uma lógica; funcionalismo energético é o método, que supõe a lógica, e sua aplicação depende da motilidade energética dos sujeitos. Conhecer depende da pulsação, está fundado na realidade.

Na seção 6 *Energia orgone*, vida, pensamento, busca-se situar o oceano de *energia orgone* como o palco em transformação onde as transformações se sucedem. Reich propõe que a *energia orgone* se potencializa em vida contida na membrana; o vivo se potencializa em pensamento. Como conceito em estado prático, Reich elabora uma pirâmide de complexidades.

HOUAISS,A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

No nível mais complexo, a orgonoterapia caracteroanalítica trabalha, tendo por questões, uma proposta de esperança para o ser humano, valores que emergem do processo terapêutico, visão de mundo e indicações para uma teoria da técnica.

A *Conclusão* da pesquisa é que Reich tem uma obra. Teve equipes de trabalho, colaboradores e seguidores. A construção teórica que Reich propôs é uma abordagem unitária da natureza, na qual o ser humano é pensado do modo mais profundo, através de seu enraizamento energético.

O conhecimento da *energia orgone,* criação do gênio reichiano, explicação da natureza e sensação de pertencimento a si próprio e ao cósmico, consegue trazer à luz as relações simultâneas entre interno e externo, que constituem a preocupação da Psicologia.

2 PANORAMA CIENTÍFICO

Uma didática da invenção
XIII
As coisas não querem mais ser vistas por
pessoas razoáveis:
Elas desejam ser olhadas de azul —
Que nem uma criança que você olha de ave.

Manoel de Barros, 1994, p.23.

2.1 A questão da ciência

Autores dedicados ao estudo da questão da ciência, inscritos em campos teóricos diversos, concordam que a ciência ocupa na atualidade um lugar proeminente na cultura.Atribuem-lhe, porém, prestígio variável quanto as possíveis soluções que ofereceria aos problemas da humanidade.

O historiador Eric Hobsbawm (1995, p.504-536) assinala que as inovações científicas, principalmente na segunda metade do século XX, foram traduzidas com rapidez em tecnologias práticas, presentes no cotidiano mundial, afetando o modo de viver de grande parte das populações. As ciências naturais falam uma língua universal, operam com metodologias próprias e estão concentradas nos países capitalistas desenvolvidos. A ciência dita avançada exige muitos anos de escola e de estudo para ser compreendida e praticada. Em conseqüência, os pesquisadores científicos profissionais constituem-se num grupo quantitativamente reduzido e qualitativamente restrito aos seus pares, as pessoas capazes de entender o que se propõem a pesquisar, "alguém para conversar", alguém apto ao trabalho em equipe de pesquisa científica.

Na visão de Gerald Holton (1998, p.16), após a Segunda Guerra Mundial, o papel da ciência na cultura tem se modificado. De um papel benfazejo, louvada por conter em si os

---

HOLTON,Gerald. *A cultura científica e seus inimigos: o legado de Einstein*. Lisboa: Gradiva, 1998

valores classicos da civilização ocidental — verdade, bondade e beleza — para posições atuais de correntes da contracultura que negam o pressuposto de que a ciência possa conduzir a conhecimento progressivamente aperfeiçoável. Com isso, a procura newtoniana da onisciência — verdade e compreensão; a procura baconiana da onipotência benigna — pelo exercicio autocorretor da honra na investigação cientifica e aplicações que melhoram a condição humana; o encantamento kepleriano — a beleza na estrutura, coerência, simplicidade e racionalidade do mundo são contestados como pressupostos iluministas.

Numa perspectiva histórica do século XX, Hobsbawm situa as ciências num paradoxo: nenhum periodo historico foi delas tão dependente e nenhum, desde Galileu, esteve tão pouco à vontade com elas. A tecnologia com base na ciência já se achava no âmago do mundo burguês do século XIX. Os triunfos da teoria cientifica se transformaram em ideologias — Isaac Newton no século XVIII e Charles Darwin no século XIX. As descobertas elétricas e quimicas no final do século XVIII e inicio do século XIX, assim como os pesquisadores cientificos profissionais, foram reconhecidos como pontas de lança do avanço tecnológico.

No século XX, prossegue Hobsbawm, deu-se a eclosão da ciência e da tecnologia. Alan Turing, em 1935, produziu o trabalho de lógica matemática que, no pós-guerra, forneceu a base da moderna teoria do computador. James Watson e Francis Crick propuseram o modelo da estrutura da molecula de DNA (1953). Os transistores (1948) são subprodutos da fisica em estado sólido sobre as propriedades eletromagneticas de cristais ligeiramente imperfeitos. O uso de aparelhos como o microscópio eletrônico (1937) superou as limitações ópticas. A análise do espectro das galáxias e a questão da expansão do universo, elaboradas por Edward Hubble (1937) e a descoberta por Arno Penzias e Robert Wilson (1965) da radiação de origem cósmica (ruido de rádio) resultaram na moderna cosmologia.

Depois de Hiroshima, afirma o filósofo Michel Serres (1999, p.25-28), o otimismo cientifico foi posto em questão. Houve fisicos que abandonaram a ciência para não participar da construção da bomba atômica. Para Serres, a ascenção da ciência se deu entre 1940 e 1960. Desde Galileu Galilei, a ciência, sempre salvadora, esteve do lado das técnicas e dos remédios,

---

SERRES, Michel. *Luzes. Cinco entrevistas com Bruno Latour*.São Paulo: Unimarco, 1999.

auxiliar do trabalho e da saúde, da razão e das luzes. Com Hiroshima, começou a se colocar "problemas reais do outro lado do universo ético" (p.27). Daí em diante, impôs-se pensar a relação entre ciência e violência, "questão que domina até hoje, da vida ao conhecimento" (p.28).

Outro aspecto da atividade científica é o modo de trabalhar. Até a Segunda Guerra Mundial, segundo G. Holton (1998, p. 66), o cientista típico trabalhava sozinho ou com um grupo de alunos ou colegas. Hoje, a ciência transformou-se numa operação de larga escala, com potencialidade para obtenção de efeitos rápidos e de dimensões planetárias.

Isabelle Stengers (1990, p.100-103), historiadora das ciências, atribui ao trabalho do cientista um enfoque eminentemente político. Para Stengers, a ciência dita desinteressada é uma solução trivial, pois nada ensina. A lenda de ouro da ciência é a de que a natureza dá razão ao indivíduo. O singular na ciência moderna é a invenção da prática original de trabalhar junto. O que permite trabalhar junto é o interesse — etimologicamente, *inter esse*, estar entre. Para um cientista, interessar trata-se de uma questão de vida ou morte. "Para que um trabalho científico tenha valor, é preciso que ele faça a diferença, que interesse *aqui e agora*".

Para Stengers, o cientista propõe uma *ficção*. A passagem da ficção para a realidade, no sentido científico do termo, depende de outros se interessarem e aceitarem que a proposição tenha sentido para eles. O cientista pode interessar, pode ser refutado ou não interessar. Uma proposição que não interessou continua ficção e não produz diferença entre os cientistas; permanece, porém, na história das idéias.

A questão da ciência moderna é "isso é científico?" Stengers caracteriza a ciência como um empreendimento histórico. O cientista não procura a verdade no sentido dos filósofos, a verdade que ele procura é que sua proposição una cientistas e crie história. O cientista que se pretende inovador, deve ser um estrategista de interesses, deve criar vínculos, encontrar aliados e criar relações de força favoráveis. Numa proposta utópica, Stengers conceberia os cientistas como estrategistas lúcidos, capazes de compreender tanto os sentidos dos interesses, quanto as instituições científicas, atravessadas pelos mesmos conflitos de interesses e tensões sociais e

---

STENGERS, Isabelle. *Quem tem medo da ciência.*? São Paulo: Siciliano, 1990.

políticas das sociedades na qual elas se desenvolvem.

De outro ponto de vista, o filósofo Michel Serres (1999, p.115) opina sobre as limitações ao cientista e à pratica de uma ciência: "seria preciso, obrigatoriamente, pertencer a uma disciplina estruturada, tanto em seu conteúdo quanto nas instituições; de onde um jogo organizado de ensino, de mestria, de alunos, de laboratórios e de patrocinadores, de revistas e de edições".

Na análise de Hobsbawm (1995), o progresso das ciências naturais provocou rupturas: quanto à realidade fundada na experiência dos sentidos ou imaginável pelos sentidos e as descobertas dos cientistas, e quanto ao tipo de lógica baseado no senso comum ou por ele imaginado e a ciência. Para os cientistas, significou um rompimento com as certezas e metodologias de seus campos. Para as ciências, uma dependência cada vez maior da matemática e do uso de aparelhos. Na ciência, uma suposição básica tornou-se fundamental. Como na poesia de John Keats — "beleza é verdade e verdade é beleza"— uma bela teoria, em si, uma presunção de verdade, deveria ser "elegante, econômica e geral" (HOBSBAWM, 1995, p. 521), deveria unir e simplificar como até então os grandes triunfos da teoria científica o fizeram.

No século XX, as ciências estiveram à frente do grande projeto de compreender a natureza. Na expressão de Ilya Prigogine e Isabelle Stengers (1997, p. 157), realizando o "diálogo com a natureza ", que transforma a ciência contemporânea em "ciência humana feita pelos homens e para os homens, uma escuta poética da natureza" (p. 215).

A discussão de Prigogine e Stengers (1997, p.163-179), em *A nova aliança,* sobre a renovação da ciência contemporânea na qual uma nova síntese, produzida pela convergência de pesquisas, contribuiu para o abandono da idéia newtoniana de que a teoria científica deveria ser universal, determinista, fechada, tanto mais objetiva quanto não contivesse qualquer referência ao observador, tanto mais perfeita quanto atingisse um nível fundamental, escapando à erosão do tempo.

Para Prigogine e Stengers (p. 1), o advento da mecânica quântica, da teoria da relatividade e da teoria das estruturas dissipativas configura a metamorfose das

---

PRIGOGINE, Ilya, STENGERS, Isabelle. *A nova aliança*. Brasília: Ed. UnB, 1997.

ciências.Trata- se de uma expressão de profunda transformação, na qual é abandonado o ideal de inteligibilidade da ciência moderna, que pretende a completa matematização da natureza, e seu correlato, a previsibilidade. A questão surgiu da investigação de sistemas longe do equilíbrio, regiões da realidade marcadas pela instabilidade, por um tempo irreversível e inventivo, e por um devir imprevisível. É o caso dos processos geológicos, climáticos e ecológicos, regiões inexploradas por sua própria natureza.

De acordo com Prigogine e Stengers, o tempo penetrou na biologia, na geologia, na ciência das sociedades e das culturas e nos dois níveis do qual era excluído em proveito de uma lei eterna — o nível fundamental, em que as partículas se sucederam nas descobertas de níveis cada vez mais e mais fundamentais — e o nível cosmológico, no qual se busca a lei universal que substituiria a de Newton — a teoria unitária — ainda não encontrada. Com isso, a suposta simplicidade do nível microscópico foi abandonada. Os únicos objetos de comportamento verdadeiramente simples são os da escala macroscópica, os primeiros objetos da ciência newtoniana: planetas, corpos graves e pêndulos. A simplicidade e o equilíbrio são exceções. As duas revoluções teóricas do século XX foram, segundo Prigogine e Stengers, ponto de partida para novas possibilidades teóricas; na época, foram vividas como apogeu, crise e descoberta dos próprios limites pela física.

A ciência se deslocou da concepção clássica do mundo — *fenômenos imutáveis, situações estáveis, causalidade, legalidade, determinismo, mecanicismo, racionalidade* — para o conjunto de temas — *a vida, o destino, a liberdade, a espontaneidade.* Conhecimento científico na atualidade significa a pluralidade de enfoques e releituras científicas e filosóficas a que Prigogine e Stengers (p.203-226) chamam de *reencantamento do mundo.*

Prigogine e Stengers chamam atenção para o entendimento de que a metamorfose das ciências contemporâneas não é ruptura (p.224). Marinheiros e camponeses sabem que não se manda no tempo nem se empurra o crescimento de seres vivos, tal como na *physis.* Quando descobrimos a natureza no sentido de *physis,* podemos compreender a complexidade das questões da ciência da sociedade. Podemos compreender o mundo como natural quando compreendemos que fazemos parte dele, mas se desvaneceram as antigas certezas. Nenhuma estabilidade como tal é garantida ou legítima, todas são produtos das circunstâncias e estão a

mercê delas. "Chegou o tempo de novas alianças [...] entre a história das sociedades, de seus saberes e a aventura exploradora da natureza" (p.226).

Elida Sigelmann (1995, p.4) mostra que o diálogo com a natureza tomou uma nova feição, a partir das questões que se colocaram nas revoluções da teoria da relatividade e da mecânica quântica. A tendência renovadora eclodiu nas ciências físicas, químicas, biológicas e matemáticas, "rompendo com os dogmas intocáveis do positivismo e do racionalismo".

Gerald Holton (1998, p. 96-I23) aponta como a imaginação do cientista, que pode ser descoberta em registros e notas de laboratório, se vale de três instrumentos raramente referidos: a imaginação visual, a imaginação metafórica e a imaginação temática, principalmente na fase nascente da pesquisa, embora os tipos de imaginação não expliquem o enigma do processo criativo.

A imaginação visual (p.96 -114) esteve presente na formulação do conceito de éter e na formulação do átomo. Ernest Mach perguntava se alguém já havia visto um átomo, no entanto, o físico C.T.R.Wilson, em 1912, obteve fotografias de partículas, primeira prova irrefutável da existência de descontinuidades atômicas. Na geração seguinte de instrumentos de percepção criou-se a câmara de bolhas, propiciando novas descobertas. Na história das ciências, constata-se "a capacidade para criar imagens mentais úteis, a partir de difusas imagens ópticas e assim converter percepções vagas em conhecimento sólido" (p.102), a exemplo de Galileu Galilei, ao construir o telescópio e pesquisar o céu.

A imaginação metafórica (p.114-116) é usada pelos cientistas, ainda que alguns filósofos a considerem por como alheia à ciência, mesmo que a metáfora seja considerada a essência da poesia por ter base na ilusão. No século XIX, o físico Thomas Young criou uma analogia entre luz e som, frutuosa e de notável ousadia na transferência de significado. O físico Enrico Fermi usou a analogia nos primeiros passos para a formulação do reator nuclear.

A imaginação temática (p.116-123) se refere à prática de deixar um tema agir como guia na investigação quando não há boas provas disponíveis e, muitas vezes, em face de provas aparentemente contrárias. É o que Karl Popper chamou de suspensão da crença.

SIGELMANN, Elida. A homogênese das teorias psicanalíticas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia., Rio de Janeiro*, 47 (2), p. 3-17, abr.-jun. 1995.

Dois textos de Isabelle Stengers*[1], no âmbito da história das ciências, comentados por Virginia Kastrup (1996), relacionam invenção e ciência. Para Stengers, a ciência é inventada no século XVI, através de Galileu, e reinventa-se na atualidade. A ciência passa a ser entendida como emergindo de um fundo de elementos heterogêneos, conceituais, especulativos, técnicos e políticos, de um conjunto de práticas coletivas. Ainda que a investigação possa ser eventualmente desenvolvida por um único cientista, caso raro na atualidade, os enunciados devem ser submetidos aos fóruns científicos que funcionam como parlamentos, onde os critérios de cientificidade são permanentemente formulados/reformulados pelos próprios cientistas.

Distanciada da epistemologia, Stengers considera que a singularidade da ciência moderna se deve à invenção de uma prática científica que, em Galileu, se confunde com a invenção do dispositivo experimental, pelo qual o cientista pretende realizar a distinção entre sujeito e objeto do conhecimento científico. A experimentação, portanto, não presupõe, mas cria a diferença entre sujeito e objeto. Trata-se de uma distinção prática e não filosófica.

O dispositivo experimental aparece como possibilidade de colocação à prova, das hipóteses, das invenções ou ficções do cientista. Apresentando-se como testemunho fidedigno, é capaz de provar que as invenções são verdadeiras descobertas. A invenção científica surge como um ato arriscado que pode ser desmentido pelo dispositivo. Fica marcado que é próprio da ciência expor-se ao risco, e só assim pode aspirar ao reconhecimento coletivo que caracteriza o funcionamento do mundo da ciência. O caráter singular da ciência moderna é dado por um tipo de racionalidade inventada, que não opera de forma especulativa, por demonstração ou dedução lógica, mas através do agenciamento com um certo dispositivo material, fazendo falar o fenômeno, para vencer o poder da ficção pela produção de testemunhos capazes de fazer a diferença entre invenção e descoberta da verdade.

A comunidade científica funciona sem critérios de cientificidade fixados *a priori*, mas em constante movimento. Os julgamentos seriam locais e a cada caso. O aparecimento de um

---

KASTRUP,Virgínia. Isabelle Stengers e o problema da invenção da ciência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro,48 (4), p.90-105, out./dez. 1996.

1 Os textos são: STENGERS, I.. *Les concepts scientifiques: invention et pouvoir* Paris: Galimard, 1991; STENGERS, I.*L'invention des sciences modernes*. Paris: Decouverte, 1993. V.Kastrup menciona que o primeiro título foi escrito em colaboração com Judith Schlanger e publicado em 1988 (ver p.90, 91 e 95).

trabalho poderia concorrer para a reformulação dos critérios de julgamento e para a aceitação consensual destes critérios no campo científico.

Poder-se-ia concluir que nas leituras da história das ciências, a ciência é entendida como produção humana inserida no contexto cultural, na qual desenvolvimentos científicos e produtos têm implicações sociais, sociológicas, ideológicas, econômicas, psicológicas e políticas, de âmbito mundial.

O campo de pensamento da filosofia também discute como determinada área do conhecimento pode ser considerada científica.

Para Alan F. Chalmers (1993, p.211-216), filósofo da ciência, os filósofos não têm recursos que os habilitem a legislar sobre os critérios a serem satisfeitos para que uma área do conhecimento seja considerada científica. Cada área do conhecimento pode ser analisada por aquilo que é. Podem ser investigados seus objetivos, meios e grau de sucesso conseguido. Uma área do conhecimento pode ser criticada por seus objetivos, métodos e assim por diante. Não há uma categoria geral "a ciência". Uma teoria pode, de fato, alcançar certos objetivos melhor do que outra e o julgamento de indivíduos e grupos pode estar errado sobre o assunto. Chalmers destaca que a ideologia da ciência envolve o uso do conceito de ciência e de verdade, em geral associado a posições conservadoras; as categorias ciência e método científico podem ser usadas para suprimir áreas de estudo. "Não podemos defender ou rejeitar legitimamente itens do conhecimento por eles se conformarem ou não a algum critério pronto ou acabado de cientificidade" (p.215).

Newton da Costa (1997), no campo da filosofia da ciência, expõe que a atividade científica se executa no decorrer da história e não parece transcender a história de modo completo. Aspectos sociais, econômicos e a psicologia do cientista influenciam-na, mas a análise de grande porção dos fundamentos da ciência pode ser feita independentemente desses fatores, entre amplos limites. A ciência se desenvolve dentro de balizamentos metafísicos que lhe dão sentido; se aceitos, a ciência se justifica racionalmente. A distinção entre ciência e não ciência não é nítida, fundamentando-se em normas metodológicas. Nas várias ciências procura-

---

CHALMERS, Alan. *O que é ciência, afinal ?* São Paulo: Brasiliense, 1993.
COSTA, Newton C..A. da . *O conhecimento científico.* São Paulo: Hucitec, 1997.

se algum tipo de verdade, reitera N. da Costa. Há vários tipos de verdade pressupostas na atividade científica — verdade como correspondência, verdade pragmática, verdade como coerência — cuja concepção define o conhecimento científico pretendido. O que interessa não é o conceito de verdade presumido pelo cientista em sua disciplina, mas o presumido pela ciência. A definição de ciência é, por si, pluralista. Ciência pura, ciência aplicada e tecnologia são modalidades da ciência contemporânea. As concepções tradicionais da lógica e da matemática encontram-se superadas e as matemáticas alternativas parecem fadadas a transfigurar a atividade científica. "A ciência empírica, em determinado sentido é una, sobretudo a sua dimensão lógico-metodológica geral" (p.19). Se houver diferenças entre a lógica e a metodologia das ciências naturais e das ciências humanas, "isto decorre não das características básicas desses dois grupos de ciências, mas de particularidades lógico-metodológicas secundárias" (p.19).

Dar sentido ao mundo, hoje, deriva de sistemas de pensamento da ciência. Segundo Luiz Alberto Oliveira (2000),

> a ciência nos provê de *imagens de mundo*, as metáforas em torno das quais apreciamos o mundo e que dependem da eficiência da prática científica de acumular e renovar seus enunciados, sempre provisórios, sempre adaptativos, um deslizar conceitual. A ciência experimental tem o atributo de estabelecer o diálogo experimental com o mundo natural e esse diálogo deve ser traduzido em quantidades através de procedimentos de mensuração. Uma espécie de imaginação rigorosa toma as medidas e constrói um modelo, uma operação imaginativa, quase poética, forma um sistema simbólico que toma o lugar do próprio fenômeno. O modelo pode ser confrontado com variações do fenômeno e assim serve para fazer previsões. Trata-se de um *jogo*, de um conjunto de regras, de uma aposta, que permite antecipar. Tal como a arte, a ciência pode penetrar no invisível e extrair o visível. A verdade que se produz é uma *verdade estratégica*, momentânea, sujeita à mudança (informação verbal).

Newton da Costa (1997, p.161) caracteriza a verdade científica como uma *quase-verdade*. Como corolário tem-se que não há verificação cabal de teorias, dado que são quase verdadeiras, nem há falsificação de teoria porque uma boa teoria se restringe, se necessário ao seu domínio de aplicação (p. 199). A teoria é uma rede de símbolos cujo contorno se ancora no oceano empírico que entra em contato com o universo, tal como interpretamos; uma quase-verdade sob crítica permanente. "O que permanece é, finalmente, uma construção simbólica, da

---

OLIVEIRA, Luiz Alberto. Introdução à complexidade. Notas de aula. Rio de Janeiro. In: *ABIC*, 2 sem.2000

mesma especie que Hilbert requer em matemática" (H.WEYL apud COSTA, N., p.53).

Dado o atual avanço das ciências, é difícil a um único especialista dedicar-se a todos os tópicos da teoria da ciência, tanto devido ao progresso das ciências quanto ao da lógica e da metodologia, porque "ninguém mais domina estas duas disciplinas completamente" (p.19).

N da Costa adverte que qualquer obra de extensão limitada e redigida por um único autor, devotada à filosofia da ciência, deve ser de natureza restrita e monográfica ou de índole geral e esquemática. A filosofia da ciência, ressalta N.da Costa, engloba três tipos de questões: epistemológicas (análise crítica da ciência), lógicas (estrutura lógico-formal da ciência), metodológicas (metodologia científica). No futuro,

> as disciplinas reais, física e biologia, tremendamente matematizadas, deverão subsistir.As demais reduzir-se-ão a elas. A biologia encampará as ciências humanas e as revolucionará com o auxílio da física. A física dedicar-se-á às leis e teorias que regulam o universo, na parte ou no todo. Os organismos serão investigados pela biologia. Talvez a biologia se converta em capítulo da física. Fora da ciência natural, fundada na física, restarão a filosofia, as ciências formais, a tecnologia, as artes e a religião (COSTA,N., 1997,p.32).

Para Newton da Costa, a ciência consiste em sistema de conhecimento alcançado por caminho racional, com o propósito de conhecimento científico, isto é, uma série de crenças verdadeiras e justificadas, dentro das fronteiras da racionalidade. Seu instrumento se pauta na razão, isto é, na capacidade de conceituar, julgar (em particular, de criticar), de inferir, e de criar, "tecer redes conceituais que servem como urdiduras de referência, de coordenadas para nos orientarmos nas circunstâncias" (p.37).

2.3 A questão da Psicologia

A psicologia, desde que surgiu,enfrenta problemas de justificação — é ou não é ciência? problemas de autonomia — é dependente ou independente? problemas de objetivo — é ciência do comportamento humano? é limítrofe da metafísica e da filosofia?

O filósofo Luiz Alfredo Garcia-Roza (1975), em dissertação de mestrado sobre a história do saber psicológico, aborda as teorias psicológicas, desde Aristóteles até John

---

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Esboço de uma história do saber psicológico.* Fev.1975. Dissertação de Mestrado em Psicologia. UFRJ.

Broadus Watson, organizando-as em três grupos de saberes psicológicos — como ciência natural, como saber sobre a subjetividade, e a emergência da noção de comportamento.

Garcia-Roza caracteriza a psicologia (p. 3-7) como um espaço de dispersão do saber, cuja coerência interna é ideal inatingível. Na psicologia há mais diferenças do que identidades; sua história não é contínua ou evolutiva, porém, descontínua. A dispersão é inerente à psicologia. O saber psicológico é conjunto aditivo, não estrutural, porém, Garcia-Roza ressalva que em ciência alguma existe unidade.Trabalha-se em psicologia com *conceitos* pertencentes às ciências, com *noções* retiradas das práticas ideológicas e são "costurados" sob variados critérios, seja pela visão continuista da história da psicologia, seja por considerarmos que as rupturas indicam novas emergências, embora a escolha de uma ou outra perspectiva não seja totalmente arbitrária. No material de estudo que a história da psicologia fornece, a psicologia entendida como ciência natural nada tem em comum com a psicologia entendida como saber sobre o psiquismo — nem o objeto nem o método nem o tipo de problemática. O saber que foi se formando se constituiu como saber filosófico, biológico, físico etc... Foi somente a partir de um saber psicológico constituído (embora com limites muito imprecisos) que os historiadores puderam vasculhar o saber ocidental e, retrospectivamente, procurar analogias que justificassem a inclusão de um determinado texto na história da psicologia.

A dispersão, a multiplicidade, a descontinuidade, incomodam. "O homem gosta de unidade. Pretende um deus único, uma verdade única e, por que não, uma psicologia única" (p. 99). Nem a psicologia foi inventada por Goclenius que, em 1590, introduziu o termo *psicologia* no vocabulário filosófico, nem teve início único.

Nos três grupos de saberes psicológicos que Garcia-Roza organizou, encontram-se:

— na série que se inicia com Aristóteles e segue até Augusto Comte, um saber nitidamente biologizante, encerra uma "típica visão naturalista do indivíduo", que tanto poderia ser chamada de psicologia, biologia, fisiologia ou física;

— na série que se inicia com René Descartes, passa por William James e Henri Bergson e segue até a fenomenologia, esse saber se coloca como representação. Não fala da consciência real, fala de uma consciência possível, descarnada, que poderia ser humana, animal ou angélica em que o mundo tem que caber dentro do modelo de representação;

— o terceiro grupo, formado pelos cientistas do comportamento, afirmava uma obsessão positivista pela objetividade e, em nome da ciência, erigiu uma não-ciência.

Garcia-Roza chama a atenção para a psicologia mais recente. Mesmo tendo por objeto a subjetividade, era o modelo mecânico da física que os teóricos procuravam aplicar à realidade (p.102). A conclusão de Garcia-Roza é a de que, na psicologia, é melhor falarmos de diferenças e não de saber cumulativo ou evolutivo. O behaviorismo se aproxima da concepção de ciência pela objetividade e gosto pela experimentação e se afasta pela ausência de produção conceitual e teórica. Os psicólogos da consciência foram pródigos em teorias demasiado especulativas que não davam margem às experimentações nem atendiam ao requisito de objetividade.

Quanto às ciências humanas, sua dificuldade, precariedade, incerteza como ciência, proximidade com a filosofia, seu apoio mal definido em outros domínios do saber, seu caráter secundário e derivado, e sua pretensão universal, falam da complexidade da configuração epistemológica em que se encontram colocadas.

Em relação ao período estudado, Garcia-Roza conclui que: 1) o termo *psicologia* designa um saber disperso, não coerente; 2) a dispersão decorre da própria constituição desse saber; 3) a história desse saber é descontínua e não progressiva, podendo-se falar em continuidade apenas no interior das regiões que a compõem; 4) um estágio de completa cientificidade desse saber implicará na emergência de um novo saber irredutível ao anterior; 5) no interior desse saber há procedimentos científicos, mas não produção científica; 6) a existência e a positividade desse saber independem de sua cientificidade; 7) a emergência da noção de comportamento não caracteriza a passagem da pré-ciência para a ciência psicológica; 8) poderíamos escrever várias histórias da psicologia; 9) o termo *psicologia* seria mais adequado se escrito no plural; 10) não pode haver nenhum critério preciso para se avaliar se determinado saber é ou não psicológico.

A situação da psicologia clínica em vista da ciência pós-moderna é o tema do pensar de Elida Sigelmann (1991), a partir da constatação de que as teorizações da física impuseram novas problematizações a outras áreas do conhecimento como biologia, neurofisiologia,

---

SIGELMANN, Elida. A ciência pós-moderna na psicologia clínica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia* . Rio de Janeiro, 43 (3-4), p. 36-44, jul -dez 1991

medicina e psiquiatria — "mudanças drasticas na concepção de racionalidade, métodos, princípios e cosmovisão" (p.37).

Método e tipo de raciocínio que fragmentavam a realidade em partes conectadas por uma sucessão de relações causais caracterizaram a concepção mecânica da realidade. Ao quebrar-se a dualidade sujeito-objeto, a noção de substância material e a relação de causa e efeito se esgotam. Surge a relação organismo-meio-ambiente, dela participando aprendizagem, comunicação, autonomia e criatividade.

Se na relação homem-natureza, o homem desempenha o papel de operador e de conhecedor, torna-se imprescindível à psicologia considerar o conjunto das dimensões específicas do homem — sensação, sentimento, emoção, intuição, relações interpessoais, organizações sociais, grupais e familiares.

Na psicologia, no entanto, o que se observa é a dificuldade para o desvencilhar-se do mecanicismo, do modelo reducionista cartesiano e do modelo sistêmico (p. 38-39), dado que:

— para o mecanicismo, é incompatível a emergência de novas maneiras de organizar a realidade interna e externa, devido à insistência no objetivo de cura;

— para o modelo reducionista cartesiano é incompatível a idéia de relação e a atividade de interação organismo-meio-ambiente;

— para o modelo sistêmico, segundo Ludwig von Bertalanffy, trata-se de abandonar mecanicismo,paralelismo psicofisico, idealismo, vitalismo e tomar consciência quanto à inadequação do sistema de raciocínio e encontrar instrumentos conceituais próprios.

Na atualidade, observa Sigelmann (2000), o modelo sistêmico é considerado linear e a teoria da complexidade postula a rede como superação da linearidade (informação verbal)

À psicologia clínica, face à adoção de novos parâmetros para a ciência atual, impõe-se trocar — o absoluto pelo relativo, a fragmentação pela totalidade, a certeza pela incerteza, o previsível pelo imprevisível. A busca de adaptação está esgotada, impõe-se a busca da construção de si mesmo, da autoorganização, das experiências compartilhadas, da realização de tendências naturais.

SIGELMANN, Elida Notas de aulas. In: *Instituto de Psicologia*.Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2000.

Sigelmann compara as dificuldades a superar na ciência para a transformação da racionalidade. Conforme Alexandre Koyré, a reconstrução da realidade exige ultrapassagem dos limites da percepção e do modo como a percepção foi modelada. Nesse sentido, a proposta de Sigelmann de comparar conceitos mecanicistas a conceitos compativeis com sistemas dinâmicos e holísticos visa compreender a diferença entre modelos epistemológicos. Sigelmann analisa as oposições — substância x energia; objetividade x subjetividade; causalidade x interação; tempo e espaço x tempo-espaço; parte x todo; estabilidade x instabilidade; previsibilidade x imprevisibilidade; pensamento dualista x pensamento unitário; saúde x enfermidade; individualização x contextualização — e suas implicações para a psicologia.

E. Sigelmann (1995, p.3-9) pesquisa sobre a possibilidade de interpretar a evolução da psicologia clínica contemporânea com base no conceito de *interação*. O conceito de interação "constitui-se numa força que perturba a ordem dos sistemas implicados e dá origem por transformação a uma nova ordem que se sucede dinâmica,contínua, interminavelmente" (p. 5). O papel da interação é o de articulador das modificações conceituais que produz, mantém e sustenta a dinâmica de funcionamento do sistema, segundo Maluf (apud SIGELMANN, p.5-6).

No caso das teorias psicanalíticas, em *Projeto para uma psicologia científica* (1895), S. Freud considerava que, para ser científica, a psicologia deveria ser quantitativa, mecânica e submeter-se às leis gerais do movimento, concepção que já não se encontra em *Análise dos sonhos* (1900), observa Sigelmann.A pesquisa mostra que as numerosas transformações do pensamento freudiano ocorrem desde o grupo inicial, sobrepondo-se e criando novas organizações complexas, dentro do espírito racionalista e fisicalista da época.

> Encontram-se pensadores que criaram teorias com o propósito de contratacar as idéias de Freud, outros mudaram a terminologia, mas mantiveram a atitude e a estrutura psicanalítica,outros ainda integraram a psicanálise às suas formulações inovadoras, ou apenas desenvolveram aspectos parciais da psicanálise (SIGELMANN, 1991, p.5).

As teorias psicanalíticas, portanto, desenvolveram-se como um processo homogênico, isto é, um processo em que observam-se semelhança de partes devido à origem comum, enquanto outras partes produzem o novo (p. 6). Observou-se, na prática clínica, o aspecto empírico da interação. Na psicanálise, rompeu-se o dogma da neutralidade científica na relação terapêutica e a relação analista/paciente pôde ser entendida como relação entre pessoas com

espaço para a crença na capacidade subjetiva do paciente para auto-organizar-se. Importante observação veiculada na pesquisa de Sigelmann é a de que "a intromissão da interação em psicanálise ocorreu sorrateiramente, sem que tenha havido consciência da profundidade dos seus efeitos sobre a epistemologia que lhe servia de base" (p. 7).

A investigação de Sigelmann retoma a avaliação da concepção de ciência vigente na psicologia e cita uma crítica de Maluf: "o que espanta é a ausência, em psicologia, de um compromisso com uma concepção 'alternativa' de ciência". Maluf acusa os psicólogos de teimosia quanto à fidelidade a um modelo científico decadente que, na melhor das hipóteses, resulta paradoxal. Para Maluf persiste "a adoção de uma crença absoluta em a necessidade dos estudos experimentais (clínicos) obedecerem à lógica de uma *objetividade galileana-newtoniana*, enquanto usam termos provenientes de áreas não experimentais, como por exemplo a noção de força do ego" (apud SIGELMANN, p.7).

2.3 A questão epistemológica

O epistemólogo Ued Maluf (1997), em *Cultura e mosaico,* analisa os cenários do pensamento científico até a atualidade, enfatizando as transformações havidas no pensamento ocidental e elabora uma cartografia com base na concepção de ciência dominante no período.

Assim, a cultura científica derivada da hegemonia do pensamento de Aristóteles, que Maluf caracteriza como cultura I, se inicia no século IV a.C. e termina em Galileu-Newton, nos séculos XVI a XVIII, em que a certeza absoluta, a certeza do senso comum, a *verdade,* é garantida pela lógica aristotélica.

A cultura helênica, caracterizada pela compreensão orgânica do homem e da natureza e pelo ideal de educação, foi reduzida ao legado aristotélico, devido às influências da física ou ciência aristotélica, que envolvia natureza, mundo e humanidade. Física e metafísica formavam um corpo único, até que no século II a.C. se separaram e Metafísica passou a ser "aquelas coisas que se seguem às coisas físicas". A cultura aristotélica se caracteriza como uma cultura da causalidade, da analiticidade, e do regime da não-contradição.

MALUF, Ued. *Cultura e mosaico*. Niterói:Sol Nascente,1997.

Uma segunda cultura científica, a que Maluf chama de cultura II, vai de Galileu-Newton a Albert Einstein, Ernest Rutheford, Niels Bohr, Max Born, Max Planck, Erwin Schrödinger e James Clerk Maxwell, isto é, dos séculos XVII a XX.. Destaca-se pela certeza matemática, vinculada à mecânica clássica e "solidária das implicações determinísticas da noção de força, conforme representada pela certeza como evidência da trajetória" (p.16). A física e a filosofia galileana-newtoniana dominam, de acordo com *Os diálogos*, de Galileu e *Princípios de Filosofia Natural*, de Newton. O livro de Newton funda a filosofia moderna suscitando o problema da ausência de evidência do senso comum e faz emergir o anti-sensorialismo da noção de aceleração. Nem em Descartes, com a dúvida metódica, a certeza absoluta se esgotou, dado que o método cartesiano redunda numa dúvida estratégica, que leva a uma certeza subjetiva, daí a uma certeza objetiva e, ao final, à certeza absoluta. Maluf mostra que o determinismo se preserva como a face metamorfoseada da cultura aristotélica e é, paradoxalmente, transmitido como legado à teoria da relatividade e mecânica quântica.

Descartes assegura ao pensamento, a salvaguarda da existência. Newton, conhecido por sua rigidez lógica, não só endossa a noção de causa, como se funda na certeza derivada do experimento:"não formulo hipóteses" e, assim, baseava-se na precisão da ciência quantitativa. Para Prigogine e Stengers (apud MALUF, p.34), o nascimento da ciência moderna é decorrente da institucionalização de duas noções — causalidade e função. Para René Thom (apud MALUF, p.35), a *noção de função* foi uma *imagem* formada a partir da descrição de trajetórias dos corpos pesados (obuses de artilharia), está na origem da revolução científica galileana e foi útil à modelização de certo grupo de fenômenos. Função, causalidade, determinismo, caracterizam essa cultura.

O mecanicismo racional da física newtoniana encontra na trajetória associada ao determinismo, uma garantia de certeza. O determinismo se acopla à noção de causalidade. Dado que, na mecânica clássica, as equações do movimento levam "da descrição do estado inicial de uma trajetória a qualquer um de seus estados futuros ou passados" e, com isso, obtém-se a história, passado, presente e futuro de um objeto ou sistema (apud MALUF, p.39), trajetória e determinismo são formas redutoras.

O marquês de Laplace formulou a mecânica celeste e conseguiu transformar em paradigma o sistema de pensamento da mecânica de Newton, instituindo previsibilidade, estabilidade, determinismo e racionalidade como corolários da vinculação sistema-trajetória. A filosofia e a cultura da certeza se fundam no texto clássico de Laplace, *Ensaio filosófico sobre as probabilidades*, no qual se encontra a definição de determinismo: "o estado presente do universo pode ser considerado não só como efeito do estado anterior e como causa do que lhe vai suceder" (LAPLACE apud MALUF, p.53).

A filosofia newtoniana inspirou o fisicalismo. O fisicalismo é uma tese oriunda do empirismo lógico, movimento das primeiras décadas do século XX, que pretendia a reconstrução lógica de todas as ciências, assim, cada termo da linguagem das ciências — da biologia, da psicologia e das ciências sociais — poderia ser redutível aos termos da linguagem física.

Maluf apresenta alguns aspectos que formam a base das epistemologias subjacentes aos estudos reducionistas ou fisicalistas:

> a) lógica do método hipotético-dedutivo, fundado na filosofia experimental galileana-newtoniana, com resultado de eficiência; b)cisma definitivo entre ciência e metafísica; c) admissão tácita do modelo científico clássico como única maneira de conformar as ciências da natureza, ou as ciências em geral. A crença básica do fisicalismo é a de de que a certeza absoluta pode ser garantida pela perfeição matemática da trajetória (MALUF,1997, p.41).

O fisicalismo clássico ficou restrito à tradição experimentalista, radical e antiintrospeccionista da psicologia, conforme proposto por John B.Watson. O primeiro estudo fisicalista, de inspiração newtoniana, é do século XVIII. A tradição fisicalista culmina na psicofísica (séc.XIX) — relação entre estímulo físico e sensação — de Wilhelm Weber e Gustav T. Fechner, o estudo da teoria das três cores de Thomas Young e Herman von Helmholtz e os estudos de Wilhelm Wundt sobre a psicologia, do ponto de vista das ciências da natureza. Nos anos 80, apareceu o fisicalismo quântico como tentativa de redução dos processos conscientes à mecânica quântica. Nos anos 90, coube a Roger Penrose trabalhar a questão da máquina pensante.

A influência de Newton está presente no mecanicismo. Descartes concebia o homem como um relógio. Os Enciclopedistas institucionalizaram essa concepção. O século XVIII utilizou a metáfora da máquina como a única descrição aceitável para os fenômenos da vida,

através de um modelo mecânico, cuja representação é a da estrutura de um relógio. Offroy de La Mettrie deu contornos definitivos à idéia. Jacques de Vaucanson construiu autômatos e a idéia chegou à atualidade com os robôs.

Maluf cita Ludwig von Bertalanffy que no livro *Robots, hombres y mentes* levanta questões epistemológicas e metodológicas e critica o emprego inadequado de modelos da física em psicologia, particularmente, a cibernética e a teoria dos autômatos, teorias que estão inseridas na chamada cultura II.

> Durante a primeira metade do século XX, a psicologia encontra-se dominada por uma perspectiva positivista-mecanicista-reducionista, que pode ser sintetizada na imagem do homem autômato. Em que pesem as diferenças teóricas entre psicanálise, behaviorismo, neobehaviorismo, aprendizagem através da experiência, 'máquinas pensantes', e simulação do comportamento, todas essas escolas ou métodos compartilham de um conceito fundamental [o supramencionado homem autômato] que lhes serve de esquema *a priori* na investigação experimental e clínica, nas teorias psicopatológicas, psicoterápicas etc...(BERTALANFFY,1972,p.108 apud MALUF, p.55)(grifo do autor).

Uma terceira cultura científica decorre, nas décadas de 1920 e 1930, das discussões havidas entre Einstein, Planck, Heisenberg e outros, sobre determinismo e indeterminismo em ciência. As revoluções científicas da relatividade e da mecânica quântica (princípio das incertezas) inaugura a era das incertezas, com a desvinculação dos cânones euclidianos (espaço) e newtonianos (tempo). A mecânica quântica postula o "reconhecimento de uma incerteza basilar na natureza, a impossibilidade de mensuração simultânea e precisa da posição e da velocidade". A teoria da relatividade postula a "curvatura do espaço e o tempo não mais absoluto; a continuidade espaço-tempo; o contínuo de quatro dimensões que não é nem tempo nem espaço; uma geometria comum que mistura *bits* de espaço com *bits* de tempo, a relatividade especial" (p.58). Novas geometrias mostraram a pluralidade de mundos geométricos em oposição à unicidade de um mundo geométrico euclidiano.

Na evolução do universo, a escala em que ocorreria a Grande Unificação, em que relatividade e mecânica quântica seriam um corpo único, com existência de uma força única em vez das quatro forças conhecidas (gravidade, eletromagnetismo, força nuclear forte e força nuclear fraca), é o *tempo de Planck*. Esta noção e a noção de *comprimento de Planck* são escalas da criação e aniquilação da matéria em que há suspensão da redução ontológica e a

suspensão do vínculo da contradição. No século XIX, James Clerk Maxwell já havia derivado as equações da eletricidade e do campo magnético de uma única força, o eletromagnetismo.

A chamada cultura IV derruba as certezas, pela demonstração da impossibilidade da determinação das condições iniciais como garantia das condições finais. A contemporaneidade se depara com a perplexidade no domínio dos constituintes da matéria. Dentre as muitas diferenças entre a especial partícula *bóson* e as demais partículas, resulta que dois *bósons* podem ocupar o mesmo lugar no espaço, ao mesmo tempo. A ciência física contesta a metafísica de Aristóteles. Dado que o princípio da não contradição tornou-se inaplicável ao feixe das realidades, a era da redução ontológica e da certeza, do determinismo, da causalidade física está encerrada. Segundo Maluf, doravante todo o pensamento científico está sob a égide das incertezas e da contradição.

A cartografia das culturas científicas, afirma Maluf, evidencia a profunda solidariedade entre ciência, filosofia e cultura. A primeira questão que se coloca é a da solidariedade entre ciência e cultura, daí advindo a transformação radical da cultura, da técnica, da tecnologia, do da economia, da política, do modo de viver. A solidariedade entre ciência, filosofia e cultura , lembra Maluf, pode não estar evidente, porém, dependendo de decisão política, pode produzir ou a cura de doenças ou a bomba atômica. Segundo Prigogine (apud MALUF, p.16), essa solidariedade pode representar uma ameaça à autonomia da ética.

O panorama científico contemporâneo mostra que "a força imaginativa de um conquistador de novos territórios do conhecimento" (J.-Y.BÉZIAU apud COSTA,N., 1997, p.12) é uma exigência. Nessa seção, pretendeu-se percorrer o referencial teórico vinculado a diferentes campos do pensamento, que possam contribuir para resgatar e sistematizar o pensamento orgonômico de W. Reich.

3 AUTOR E OBRA ORGONÔMICA

Palavra de um artista tem que escorrer
substantivo escuro dele.
Tem que chegar enferma de suas dores,de seus
limites,de suas derrotas.
Ele terá que envesgar seu idioma ao ponto de
enxergar no olho de uma garça os perfumes do
sol.

Manoel de Barros, 1998, p.17-18.

3.1 Autor

Se a "unidade primeira, sólida e fundamental é a do autor e sua obra", como afirma Michel Foucault (1992), em *O que é um autor?*, a obra orgonômica está, indissoluvelmente, ligada ao seu autor W. Reich, que se auto-define:"eu soube salvaguardar a minha motilidade" (In: *Éter*, p.58).

Se, conforme Foucault, "a marca do autor é a singularidade de sua ausência", a *marca do autor* W.Reich é o pensamento funcional, produzido *na* e *pela* motilidade do autor.

Se a obra existe, afirma M. Foucault, porque o *nome do autor* "faz os textos se relacionarem entre si" e indica que "o texto deve ser recebido de determinada maneira", W. Reich afirma a sua maneira de produzir e a maneira do texto ser recebido — por intuição e operações lógicas de raciocinio*[1], que se consagram no modo de pensar funcional orgonômico.

O autor W. Reich se caracteriza por seguir sua intuição na pesquisa. Como nota o filósofo Michel Serres (1999, p.92), o autor que segue sua intuição faz pouquíssimas menções às influências e origens e se dedica a desenvolver seu pensamento: "a intuição vem na frente, a abstração a segue e a demonstração se vira e alcança a pé, como pode". Reich expressa sua

---

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa:Vega, 1992.
SERRES,Michel.*Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour*.São Paulo:Unimarco,1999. Original:1992.
1 A lógica implica operações,portanto, *lógica de raciocínio* seria a expressão adequada. A expressão *operações lógicas de raciocínio* envolve redundância. Neste trabalho, porém, será mantida a expressão cunhada por Reich, quando as afirmações forem as que ele emitiu.

lógica de raciocínio ao registrar os passos que foram seguidos na teorização e na pesquisa experimental, reiterar os processos de confirmação exaustiva de resultados realiza um balanço de seu pensamento, sistematizando os rumos da construção teórica. Reich impõe a si próprio uma visão retrospectiva da obra.

Reich imprime continuidade e sequência à obra, ainda que a tenha construido paulatinamente, ainda que repita temáticas, embora sob diferentes critérios de análise, ainda que no desenvolvimento do texto possa haver lacunas.

O leitor pode perceber o movimento do autor, que parece deslizar de um conceito a outro e integrar conceitos e assim transformar o conhecimento. Nessa perspectiva, a obra reichiana pode ser estudada como processo, como unidade, o que não significa atribuir-lhe foros de perfeição ou de verdade absoluta. A aspiração de W.Reich produzir conhecimento cientifico conduziu-o, através da experimentação, por caminhos e soluções inéditos. Dado que na perspectiva funcional, "a sensação é uma forma de sondar a realidade" (In: *Éter*, p.107), a idéia da experimentação foi introduzida no processo terapêutico criando um modo "experiencial" para o paciente perceber sensações e bloqueios e perceber seu jeito de (não) sentir, até que a couraça ceda e "possa acontecer a entrega às sensações de corrente plasmática" (In: *Análise*, p.439). O processo terapêutico reichiano traz em si um traço nietzscheano "de viver de acordo com" (MARTON, 2000, p. 21-35), no caso, viver em contato com a motilidade energética.

Do ponto de vista da ciência contemporânea, entende-se por autor aquele que obtiver os efeitos de ter interessado e, assim, reafirmar a vitalidade de sua obra. Pode-se afirmar que W.Reich tornou-se autor de uma obra através da consecução de seus objetivos de criar teoria e técnica, de reunir equipes de trabalho e obter reconhecimento, no sentido de que sua teoria persiste e tem sido objeto de estudo.

Reich *interessou* no âmbito da Psicologia e nela construiu um modo de pensar. Se pioneiro é aquele que abre questões, Reich foi pioneiro em psicologia política com seus

---

REICH, Wilhelm. *Análise do caráter*. Viseu: Martins Fontes, [198-?] Original:1933.
REICH,Wilhelm. *Éter,deus e diabo*.[Curitiba]:[s.n.],[199-?]. Original:1949.
MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*.Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

textos sobre o fascismo; em psicologia comunitária com seus projetos sobre higiene mental e política sexual. Com seus textos sobre psicanálise e marxismo e análises sobre as raízes do totalitarismo, Reich influenciou o chamado movimento de contracultura dos anos 60. Foi pioneiro quanto a questões ambientais, climáticas, formuladas do ponto de vista do homem inserido na natureza; também o foi no que se refere a questões de prevenção de neuroses e sua relação com o cuidado materno-infantil e a educação na primeira infância; assim como na relação da psicossomática com a saúde emocional. Nem todas essas questões tiveram o mesmo grau de reconhecimento, algumas nem serão abordadas nessa pesquisa, mas é importante registrá-las. Reich desenvolve uma visão de psicologia que contempla aspectos sociais, políticos, educacionais, culturais e sociológicos .

3.2 Bastidores

As questões do autor e da obra não respondem suficientemente por que teria Reich passado à posteridade como um autor controvertido, de obra quase-maldita. Nos conflitos que perpassaram vida e obra misturam-se temperamento de Reich, posições e oposições ideológicas e teóricas e o contexto histórico-social-político da temível *Era de Catástrofe*.

O amigo Ola Raknes*[3] (1988, p.21) situa a reputação de agressividade de Reich no tempo de invenção da teoria do caráter e da análise do caráter. Em vez de interpretar o material que os pacientes traziam, Reich passou a se concentrar no *modo* como traziam o material e no *modo* de se comportarem. Nos anos 20 e 30, segundo Raknes, isso redundou em oposições e críticas.

Reich percebeu que a receptividade havia mudado porque sentiu frieza em Freud, ao lhe oferecer como presente de aniversário o manuscrito de *Psicopatologia e sociologia da vida sexual*, a ele dedicado. Reich guardou este texto sobre a teoria do orgasmo para publicá-lo no ano seguinte. Reich notou que "de repente se descobriu que eu era muito agressivo, 'montado no meu cavalo de batalha' exagerando a importância da genitalidade" (In: *Função*, p. 117).

RAKNES, Ola. *Wilhelm Reich e a orgonomia*. São Paulo, Summus, 1988.

3 Ola Raknes foi psicoterapeuta, pesquisador, escritor e conferencista.Viveu na Noruega. Foi paciente e amigo de Reich, acompanhando-o de 1934 a 1957.

Uma carta de Freud para Lou Andreas-Salomé, de 9.5.1928, confirma:

> Temos aqui um certo doutor Reich, um bravo mas impetuoso domador de cavalos de batalha que agora venera no orgasmo genital o antídoto contra qualquer neurose. Talvez ele possa aprender com a análise de K. a sentir algum respeito pela natureza complexa da psique (ROUDINESCO, 1988, v.2, p.59).

Reich comunicou a Freud o desejo de afastar-se da clínica individual e entrar na cena social, a partir dos achados de seu trabalho com as classes populares na clínica psicanalítica. Unir Freud e Marx era uma tendência na Europa (In: *Entrevista,* p.112). Reich avaliou (In: *Entrevista,* p.81) que ter consstituidoo trabalho popular como movimento político foi seu grande erro.

> Fiz todo aquele trabalho sociológico nas bases da sociedade. Neste ponto surge a decepção de Freud. Penetrei na sociologia que, naquela altura, se confundia ou era idêntica à política.Eram uma coisa só. E aqui havia outro homem,outro gênio, Karl Marx. Comecei a me interessar por Marx e Engels em 1927 (REICH,W.In: *Entrevista,* p. 52).

Instaurou-se a controvérsia com Freud. "A teoria do orgasmo e a técnica de análise do caráter foram ambas rejeitadas e nunca mencionadas por Freud em seus escritos. Tive que prosseguir por mim próprio,de 1928 em diante, com a designação de Economia Sexual"(In: *Entrevista,* p.58). Em palestra na casa de Freud, Reich defendeu o esforço da Psicanálise na prevenção de neuroses e, portanto, o enfoque na família. Freud o advertiu de que não era essa a tarefa da psicanálise. Em 1930, na última visita a Freud, houve uma áspera discussão. Freud reiterou: "Não é nosso propósito ou propósito de nossa existência salvar o mundo". W. Reich comentou que chegara à mesma conclusão "depois de ter experimentado 20 anos de peste emocional"(In: *Entrevista*, p.64).

Berlim, 1930: as conferências de Reich, realizadas quatro a cinco vezes por semana, se constituiram em sucesso de público, pois "50 mil pessoas estiveram presentes no primeiro ano de trabalho" (In: *Entrevista*, p.57). O projeto *Sexpol* começou em 1931 e, em poucos meses, obteve 40 mil filiados. "Eu tinha traçado as consequências sociais da teoria da libido. Na idéia de Freud isso foi a pior coisa que fiz" (In: *Entrevista*, p.52).

REICH,Wilhelm. *Psicopatologia e sociologia da vida sexual.* São Paulo:Global,1975. Original:1927.
ROUDINESCO, Elisabeth. *História da Psicanálise na França:a batalha dos cem anos. Vol. 2:1925-1985.*Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1988.

A publicação do artigo *O caráter masoquista*, na Revista Internacional de Psicanálise, talvez tenha sido o ponto culminante da discórdia. O artigo se constitui num estudo de caso ao qual não se aplica a hipótese da pulsão de morte. O editor Freud só permitiria publicá-lo, se o artigo fosse precedido de uma nota na qual constasse que o autor W.Reich estava "a serviço do Partido Comunista contra a pulsão de morte" (In:*Análise,* p.261-262). Ao invés da nota, foi publicada uma réplica, *A discussão comunista da Psicanálise e a refutação de Reich da hipótese da pulsão de morte,* escrita por Siegfried Bernfeld (BOADELLA, 1988, p.88).

A sucessão de conflitos se intensifica. Reich foi expulso do Partido Comunista Alemão. Diz Reich: "nunca fui um comunista no sentido usual. Nunca fui um comunista político. Gostaria que isso ficasse bem gravado. Nunca. Ó, sim, trabalhei na organização" (In: *Entrevista*, p. 110). A mencionada publicação de *Psicologia de massas do fascismo*, a inclusão nas listas de Hitler e de Stalin de pessoas a serem eliminadas; os livros queimados em Berlim e a fuga para Viena, foram episódios de iminente risco de vida. A Editora Psicanalítica, em Viena, negou-se a publicar *Análise do caráter*, mas ofereceu ajuda na distribuição do livro.

Reich pediu permissão de residência e trabalho na Dinamarca. O Ministério da Justiça rejeitou a petição. A Associação Psicanalítica Dinamarquesa solicitou o apoio de Freud para que Reich pudesse permanecer na Dinamarca como analista didático e diretor científico. Freud negou ajuda: "reconhece em Reich o estatuto de psicanalista e critica sua ideologia política que considera interferir no trabalho científico" (In: *Entrevista,* p.160, nota). Segundo Raknes (1988, p.46), "Freud limitou-se a responder que não considerava Reich a pessoa mais capacitada para introduzir a psicanálise na Escandinávia".

Reich tentou o visto na Suécia, de onde escreveu a Otto Fenichel, cartas extensivas "aos psicanalistas noruegueses", "para divulgação entre os analistas simpatizantes do marxismo"; "ao grupo de materialistas dialéticos"; e a carta não enviada, destinada "ao grupo de analistas em oposição" (In: *Entrevista*, p.160-170).

Sigmund Freud já anotara em seu diário (2000, p.171): "1.1.1932 - Passo contra Reich".

REICH, Wilhelm. O caráter masoquista. In: *Análise do caráter*. Viseu: Martins Fontes,[198-]. Original: 1933.

Anna Freud, em carta a Ernest Jones, enfoca "o perigo que Reich representa e não hesita em explicitar o desejo do pai, S.Freud, de que se desembaracem de Reich como membro associado" (WAGNER, 1996,p.33-43).

O relato mais conhecido foi escrito por Ernest Jones (1979, p.736): "Reich se exonerou da Associação*[4]. Freud o tinha em alta conta no começo de sua carreira, mas o fanatismo político de Reich conduziu tanto ao rompimento pessoal quanto científico".

Reich obtém visto de residência temporária na Noruega. Ola Raknes relata seu encontro:

> O que me impressionou mais que tudo , quando encontrei-me com ele foi a sua extraordinária vitalidade, a sua vivacidade e o seu fascínio.[...] havia nele qualquer coisa de quente e de amigável que tornava fácil falar- lhe [...] demonstrava uma clareza de pensamento, uma coordenação natural dos assuntos que tratava e uma abertura atenciosa para as opiniões dos outros participantes,que tornavam sua pessoa e suas idéias o epicentro da reunião (RAKNES, 1988, p.49).

A.S. Neill*[5] relata o começo da amizade com Reich:

> Em 1937, fiz uma conferência na Universidade de Oslo. [...]O presidente da mesa me disse: "Você teve um homem ilustre entre o público dessa noite- Dr. Wilhelm Reich" [...] Ficamos conversando até o amanhecer[...] Ao partir, eu disse: Reich, você é o homem que eu procuro há anos, o homem que une o somático ao psicológico.Poderia ser seu aluno?[...] Só poderia aprender submetendo-me ao seu sistema que, então, ele denominava vegetoterapia e, mais tarde, terapia orgônica.Tudo o que posso dizer sobre essa experiência é que tive mais reações emocionais e alívios depois de seis semanas com sua terapia do que em em vários anos de análise através da fala (NEILL apud BOADELLA, 1985, p.325).

Raknes (1988, p. 47-48) assinala o surgimento da chamada campanha norueguesa, contra o trabalho de Reich, no outono de 1937, a partir de discussões teóricas havidas na Sociedade Psiquiátrica. Quando foi publicado o livro *Die Bione*, no qual Reich afirmava ter observado a biogênese em laboratório, houve tempestades mecanicistas e ortodoxas, mas nenhum cientista, mesmo convidado, dispôs-se a acompanhar os experimentos, o que exigiria uma semana. Nessa campanha, a imprensa deu espaço para os defensores de Reich e deu mais espaço para os opositores e só amainou quando Reich conseguiu visto para emigrar para os

---

ARQUIVOS SIGMUND FREUD. *Diário de Sigmund Freud 1929-1939. Crônicas breves*. Porto Alegre:Artes Médicas Sul, 2000. Original:1992.

WAGNER,Cláudio M. *Freud-Reich: continuidade ou ruptura*. São Paulo: Summus,1996.

JONES, Ernest. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1979. Original:1961.

NEILL, Alexander S. O homem Reich. In:BOADELLA, D. *Nos caminhos de Reich*.São Paulo: Summus, 1988.

4 A expulsão de W. Reich da Associação Psicanalítica Internacional ocorreu no 13° Congresso Psicanalítico Internacional, realizado em Lucerna, de 26 a 31 de agosto de 1934.

5 A.S.Neill, diretor da escola inglesa de Summerhill, na qual adotou conceitos reichianos, foi amigo de Reich, de 1937 a 1957.

Estados Unidos: tinha convicção e alertou os amigos noruegueses de que Hitler invadiria a Noruega.

Ilse Ollendorf Reich*[6] (1978) relata que Reich, para amigos ou não, era um gênio, um homem de grande vitalidade e grandes contradições. Cita o que a colaboradora norueguesa Nic Waal escreveu sobre Reich: "tinha a verdadeira inocência e a inquieta inteligência penetrante do criador" (p.21). Podia ser paciente, assim como duro e impaciente, com assistentes e colaboradores, pois esperava que seguissem seu ritmo.

> Em muitos de seus escritos, principalmente os últimos, Reich pressupõe que o leitor tenha um conhecimento de fatos e teorias que são óbvios para ele. Parece saltar e deixar lacunas, fazendo com que o material pareça, no meu entender, mais difícil e desorganizado do que é na realidade (REICH, I.O., 1978, p.22).

No primeiro incidente nos Estados Unidos, agentes do FBI, sem explicações, levaram Reich de sua casa, no Natal de 1941. O advogado o localizou no dia seguinte, em Ellis Island, junto com centenas de pessoas detidas.Theodore Wolfe e o advogado tentaram descobrir qual seria a acusação.O FBI esteve na biblioteca de Reich e confiscou *Mein Kampf*, de Hitler, *My Life*, de Trotski e um alfabeto russo. Reich foi interrogado pelo juiz sobre a posse desses livros e posto em liberdade em janeiro. Por ser austríaco, Reich foi considerado estrangeiro amigo.Ilse, por ser alemã, estrangeira inimiga. Por viver com estrangeira inimiga, Reich precisava de permissão para filmar, ainda que no laboratório. Ilse precisava de permissão para a viagem Nova Iorque-Maine, mas Reich não (REICH,I.O., 1978, p.90-91).

Médicos americanos insistiram para que Reich prestasse exame para habilitação médica em Nova Iorque, legalizando a sua situação. Reich não quis, alegou que era bastante conhecido e não exercia a medicina. Posteriormente, nos ataques à obra de Reich, a questão da falta de licença surgia, inevitavelmente.

A atividade produtiva da equipe se intensificou. Pacientes com câncer compareciam à casa de Forest Hills para usar acumuladores e fazer exame de sangue. Foram construidos os

---

REICH,Wilhelm. *Os bions*. [Curitiba]: [s.n],[199-?]. Original: 1938.
REICH, Ilse Ollendorf. *Wilhelm Reich:una biografia personal*. Barcelona: Gedisa, 1978.Original:1971.
6 Ilse Ollendorf Reich foi casada com Reich de 1939 a 1954. Seu livro é valioso registro do cotidiano de Reich: temperamento, modo de trabalhar, amigos, desenvolvimento da teoria, conflitos, relações de trabalho e familiares.

acumuladores portáteis e fundadas editora, instituto de pesquisas e jornal.Grande número de psicólogos e psiquiatras procuraram formação em terapia psiquiátrica do *orgone*. No verão, Reich trabalhava no Maine. Lá comprou uma granja abandonada, onde instalou Orgonon.

Peter Reich nasceu em 1944. Reich passou a observar o bebê. Concluiu que muitos pontos de vista sobre educação estavam equivocados e iniciou estudos sobre a educação infantil e prevenção de neuroses. Em 1946, Reich adotou a cidadania americana. Era um cidadão convicto,que cumpria as leis e comunicava seus projetos de pesquisa às autoridades do governo.

A campanha em jornais e revistas sensacionalistas contra o trabalho de Reich eclodiu. Ao final de 1948, ficou claro que a Associação Psiquiátrica Americana estava contra a difusão da orgonoterapia porque os médicos que a praticavam começaram a ter problemas nos locais de trabalho, assim como na prática em consultório, ao se negarem a abandoná-la. Vinte e três médicos fundaram a Associação Americana para a Orgonomia Médica. Começaram a surgir os comentários de que Reich "era muito brilhante até 1934, mas se tornara esquizofrênico" (REICH,I.O.,1978, p.122). Ao mesmo tempo, o interesse pela obra de Reich crescia e o trabalho experimental estava sendo feito na Inglaterra, Dinamarca, Suiça e Itália.

A Fundação Wilhelm Reich foi legalmente registrada no Maine como instituição educativa e sem fins lucrativos, em 1949, compreendendo o acervo experimental e teórico em Orgonon; uma clínica de pesquisa para crianças em Nova Iorque; Orgone Institute Press, Centro de Investigação Orgonômica Infantil (estudos sobre a criança saudável, do pré-natal á adolescência) e uma clínica de pesquisa, em Forest Hills. Essas instituições funcionavam segundo a democracia do trabalho. No ano seguinte, somaram-se a Clínica de Diagnóstico do Instituto Orgone (seleção de candidatos à formação e encaminhamento de pacientes para terapia) e a Clínica de Energia Orgone (exames de sangue para diagnósticos), em Forest Hills.

Ilse Reich relata que W. Reich escreveu a A.S.Neill, dizendo que estava muito só, "poucos colaboradores entendiam realmente o que estava fazendo", destacando Ellsworth Baker e Theodore Wolfe (REICH,I.O.,1978,p.133). Em outra carta a A.S.Neill, Reich lamenta que "para seguir com seu trabalho sem deformá-lo, tenha que prescindir do reconhecimento público e dos contatos humanos"[...]" Eu não mudei com respeito a minha linha faz 20 anos, só a segui até mais longe" (REICH, I.O., 1978, p.140). Num volume de *Superposição cósmica*, W.

Reich escreveu para Ilse a dedicatória: "Durante o período de fazer ou morrer" (REICH, I.O., 1978. p.140).

A pressão aumenta. Em 1953, os médicos orgonomistas receberam cartas de advertência da associação médica. Em fevereiro de 1954, começou o ataque da Food and Drug Administration - FDA culminando na proibição da distribuição de *acumuladores de orgone.*

James De Meo (1995, p.14-15) relata que devido à abertura dos arquivos da FDA, em nome da Lei de Liberdade de Informação, sabe-se que Reich se ofereceu para cooperar com os investigadores. Estes recusaram porque "queriam 'pegar Reich' a qualquer preço, impulsionados por pessoas que ocupavam cargos de poder em comunidades médicas, através campanhas de jornais de classe". Quando a FDA expediu uma *Queixa por Injunção*, Reich se recusou a comparecer ao tribunal para proceder como "o 'defensor' em questão de pesquisa básica natural". Escreveu uma *Resposta* (*Prática de Abstenção*) para o juiz . Em termos jurídicos, ressalta De Meo, este foi um caso único na história americana: a FDA conseguiu um *Mandado de Injunção* do Tribunal Federal, em 1954, que garantia que "a *energia orgone* não existe".

> O tribunal baniu todos os livros que usavam a palavra orgone. Isso incluia os livros onde a palavra proibida aparecia somente no prefácio ou na introdução. Além disso, todos os livros e jornais que abordavam a energia orgone em detalhes tiveram ordem de destruição e os aparelhos que usavam a energia orgone foram desmontados ou destruidos (DE MEO, 1995, p.15).

Os grupos ou associações profissionais não criaram objeções seja à queima de livros, seja ao fato da FDA invadir o laboratório e destruir os instrumentos com machados. O tribunal ordenou a Reich que "parasse de disseminar informações sobre a *energia orgone*, censurando seus escritos e palestras" (DE MEO, 1995, p.16).

Segundo Ilse O.Reich, a batalha judicial se desenvolveu em apelações e audiências.

De Meo (1995, p.15) acrescenta que Reich foi acusado e submetido a julgamento*[7] por *Desobediência ao Tribunal* porque seu assistente, ao tentar salvar livros quando Reich estava no Arizona, teria violado tecnicamente o *Mandado de Injunção.*

DE MEO, James. *O manual do acumulador de orgônio.*Rio de Janeiro:Imago,1995. Original:1995.

7 Myron Sharaf, Ph.D., estudou com Reich durante dez anos e foi tradutor para o inglês dos textos escritos em alemão.Acompanhou Reich até 1957. Seu artigo O julgamento de Reich está em BOADELLA, D. *Nos caminhos de Reich.* São Paulo:Summus,1988.

A sentença foi pronunciada em 1956. A Fundação Wilhelm Reich foi condenada a pagar multa de 10 000 dólares. W. Reich foi condenado a dois anos de prisão e o médico Michael Silvert foi condenado a um ano e um dia.

Em março de 1957, Reich foi preso. Havia sucumbido às pressões de toda ordem e estava doente. Morreu em 3 de novembro de 1957, na Penitenciária Federal de Lewisburg, em situação sobre a qual paira alguma obscuridade (REICH, I.O.,1978, p.191-196).

Libertado em 1958, Michael Silvert se suicidou (BOADELLA,1985, p.304).

Ola Raknes avalia os anos de convivência:

> Se [...] posso dizer como Marco Antonio:"ele foi meu amigo, fiel e justo", não estou seguro se essa descrição pode ser válida para as suas relações com todos os amigos. Todavia os exageros de sua confiança ou desconfiança, no conjunto, são um defeito muito pequeno se comparados à amplitude de sua visão, à sua originalidade e criatividade, à sua compreensão e seu calor humano (RAKNES, 1988, p.54-55).

Uma questão para os pósteros: por que o pensamento de W. Reich é tão ameaçador?

3.3 Para ler Reich

Reich se preocupou com o futuro do seu pensamento. Manifestou seus temores quanto às possibilidades de estagnação:

> Os seguidores tendem a tornar as questões muito fáceis para si mesmos. Tomam a matéria duramente elaborada e operam com ela da maneira mais cômoda possível. Não fazem nenhum esforço para encontrar novas aplicações para todas as sutilezas do método. Tornam-se indolentes e o complexo de problemas deixa de ser um desafio. Espero conseguir salvar desse fado a Economia Sexual.
> (REICH,W.,In: *Função*,p.105).

Dessa passagem, infere-se a leitura que Reich pretenderia para o futuro de seu pensamento — a leitura produtiva e inventiva. "Não quero discípulos,apenas colaboradores", era o que afirmava (NEILL in BOADELLA, 1988, p.332). A obra se constitui no elo de ligação entre autor e pósteros. A obra, portanto, está sujeita a leituras e desdobramentos de diferentes implicações. A leitura que Reich atribui ao seguidor é a que tende a reduzir a obra, a simplificá-la e, desse modo, o potencial transformador do pensamento pode definhar. Na indolência do chamado seguidor, caberiam a repetição, o risco da leitura indulgente e até mesmo o risco da leitura ingênua.

Outros riscos rondam leitura da obra: o risco da leitura talmúdica (BIRMAN, 1996), em que se seguiria o texto como o de um livro sagrado ou o risco da interpretação anagógica, noção de origem teológica, em que se passa de um sentido literal a um sentido espiritual. Reich contrapôs a interpretação anagógica*[8] à interpretação psicanalítica, em *O conflito da libido e o delírio no Peer Gynt de Ibsen*, texto apresentado e aceito para admissão como membro da Sociedade Psicanalítica de Viena.

Uma passagem de Jacques Lacan, em *Escritos,* expressa muito claramente a posição ativa do leitor em relação criativa e produtiva com uma obra:

> Temos todos [...] um sistema de conceitos ao quais somos fiéis, principalmente porque foi elaborado por aquele que nos abriu todos os caminhos dessa experiência, porque ele traz a marca viva das etapas dessa elaboração. Isto quer dizer que, ao oposto do dogmatismo que se nos imputam, nós sabemos que esse sistema permanece em aberto, não somente no seu acabamento, mas em muitas de suas articulações (LACAN apud ESCOBAR *et al.*,1971, p.9).

Na obra de Reich há muito o que pesquisar. Reich mencionou que abria os caminhos e deixava que "outros continuem a construir a estrutura que eu não pude terminar"(In: *Éter*, p.10) e assinalou alguns acabamentos e articulações em aberto — "a consciência e a autopercepção permanecem inexplicadas" (In: *Função*, p.314); "a autopercepção é o problema mais árduo e profundo do estudo da natureza"(In: *Éter*, p.96); "a sensação é o maior enigma de toda a natureza"(In: *Éter*, p.106). Desse modo, faz-se possível afirmar que o pensamento funcional e o funcionalismo orgonômico também constituem um sistema de conceitos que permanece em aberto no seu acabamento e articulações.

Marilena Chauí (1999, p.40), em *A nervura do real,* caracteriza "clássico é aquele que ao pensar nos dá a pensar". Chauí recorre à expressão de Maurice Merleau-Ponty—*reflexão em outrem* — dado que o discurso do escritor, ao nomear aquilo que o leitor está interiorizando, abre uma via para a reflexão de quem lê. No livro *Da realidade sem mistérios aos mistérios do*

BIRMAN, Joel. Psicanálise e teoria da cultura. Notas de aula. In: *Instituto de Psicologia*.UFRJ.1996.
REICH,Wilhelm.*O conflito e o delírio no Peer Gynt de Ibsen*. [S.l., s.n.] [199-?]. Original:1920.
LACAN, Jacques. Escritos. In: ESCOBAR, Carlos Henrique *et al. A epistemologia e a teoria das ciências*. Petrópolis: Vozes,1971.
CHAUÍ, Marilena. *A nervura do real*. São Paulo: Cia das Letras,1998.
8 "Freud vê na interpretação anagógica apenas um regresso às idéias pré-psicanalíticas que tomam por sentido último dos símbolos o que na realidade deriva deles por formação reativa, racionalização etc..."(LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p.23)

mundo. Chauí (1983, p.184), apoiada na obra de Merleau-Ponty, conclui que "pensar não é possuir uma idéia mas circunscrever um campo de pensamento".

Merleau-Ponty, em *Phenomenologie de la perception* (1945, p.208-209 apud CHAUÍ, 1983, p.184), propõe a leitura fenomenológica da obra, na qual o interesse está voltado para os impasses, paradoxos e súbitas guinadas de pensamento: "há, pois, retomada do pensamento de outrem através da palavra, uma reflexão em outrem que enriquece nossos próprios pensamentos". Para Chauí, o que possibilita o paradoxo da *reflexão em outrem* é manter distância do autor, ir deslizando para o interior da obra a fim de pensar nela e com ela, aprender o seu jeito de falar, o seu sotaque. A obra é uma "maneira ativa de ser", que a faz criar dentro de si mesma, a posteridade vindoura de seus leitores-intérpretes.

Numa outra vertente, com base em Louis Althusser que propõe a radical oposição entre leitura literal e leitura sintomal, Carlos Henrique Escobar (1975), em *As ciências e a filosofia*, defende a leitura sintomal como uma "leitura-trabalho a partir de uma problemática científica". Na problemática se encontram o visível e o invisível, o que exige do leitor um "olhar instruído", "um olhar produzido" (p.17). Há que saber distinguir, na problemática, os "conceitos em estado prático", isto é, "os que pertencem ao antigo universo ideológico que lhes serve de referência teórica, mas também concernem a um novo domínio indicando o deslocamento a efetuar-se" (ESCOBAR, 1975, p.18). A problemática é o que constitui as "formas de posição de todo problema num movimento considerado de ciência" (p.19). Assim, todo discurso é discurso de uma problemática ou de uma complexidade de problemáticas com uma problemática dominante.

Para Escobar, o processo de trabalho científico é visto como "transformação", "ciência vivente" de uma matéria-prima ideológica. No processo de trabalho teórico encontra-se a matéria-prima — representações, informações, categorias, conceitos — que, por meio do trabalho do cientista, transformam-se em teoria e prática. Esse é o processo de conhecimento. O objeto da ciência difere da região do real que a ciência aborda. Assim, diferenciam-se: a

---

CHAUÍ, Marilena. *Da realidade sem mistérios aos mistérios do mundo*. São Paulo.Brasiliense,1983.
ESCOBAR, Carlos Henrique. *As ciências e a filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 1975

linguagem teórica, na qual as palavras funcionam como conceito teórico, donde, noção(ideologia), conceito (ciência), categoria (filosofia); o processo de produção do conhecimento; método, modo de tratamento do objeto teórico; ordem de exposição e as relações dos conceitos entre si.

M.Cecília N. Lara (2001) pensa o ato da escrita na criação de Clarice Lispector e contribui para a questão da vida da obra. O ato da escrita traz em latência novos sentidos e interpretações. Para Lispector, o leitor se transforma em o próprio autor. No leitor e através do leitor, vida e obra se entrelaçam. Nessa perspectiva, o texto não é um monólogo do autor. Leitor e autor produzem miríades de intertextos. Assim como os dialetos de uma língua expressam a polifonia dos que a falam, no ato da escrita e da leitura, muitas vozes se revelam e se desvelam. A obra se faz múltipla, viva, dialógica, polifônica e aberta. A obra responde a uma época e o leitor a traz à contemporaneidade.

A questão da vida da obra, tal como preocupava Reich, depende do movimento do leitor. Assim como o autor a inventa, o leitor a reinventa. A *reflexão em outrem* fala do impacto que a obra provoca no leitor, mobilizando seu pensamento para sentir com a obra. A *leitura-trabalho* provoca o leitor para a pesquisa e para a retomada das leituras do leitor que são postas em movimento para a invenção de novas questões.O *ato da escrita* entrelaça autor e leitor: a obra é aberta às interpretações.

Há muitos critérios para pensar uma obra. Uma leitura reichiana da obra reichiana se configuraria como um modo de preservar e reiterar as questões e problemas que Reich articulou e manter o desafio; pretenderia aliar um primeiro momento de intuição, em que sentir a obra, impactar-se com ela, perceber seu encaminhamento, buscar questões que o pensamento contemporâneo pode oferecer ao pesquisador, articulando-as às propostas de Reich.

3.4 Obra

Reich identifica o conceito de função do orgasmo como o fio condutor de sua obra, que o levou a novas questões e teorizações que se articulam. Ao se apreciar a obra do funcionalismo

---

LARA, Maria Cecília Nogueira. *As vozes da ilusão e o tempo do agora na criação de Clarice Lispector.* Ago 2001. Projeto de Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia. UFRJ.

reichiano na seqüência histórica de produção, a sensação do leitor é a de unidade e de continuidade. Ao observar a obra orgonômica quanto às temáticas, a sensação do leitor é a de variedade. A orgonomia não tem fronteiras internas definidas e definitivas. É possível transitar da educação infantil às questões do trabalho, ambientais, meteorológicas, psicológicas, psicopatológicas, biológicas, referidas à unidade da *energia orgone*.

Apresentam-se nos *Apêndices A e B*, respectivamente, um breve histórico sobre a transição para a pesquisa orgonômica, privilegiando conceitos, e notícias breves sobre os textos da orgonomia, privilegiando-se os mais importantes para essa pesquisa.

Os chamados textos orgonômicos podem ser condensados em quatro grandes temáticas:

1 textos em que predomina o objetivo de relatar a história científica, indicando-se, a cada texto, o período histórico que abordam. No todo, documentam o período 1920-1956. Assim: *Os bions* (1931-1938); *A função do orgasmo* (1920-1942); *Pulsação orgonótica* (1934-1944); *Biopatia do câncer* (1930-1947); *O experimento Oranur:primeira comunicação* (1947-1951); *Funcionalismo orgonômico-Parte II. Sobre o desenvolvimento histórico do funcionalismo orgonômico* (1920-1950); *O acumulador de orgone:sua utilização científica e médica* (1939-1951); *CORE* (1952-1955); *Pessoas em dificuldades* (1927-1939); *Reich fala de Freud* (1920-1952); *O affair Einstein* (1940-1941); *Contato com o espaço* (1951-1956);

2 textos em que predominam as questões da teoria e técnica da terapêutica orgonômica: *A peste emocional*; *A linguagem expressiva do vivo*; *A cisão esquizofrênica;* Prefácio à 2ª e 3ª edição de *Análise do caráter*; *Crianças do futuro*;

3 textos que abordam a psicologia política: 3ª edição de *Psicologia de massas do fascismo*; *Escuta, Zé Ninguém; Assassinato de Cristo;*

4 textos que tratam do pensamento funcional energético: *Pulsação orgonótica*; *Éter, deus e diabo; Funcionalismo orgonômico-Parte II; Superposição cósmica.*

Reich elaborou seu pensamento científico a partir das questões teóricas e técnicas que lhe advieram da clínica. Para isto, teve que solucionar algumas questões e problemas teóricos principais em seu trabalho científico:

1 articular a Economia Sexual com independência da teoria freudiana, o que ocorreu em 1928 (In: *Função*, p.13) ou em 1930 (In: *Entrevista*, p. 21);

2 "descobrir as bases biológicas da teoria da libido, através da experimentação"(In: *Função*, p.40) ou "encontrar a fonte de energia psíquica que mantém a neurose: o cerne somático" (In: *Função*, p.91), chegando ao achado da biogênese e à chamada *biofísica do orgone*, assim como à chamada *física do orgone*;

3 desenvolver a Orgonomia, envolvendo a Economia Sexual sob o primado da questão energética. Estruturar o campo funcional orgonômico. Esta é a questão a ser abordada nas próximas seções.

4 PENSAMENTO FUNCIONAL

De repente
Esse homem sorriu
Crianças
Em pleno uso da poesia
Funcionavam sem apertar o botão.

Manoel de Barros, 1999, p.29.

4.1 Funcional, funcionar

Wilhelm Reich escreve, em *Éter, deus e diabo,* que "a proteção da vida requer a bússola do pensamento funcional (em oposição ao pensamento mecanicista ou místico)" (p.15).

O projeto científico reichiano está sintetizado nessa afirmação, que responde à questão maior — *como o homem desencouraçado conhece? como pensa?* Reich articula estruturas caracterológicas, métodos de pensamento e limitações sociais — e distingue o ser humano encouraçado, rígido, que pensa, cria instrumentos e vê a natureza de forma mecanicista, do ser humano encouraçado e místico, que sente as correntes orgonóticas mas não as compreende e vê a natureza de forma sobrenatural. As limitações do modo mecanicista e do modo místico de pensar encontram-se exacerbadas nas suas conseqüências perversas — o primeiro, redunda na produção e uso da bomba atômica; o segundo, sustenta conflitos religiosos em que seres humanos são assassinados por professarem crenças discordantes daquelas que ocupam posição social e cultural hegemônica.

A indagação de Reich caminha no sentido de elaborar um "sistema de pensamento", que contemple a totalidade — "na natureza tudo se interliga", escreve Reich, "animal humano, sua constituição natural, e a natureza que o circunda" (In: *Éter,* p.15). O conceito de natureza em Reich é, portanto, uma figura de totalidade na qual está inserido o observador da natureza que, livre da couraça socialmente imposta, percebe em si a potencialidade do animal humano. A couraça impede o ser humano de perceber com clareza a natureza que o circunda. Daí, a questão

do sistema de pensamento do homem desencouraçado, aquele que percebe a unidade na natureza e pensa funcionalmente. E mais, pensa por si.

Uma primeira questão se apresenta: é possivel um ser humano desencouraçado? Habilmente, Reich argumenta que seu pensamento seria para uma outra sociedade, que venha a se constituir "fora do campo da nossa assustadora civilização mecanicista e mística" (In: *Éter*, p.17), algo para o futuro. Estaria Reich no terreno das utopias, se não considerasse que movimento de defesa da couraça do caráter deve funcionar nas situações em que se faz necessário defender-se. Reich postula uma couraça móvel, situacional, adequada às circunstâncias, funcional. Desse modo, o pensar funcionalmente está integrado a um movimento, a uma moção energética, a uma e-moção (*ex-movere*). A hipótese da utopia transforma-se em *aqui e agora*.

Historicamente, o conceito em estado prático do pensamento funcional está presente em *A respeito da teoria das pulsões* (1923), ensaio recebido com reservas no meio psicanalítico, segundo Reich. O ensaio trata, de modo confuso, do problema da relação entre o conceito quantitativo de impulso (o prazer motor em si mesmo) e o conceito qualitativo de prazer (entendido como qualidade psíquica), pois, até então, função corporal e função psíquica eram entendidas em separado. Reich usa o termo *funcional* para qualificar essa relação. Em *Função do orgasmo* expõe a questão com mais clareza e avalia que, em 1923, havia dado o primeiro passo para a posterior *unificação funcional* do conceito quantitativo de excitação e do conceito qualitativo de prazer. Naquele texto, Reich também critica a atribuição de energia cinética e de energia potencial às sensações de prazer, uma tese de Joseph Breuer*[1], e invoca o argumento a favor das relações psiquismo-corpo, "a fim de não dar oportunidade às acusações de introduzir conceitos fisicos na psicologia" (p. 14). Nessa passagem, mostra que estava ciente da questão fisicalista, oriunda do positivismo lógico.

Reich alinha os pensadores que praticaram o pensamento funcional, ainda que de modo diverso do seu. Cita Charles De Coster, Fédor Dostoievsky, Albert Lange, Friedrich Nietzsche, Lewis Morgan, Charles Darwin, Friedrich Engels, [?] Semon, Henri Bergson, Sigmund Freud,

---

REICH, Wilhelm. *A respeito da energia das pulsões*. [S.l.,s.n] [199-?]. Original:1923.

1 "Todas as idéias sobre energia,estase e descarga vieram de Breuer, enquanto a questão sexual veio de Freud" (REICH, In: *Entrevista*, 1952, p.117, nota 20).

Bronislaw Malinowski "e outros" (In: *Éter*, p.14). A lista é abrangente, moderna, e dela constam alguns filósofos, antropólogo, sociólogo, biólogo, escritor e psicanalista. De um ponto de vista subjetivo, Reich percebe e identifica no pensamento desses autores, filiados a diferentes correntes e disciplinas ditas ou humanas ou da natureza, uma unidade antecipatória que ilumina as condições de invenção (um interessante objeto de estudo) do chamado pensamento funcional.

Em outra passagem, Reich se reporta à "notável" ciência natural da Antiguidade, "cujos princípios estão ainda em vigor", e se apoiava sobre "questões *funcionais* que incluiam a sensação, ao invés de excluí-la". Assim, afirma: "foram as questões *funcionais* e não as materiais que criaram o espírito científico completamente avesso à mentalidade metafísica e mística" (In: *Éter*, p. 89). Aristóteles não está incluido na lista dos precursores do pensamento funcional. Eis que na fundamentação teórica do campo de pensamento funcional surge o traço de influência aristotélica, em defesa do chamado sensório de 1ª ordem.

Reich exclui as hipóteses de estar elaborando uma filosofia (In: *Éter*, p.15), uma teoria cosmológica (In:*Éter*, p.50), ou uma filosofia natural (In: *Funcionalismo*, p. 28). Situa o pensamento funcional como "uma metodologia de pensamento nova [...] requer conhecimento multidisciplinar [...] se diferencia do pensamento costumeiro e unilateral" (In:*Pulsação*, p.15), "um instrumento de pensamento" (In:*Éter*, p.15), "método de pensamento e investigação" (In:*Éter*, p.13), "a técnica do pensamento funcional"(In:*Éter*, p.9), "o novo campo de pensamento funcional" (In:*Éter*, p.12), "a técnica de pensamento em que se baseia a Orgonomia" (In:*Éter*, p. 23), ..."que se choca com as rígidas paredes do pensamento mecanicista (materialismo, atomismo, quimicismo), e do pensamento místico (idealismo, metafísica, espiritualismo)" (In: *Funcionalismo*, p. 9-10), culturalmente estabelecidos.

Funcionar, esclarece Reich, significa "investigar o vivo enquanto força natural, apreendê-lo e protegê-lo" (In: *Éter*, p. 18). Funcionar é referido ao domínio da vida. Se o vivo "funciona", sem propósito ou significado transcendente, o sentido para a vida surge da couraça do organismo humano. "O ser vivo desencouraçado funciona, espontaneamente, sem a menor necessidade moral" (In:*Éter*, p.18). Se *moral* for entendida como "a busca de uma causa que seja digna de explicar e que comporte a justificação" (STENGERS, 2000, p.163), Reich está se

referindo à *necessidade moral* de justificativa e de aceitação da repressão imposta pelos costumes, pela cultura, pela organização sócio-política em vigor. Nesse sentido, o filósofo Clément Rosset (apud TRIGO, 2000) observa que "a realidade não é moral. A moralidade é um véu que cobre a realidade". Reich acena com a possibilidade de o ser humano conviver, mesmo num meio social repressor, guiando-se por si. Nos conceitos de auto-regulação e de democracia do trabalho, Reich pretende inventar *como* funcionariam e se organizariam para trabalhar seres humanos que se guiam e pensam por si. São conceitos que anunciam uma ética.

Uma sutil distinção da subjetividade acompanha o pensamento funcional. Reich fala em *animal humano* e em *sujeito humano*. O observador da natureza *animal humano* exerce sua potencialidade de apreensão da natureza, observando seu movimento interno, através das sensações de órgão. Se funcionar é investigar ou apreender, funcional é o modo. Uma expressão primeira se impõe —*funcional* é o modo pelo qual, em contato com os movimentos do *animal humano* que sente e percebe em si próprio, *o sujeito humano* pensa por si, tendo a vida por referência. Escreve Reich "fiz somente uma 'única descoberta': a função das convulsões orgásticas do plasma" (In: *Éter*, p.11). A motilidade plasmática produz sensações corporais, que constituem as intuições. O observador da natureza *sujeito humano* que percebe seu movimento profundo, dá sentido *racional* às suas intuições. O sentido é racional porque corresponde a *estados reais de movimento do protoplasma*. "A sensibilidade do protoplasma é um fenômeno muito singular que está situado *deste* lado da vida humana e não além dela. A sensibilidade é a peneira pela qual percebemos os estímulos internos e externos: ela é o elo entre o Ego e o mundo" (In:*Éter*, p. 89). A motilidade imprime qualidade singular à observação de si e do mundo e funciona como um sexto sentido orgonótico; as sensações de órgão se situam como instrumento privilegiado de pesquisa da natureza. Na motilidade acontece o que Reich denomina funcionamento unitário do organismo.

Se a subjetividade funcional provém do contato profundo do pesquisador natural com o seu movimento interno, pensar o fenômeno observado, para Reich, não só depende do exercício de uma inteligência privilegiada, mas, antes de tudo, trata-se da expressão do movimento do

---

STENGERS, Isabelle. *As políticas da razão*.Lisboa: Edições 70, 2000.
TRIGO, Luciano. A felicidade do trágico. Entrevista [de] Clement Rosset. *O GLOBO*, 10.ago.2001, Segundo Caderno, p.1.

sistema orgonótico, da matéria viva. "Todas as sensações, reações, idéias do organismo encouraçado são determinadas pelo seu próprio estado de movimento e expressão" (In:*Éter*, p.65). Qualquer impedimento do aparelho sensorial em forma de estagnação do movimento energético produz distorções do pensamento.

Reich estaria se considerando não encouraçado, ou mais realisticamente, considerando que não seria *cronicamente* encouraçado, ao afirmar "eu soube salvaguardar minha motilidade" (In:*Éter*, p.58). Reitera essa afirmação ao declarar "estou a cintilar" (In:*Entrevista*, p.47), na tradução portuguesa. Pode-se supor que a motilidade energética seja a condição subjetiva fundamental para o pesquisador desenvolver, funcionalmente, a chamada *pesquisa natural*. Reich compara o modo de pensar do pesquisador natural ao das crianças. "As crianças são os maiores pesquisadores naturais e os maiores pesquisadores naturais são, primeiramente, crianças brincalhonas conquistando novos campos do conhecimento como meninos dominando seus novos ambientes" (In:*Pessoas*, p.280). Cita que assim acontecera, não só a ele, mas, anteriormente, a outros cientistas, tais como Michael Faraday e Thomas Alva Edison, em seus processos de pesquisa e produção. Tais cientistas, presume-se, teriam contato, eventual ou permanente, com a própria motilidade.

4.2 Intuição

W. Reich está defendendo a inclusão da intuição no método científico e na produção do conhecimento e está discordando da enunciação formal do modo de pensar mecanicista, dado que a intuição é amplamente reconhecida como fundamento da descoberta, da invenção e da criação.

A par da intuição, o prazer lúdico está presente no modo de planejar o experimento: o Reich diz que "brinca com o microscópio, sem idéia do que fazer e colocando tudo sob o alcance das lentes objetivas" (In:*Pessoas*, p. 282). A referência ao brincar, ao jogo, a algo que está presente, mas ainda não percebido, com o qual o *sujeito humano* ainda não entrou em contato, ao momento em que as idéias fluem, fala do estado nascente da pesquisa natural. Reich está evocando o pensamento que vem do contato com o próprio cerne energético.

O cerne energético aponta para o caminho da *intuição*. "Pode-se discutir uma intuição?"

pergunta Serres (1999, p.54). "As grandes invenções, incluindo as conceituais, não se fazem mediante a intuição? Reich se descola do que é sabido, do estabelecido. Em contato com o próprio cerne energético, é possível trabalhar sem estratégias, com prazer. Pensar se transforma no exercício da potência orgástica do sujeito, em *flutuações*, no deixar-se levar no *ritmo da vida*, no qual as idéias são expressões do movimento energético, "não há pontos fixos, tudo flutua" (In:*Éter*, p.37), "tudo está em fluxo", "uma visão preservada na moderna ciência" (In:*Funcionalismo*, p.10). Na fundamentação teórica do campo de pensamento funcional surge o traço de influência de Heráclito e o modo heraclitiano de pensar.

Luiz Alberto Oliveira (2001) mostra que, na terminologia atual, "Heráclito diria que somos feitos de *tempo*; para Heráclito somos feitos de transformação, de incessante desconstruir e reconstituir limites, somos fluxo, somos fluir". Heráclito, no entanto, dizia que somos feitos de fogo — "fogo é a imagem, o fogo é um processo, não apenas uma imagem da transformação, mas a própria transformação se sucedendo" (informação verbal).

A fonte da intuição é perceber a transformação incessante. O sujeito percebe seu movimento interno, o fluir do movimento da *energia orgone*, que Reich chama natural: "se eu tivesse procedido de maneira estritamente científica, em vez de ingenuamente e de maneira brincalhona, nunca teria descoberto a natureza dos *bions* de todas as substâncias que são capazes de dilatar-se" (In: *Pessoas*,p.282). Reich está considerando a espontaneidade no ato de conhecer. Inserir a intuição, "emoção fulgurante, obscura, difícil de definir" (SERRES,1999, p.32), como etapa do processo de pesquisa, a par dos processos de raciocínio, caracteriza a pesquisa natural, o que, decisivamente, afasta Reich do entendimento exclusivamente racional do ofício de pesquisador científico, tal como era entendido na época.

Em *Teoria e realidade*, Mario Bunge (1974, p.11-13) descreve o estado da arte e contextualiza a metodologia das ciências não físicas no período pós-2ª Guerra Mundial, que subverteu o modo tradicional de pesquisas nestes domínios ao ressaltar o valor de teorias, em particular, as formuladas com o auxílio da matemática. Antes, observava-se, classificava-se e especulava-se."Agora, acrescenta-se a construção de sistemas hipotético-dedutivos e procura-se

---

OLIVEIRA, Luiz Alberto. Introdução à Cosmologia. Notas de aulas. Rio de Janeiro. In: *ABIC*,1. Sem. 2001.
BUNGE, Mario. *Teoria e realidade* São Paulo: Perspectiva,1974.

pô-los à prova experimental, até em psicologia e sociologia". Começa-se a entender que "o objetivo da pesquisa não é a acumulação dos fatos, mas a sua *compreensão*".

Essa revolução científica, acrescenta Bunge, foi possível pela colaboração profissional entre técnicos durante a Guerra. Tão logo a guerra acabou, uma avalanche de novas abordagens surgiu: a teoria geral dos sistemas, a cibernética, a teoria da informação, a teoria dos jogos, a sociologia matemática, a linguística moderna, campos respeitáveis servidos por publicações de alto nível. Tudo isso aconteceu em torno de 1950.

Para Bunge,"a metodologia nova" é a seguinte: enunciam-se problemas bem circunscritos, com clareza, de preferência em linguagem matemática; derivam-se hipóteses precisas; buscam-se consequências; produzem-se e examinam-se os dados empíricos para verificar se confirmam ou refutam as hipóteses; discutem-se questões metodológicas e, às vezes, filosóficas, colocadas por toda parte. A nova metodologia científica se caracteriza pela construção de *objetos-modelo* e de *modelos teóricos*. Daí decorre que as diferenças metodológicas se situam entre *objeto e técnicas*, não implicando métodos e finalidades. A finalidade das ciências é encontrar leis. O método é uniforme e dele consta "pressupor a lógica e a matemática, formular problemas, ensaiar hipóteses, pôr à prova as hipóteses e avaliá-las".

A *compreensão* acima postulada não se funda na intuição, mas supõe que o uso do método científico conforme uma *prescrição* seja suficiente e adequado. Está presente a idéia de que o uso normativo e objetivo do método produz *certezas*. Reich também se ocupa com o emprego do *método científico*, caminho que conduz à interpretação científica.

Num texto de 1950, a racionalidade da pesquisa científica leva "da observação à hipótese, à confirmação experimental e à nova descoberta" (In: *Funcionalismo*, p.8). Reich que já utilizava o método hipotético-dedutivo-experimental nas pesquisas experimentais sobre a *energia orgone*, vai pensar a comunicação dos resultados de seu trabalho, segundo esse modelo. No campo do pensamento funcional torna-se explícito o traço de influência do pensamento galileano-newtoniano: além da influência do método, tal como "Galileu instituiu-se em historiador de suas próprias idéias" (STENGERS, 2000, p. 96), também Reich se explica por si, quanto às suas idéias, pesquisas e achados.

O método científico, por sua vez, conduz à *descoberta*, uma posição platônica, em que o cientista desvela a natureza e a natureza se revela ao cientista. A crença que Stengers chamaria a *lenda de ouro da ciência*, a de que a natureza dá razão ao cientista, seria também uma ilusão do modelo científico hegemônico nos anos 40-50. Nessa posição, a descoberta seria uma categoria epistemológica que contemplaria a objetividade. Reich estaria utilizando o método científico como um modelo de racionalidade, sob pressupostos ainda iluministas.

Em *Pessoas em dificuldades,* no entanto, perante a campanha norueguesa contra a teoria do *bion*, Reich faz a autocrítica da sua própria ingenuidade ao apoiar a objetividade dos círculos científicos e dos cientistas naturais: "estava teoricamente cônscio do fato de que a ciência mecanicista é em si mesma um produto da civilização mecânica em relação a sua metodologia, mas eu ainda não estava familiarizado com suas práticas" (In:*Pessoas*, p. 279).

Essa crítica também se faz em relação ao modelo de ciência hegemônico e ao entendimento de que este modelo, fundado na suposta neutralidade do conhecimento científico, poderia oferecer aos cientistas mecanicistas os argumentos para apoiar práticas ditas neutras. O argumento reichiano então se completa: estruturas caracterológicas mecanicistas elaboram produtos científicos mecanicistas, justificam a violência da bomba atômica com o argumento da neutralidade do conhecimento e desconsideram o que é humano. Ao defenderem uma positividade única, coletivamente controlada, reforçam o patrulhamento ideológico. Infere-se, portanto, que não há *neutralidade* no pensamento funcional.

Num texto de 1955, Reich escreve que *científico* significa "a integração de diferentes critérios para a segurança de nossos julgamentos contra o erro, e contra a opinião sem controle" (In: *Core*, vol. VII, p.1). A posição subjetiva do pesquisador natural Reich já não é dependente do modelo científico estrito. A menção ao erro poderia ser interpretada como uma afirmação de que seria possível alcançar *a certeza,* mas o que está em questão é o risco do pesquisador alternar-se entre lógicas de raciocínio e peste emocional*[2]. Para Reich, o ser humano está em face tanto da sua racionalidade quanto da sua irracionalidade. O risco da irracionalidade está presente no âmago, principalmente, se e quando o *sujeito humano* perde o contato com o

---

2 Ver no APÊNDICE B- Textos orgonômicos, a referência ao artigo *A peste emocional.*

animal humano. Reich se preocupa com o erro e localiza a imobilidade dos raciocínios ditos científicos como fonte dos grandes erros do pensamento humano; para ele, essa imobilidade teria impedido que a *energia orgone* fosse descoberta anteriormente. Nesse sentido, a posição subjetiva de Reich seria a de tomar o método científico como orientador da pesquisa científica, mais do que um modelo prescritivo estrito.

Num texto originalmente publicado em 1977 e incluído em *Hermes*, M.Serres (1990. p.125) corrobora que "há apenas 20 anos", um único discurso arrogava-se o direito de falar de ciência. "Os manuais que o continham intitulavam-se lógica e descreviam resultados e métodos, davam normas às teorias e às demonstrações, julgavam o valor do saber, procuravam fundar o conhecimento e terminavam por uma moral". Nesse entendimento, diz Serres, a lógica tratava-se apenas de linguagem, de falar da ciência, de *logos*.

Reich se refere aos "sombrios cursos de lógica em nossas escolas secundárias e superiores". A história da surpresa diante da faculdade humana de pensar, que alcança da filosofia natural a Immanuel Kant, partiu "do homem para a natureza". Em conseqüência, "o homem caiu na armadilha do paralogismo e inferiu a natureza a partir de si mesmo" (In: *Éter*, p.35).

Para ler Reich, para entender Reich, "só podemos partir da natureza para o homem" (In: *Éter*, p.34): eis o ponto luminoso do pensamento funcional, que instaura uma lógica que une natureza e razão.

Reich valoriza a racionalidade humana, mas utiliza o *conceito de razão em sentido amplo*, pois entende que as emoções, funções específicas do protoplasma vivo, movimento involuntário dos fluidos do corpo que transportam *energia orgone*, são primariamente *racionais* — expressam o movimento interno, a motilidade energética. São processos físicos naturais. Uma crítica se explicita na afirmação da racionalidade do movimento energético: "os mecanicistas da psicologia profunda encontraram um meio de acreditar na tese de que todas as emoções derivam das pulsões e por essa razão, são irracionais" (In: *Éter*, p. 63). E continua: "Esta heresia"[...]se deve a que "as emoções primárias racionais e as emoções secundárias

---

SERRES, Michel. *Hermes:uma filosofia das ciências*.Rio de Janeiro: Graal, 1990. Originais: 1969-1980.

irracionais foram confundidas" e são "responsáveis pela tragédia em que vive o *animal humano*" (In:*Éter*, p.64).

Poder-se-ia supor que Reich tivesse produzido um naturalismo, ao propor o agir humano em contato com a natureza que está fora do organismo, o cosmos, e com a natureza que está dentro do organismo, que faz parte do todo natural; ou porque defende a inclusão do sensório de 1ª ordem como instrumento da pesquisa da natureza, ou porque dá à vida e à proteção da vida, uma posição de centralidade em seu pensamento. Também poder-se-ia supor que Reich tivesse produzido um racionalismo, ao propor a orientação das chamadas operações lógicas de raciocínio.

Considerando essas possibilidades, a posição que o pensamento funcional assume, nem é um naturalismo, nem é um racionalismo, mas pretende ser um pensamento integrador entre natureza e razão. Em consequência, foi possível admitir a importância do chamado sensório de 1ª ordem para fundamentar a razão e a importância da razão para dar sentido ao movimento interno e produzir conhecimento.

A integração natureza e razão está presente na imaginação científica do cientista. "Eu devo a descoberta da energia biológica e com ela a *energia cósmica do orgone* a essa diferença entre estrutura e movimento, uma diferença que parece estranha e não científica aos pensadores mecanicistas (In: *Pessoas*, p. 284).

Reich não só discorda da ciência mecanicista como de suas práticas:

> os pesquisadores mecanicistas focalizam de maneira total e exclusiva a estrutura morta dos tecidos coloridos, não entendem que há movimento e que o movimento delicado numa partícula que ainda não foi notada num aumento de 2000 vezes seria visível num aumento de 3000 vezes (REICH,W., In: *Pessoas*, p.284).

Está instaurada a diferença entre a pesquisa mecanicista e a pesquisa funcional. Para a pesquisa funcional — o movimento, o vivo e o movimento do vivo.

Numa passagem da entrevista de 1952, Reich diz que "Freud foi um dos precursores da nova medicina — medicina psicossomática, medicina funcional. Somos os pioneiros nessa direção" (In: *Entrevista,* p.87). Serres caracteriza o *modo medicinal* como "sustentado por uma biologia científica e abstrata, mas que se aproxima da singularidade de determinado indivíduo, e observa os signos de uma determinada doença, ela própria passível de um descrição em termos gerais"(1999,p.125).Uma segunda expressão se impõe — *funcional* é uma visão

unitária da teoria e prática médicas que, no modo de fazer medicina*[3] considera a relação soma-psique, enfocando-as como funções da *energia orgone*.

Surpreendentemente, em *Funcionalismo orgonômico*, Reich escreve que "*função* e *funcional* são palavras que pouco significam porque induzem ao erro" e em psiquiatria, doenças funcionais*[4] significavam doenças imaginárias. Reich não explica em qual acepção adotou o termo e, a seguir, enuncia o princípio de que "funcionamento natural é um processo energético" (p.9-12). Reich emprega termos que ele próprio aponta serem ambíguos ou "ainda mecanicistas", para expressar o pensamento novo que está inventando. Nessa passagem, o texto de Reich é sucinto. Em suma, *função, funcional,* são termos que têm uma acepção própria do pensamento reichiano, permanecem na condição de conceitos em estado prático, mas tentam expressar a unidade.

Delineia-se uma nova questão: por que *função* e *funcional* seriam conceitos não definidos, enquanto o verbo *funcionar* e o substantivo *funcionalismo* são conceitos que recebem alguma definição. A adjetivação aparece nos importantes conceitos *medicina funcional* e *pensamento funcional*. Ao ser mantida a acepção indeterminada, porém, o termo ganha plasticidade para expressar movimento, podendo ser usado "da mesma forma ou de uma forma sempre outra", tornando-se adequado para compor a metáfora da fluidez energética dos sujeitos e do pensamento. Conclui-se que são conceitos que, deliberadamente, permanecem em estado prático. Expressam relações que estão *em flutuação*, transitórias, efêmeras. Assim, função pode retomar seu significado original. Segundo Maluf (no prelo), o significado de "evolução, dinâmico, variável, fluido" (cap. 2.3.2) e "acaso, caos, movimento" (nota 58).

O estudo da *energia orgone* fez de Reich um defensor ferrenho de sua descoberta. A partir dela, Reich elabora uma construção teórica e simbólica e pretende dar uma particular interpretação à questão da *energia orgone*. Nessa perspectiva, o pensamento funcional foi uma

---

3 É frequente a menção nos textos reichianos à questão da teoria e prática psicoterapêuticas estarem inseridas na medicina.

4 Ola Raknes (1988, p.39)esclarece: "quando Reich começou a estudar medicina [1919] havia uma nítida divisão entre doenças orgânicas e doenças funcionais: as orgânicas eram aquelas nas quais uma lesão orgânica podia ser demonstrada ou admitida;as funcionais eram aquelas nas quais tais lesões não podiam ser comprovadas ou admitidas. [...] foram consideradas por muitos-tanto gente comum como médicos-como doenças imaginárias e o tratamente consistia, no mais das vezes,em tentativas de convencer o paciente de que ele não estava doente".

invenção de Wilhelm Reich.

Inventar (*lat. invenire*), segundo Michel Maffesoli (1997, p.191) pode ser entendido na acepção de "*dar à luz novas formas*". Em outra acepção, "*encontrar relíquias ou restos arqueológicos*" (STENGERS, 1983 apud KASTRUP, 1999, p.23). No mesmo texto, Virgínia Kastrup mostra que a invenção opera com uma fenomenologia, que é a iluminação súbita, a instantaneidade, a forma como a invenção se dá à visibilidade. Mas a invenção é uma prática de tateio, de experimentação que é composição e recomposição incessante, que implica o tempo, que se faz com a memória, o campo ontológico do qual a invenção pode advir. M. Serres (1999) assinala que: "o que faz progredir, em filosofia, mas igualmente em ciências, é inventar conceitos e essa invenção se efetua sempre na solidão, na independência e na liberdade, sim, no silêncio" (p.50), "a invenção é sempre solitária" (p. 55), "exige intuição rápida" (p.51), "a intuição é a coisa do mundo mais rara, mas a melhor partilhada pelos inventores, sejam eles artistas ou cientistas, ela dá o primeiro passo" "só a invenção é séria" (p.33), "a liberdade de pensar consiste em reinventar continuamente" (p.61), "o inventar abre, portanto, uma infinidade de invenções" (p.154), o que mostra a importância e o prestígio que a invenção adquiriu na produção teórica.

Uma questão é colocada por Stengers sobre a particularidade das ciências modernas "inventarem os meios para problematizar e por em risco o poder da ficção"; no caso da Orgonomia, a construção de aparelhos orgonômicos já citados e mais — *sala de orgone*, *orgonoscópio*, *mantas de orgônio*, *DOR-busters* — pretendeu "a criação de testemunhos fidedignos", que comprovam a descoberta do *orgone*.

No pensamento orgonômico, não só a concepção da pesquisa, os experimentos, a interpretação dos resultados, mas, principalmente, o conhecimento científico é reinventado com outros dados. Motilidade, sensação de motilidade, intuição, sensação de órgão, *energia orgone*, são *marcas do autor* que se remetem às qualidades energéticas dos sujeitos. São qualidades subjetivas tradicionalmente valorizadas na arte, atividade humana na qual mostram seu vigor criativo. A descrição do cientista ao microscópio,"a contemplar sem objeto

---

MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo*. Campinas: Papirus, 1999.

determinado", se remete à figura do poeta, evoca o *flanneur* de Charles Baudelaire, ou se remete à figura do filósofo, evoca a *iluminação profana* de Walter Benjamin (LARA, 2001). Sente algo, intui, percebe, pensa, investiga, pensa, retorna. Algo da sensibilidade, algo da arte, algo do tempo, *"l'air du temps"*, o sustém. Na ciência contemporânea, a "escuta poética da natureza" faz possível o entendimento de que tanto arte quanto ciência "fazem visível o que era invisível" — o potencial imaginativo e as qualidades sensíveis do cientista são valorizados na cena científica.

Sob protestos mecanicistas, Reich já havia inserido as qualidades da *energia orgone* no modo de pensar do ser vivo desencouraçado e na pesquisa natural. Uma terceira expressão se impõe: *funcional* é a unidade entre o movimento profundo do animal humano e a expressão desse movimento pelo sujeito humano.

Serres (1999, p. 172) afirma: "prefiro a invenção acompanhada do risco de erro, à certeza rigorosa paralela ao risco de imobilidade". De modo diferente, buscando outras relações, Reich associa a imobilidade ao erro e à subjetividade encouraçada; a invenção à motilidade, sensações de órgão, percepção, raciocínio e ao risco do acerto e à subjetividade não encouraçada. Assim, Reich buscou seguir a intuição, expressar seu movimento energético, valorizar a racionalidade e abrandar a impositividade do modelo do método científico, tal como era dominante na época.

4.3 Operações lógicas de raciocínio

Se o princípio geral do pensamento funcional constitui-se como um princípio contra a imobilidade e a favor do movimento, os instrumentos de pensamento, reitera Reich, devem ser reformulados a cada novo tipo de funções e as operações lógicas de raciocínio seguem um modo próprio de investigar a natureza (In: *Funcionalismo*, p.28-30). Nessa perspectiva, o pensamento funcional jamais estaria pronto e acabado. Tal como a natureza, o pensamento funcional seria um permanente refazer-se e implicaria um método de abordagem da natureza que vai da exploração qualitativa, subjetiva, à exploração quantitativa, objetiva, o qual depende das funções energéticas, qualitativas e quantitativas, do observador. O modo funcional de pensar, pretendendo apreender tanto a singularidade do observador quanto a variabilidade da natureza,

busca teorização com a aplicação de uma *lógica*, que se desenvolve a partir da descoberta de uma função (In: *Funcionalismo*, p. 28-29):

1- Toda função descoberta se depara com a questão — qual função é a sua contrapartida funcional? Por exemplo, angústia-prazer são funções ditas pareadas;

2- Em que terceira função são idênticas? Com referência a que propriedades são funcionalmente idênticas? É o seu princípio de funcionamento em comum. Por exemplo, entre prazer e angústia, o princípio de funcionamento em comum é a excitação biológica;

3- Será o princípio de funcionamento em comum condição última irredutível? Por exemplo, as funções *a* e *b* têm o princípio de funcionamento em comum *A*, irredutível;

4- Será o princípio de funcionamento em comum resultado de uma dissociação ou cisão? As funções *c* e *d* têm em comum o princípio de funcionamento *G* que, a sua vez, resulta de dissociação;

5- Se resultado de dissociação e cisão, há que encontrar a nova função que seja a contraparte. Por exemplo: *G* é contraparte de *E* e têm o princípio de funcionamento em comum *F*, no qual as variações *G* e *E* são funcionalmente idênticas.

Em suma — dadas as funções simultâneas e antitéticas, o pensamento funcional busca o princípio que lhes é comum ao funcionamento. Em traduções brasileiras têm sido adotadas, ora a expressão*[5] princípio comum de funcionamento (PCF), ora a expressão princípio de funcionamento comum (PFC), ambas de difícil tradução*[6] e entendimento. Nesse trabalho, considera-se que as expressões *princípio de funcionamento em comum* ou *princípio comum ao funcionamento*, ofereceriam mais clareza. Seriam expressões nas quais, dependendo do observador, ora se privilegia o princípio comum, ora se privilegia o funcionamento em comum, preservando-se os movimentos.

A figura 1 demonstra graficamente a concepção lógica do pensamento funcional.

Figura 1 Funções antitéticas (b,c) e princípio de funcionamento em comum (A). In: *Funcionalismo*, p.29.

5 *Em inglês, common functioning principle.*
6 Um exemplo dessa dificuldade pode ser observado na tradução do texto de *Funcionalismo orgonômico*: o tradutor segue até a página 116 empregando a expressão *princípio comum de funcionamento* e, daí em diante, emprega *princípio de funcionamento comum*.

A lógica funcional possibilita expressar posições teóricas reichianas:

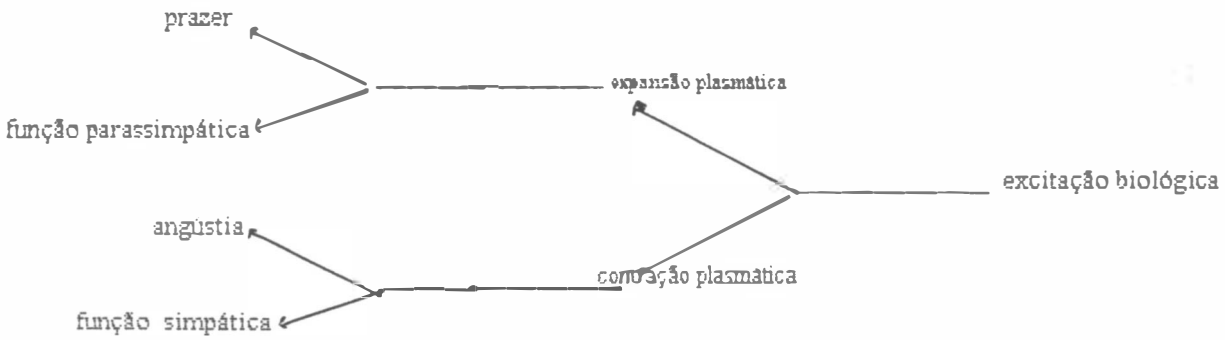


Figura 2 Campo funcional da excitação biológica. In: *Funcionalismo*, p.30.

A chamada figura 2 propõe relações em transformação. A expansão plasmática e sua contrapartida, a contração plasmática, têm por princípio de funcionamento em comum a excitação biológica, isto é, a capacidade da excitação fluir em direções opostas, tanto para a periferia quanto para o centro e são, a sua vez, princípios de funcionamento em comum de funções antitéticas e simultâneas, prazer/função parassimpática e angústia/função simpática. Na transformação, a sensação de prazer pode surgir pareada com a emoção de angústia (figura 3) assim como pode surgir pareada com a emoção de raiva (figura 4). O princípio de funcionamento em comum é diferente

Figura 3 Funções prazer e angústia e princípio de funcionamento em comum excitação biológica. In: *Funcionalismo*, p. 30.

Figura 4 Funções prazer e raiva e princípio de funcionamento em comum expansão do aparato vital. In: *Funcionalismo*, p.30.

As relações funcionais entre prazer e raiva, conforme a figura 4, indicam que o princípio funcional em comum é a expansão do aparato vital. A contração está excluída. A antítese prazer-raiva está no fato de que, no prazer, a excitação biológica se apossa da superfície do corpo e na raiva, a musculatura das camadas profundas é mobilizada, mas a excitação biológica não atinge a pele. A carga energética na pele aumenta no prazer e decresce na raiva.

A superfície da pele funciona como aparelho perceptual e a musculatura como aparelho de movimento e destruição.

Para Reich, também existe uma diferença de *posição* entre princípios de funcionamento em comum. Quanto mais próximo o princípio de funcionamento em comum estiver do princípio básico da natureza, mais geral é a amplitude do campo funcional; quanto mais afastado, menos geral.. Retornando-se à figura 2, tem-se que a excitação biológica é um princípio de funcionamento em comum, cujo campo funcional é mais geral que o da expansão plasmática. Esta corresponde a um campo funcional mais geral do que a expansão do aparato vital.

O pensamento funcional procura as leis do funcionamento natural (In: *Funcionalismo*, p.37) que abrangem — o princípio de funcionamento em comum que governa e permeia o campo de funcionamento; as variações do princípio de funcionamento em comum, sendo que cada variação pode se tornar princípio de funcionamento em comum de uma classe mais geral. Pode se dar a reunião de grupos de variações em *unidade funcional* que, a sua vez, também dispõe de um princípio de funcionamento em comum.

O pensamento funcional faz surgir o traço de influência de Henri Bergson. Segundo Roger Dadoun (1991, p.44-45), Reich desloca o original trabalho bergsoniano sobre as dualidades antagônicas complementares, inscrevendo-as como movimento de funções. Dadoun inverte a influência de Bergson: são as propostas reichianas, por meio de fluxos, ritmos, balanços de uma coisa-outra coisa, desdobramentos de criação contínua e seus movimentos vitais de contração-expansão que atraem para a *leitura reichiana de Bergson*.

Reich considera que a unidade básica da natureza é movimento e infindável variabilidade e está à procura de "uma forma elástica de pensamento em que o caráter funcional da natureza pudesse ser descrito matematicamente" (In: *Funcionalismo*, p.114), um princípio geral da matemática que pudesse ser "aplicado a um tipo de de funcionamento não rígido que sempre se move e muda e nunca é estático" (In: *Funcionalismo*, p. 114). Reich pretende apreender o funcionamento natural — "fluidez, apesar de uma forma comum básica", "revivificação interminável e imprevisibilidade, de acordo com uma lei natural básica N que

---

DADOUN,Roger. *Cem flores para Reich*. São Paulo: Moraes,1991.

abrange tudo" (In: *Funcionalismo*, p.114). Reich tentou inventar essa matemática.

Nos seus cursos epistemológicos, Ued Maluf mostra que a definição de função $y=f(x)$ está na base da verificação experimental de uma lei científica. Uma verificação da lei exigiria que a variável x assumisse a infinidade de valores possíveis, o que torna impossível a verificação completa da lei. Infinidade de valores possíveis implica possibilidades ao acaso. Para Maluf (no prelo, cap.2.3.2): "Não estaria no ambicioso e exclusivo projeto de determinabilidade - que veio a se instituir como distintivo da ciência moderna - também embutida a inserção (maliciosa) do indeterminismo? Difícil negá-lo".

Para Reich, a posição do princípio de funcionamento em comum em relação a outro princípio de funcionamento em comum seria avaliável através de *equações orgonométricas* (In: *Funcionalismo*, p.111-117). Reich propõe aliterações. No exemplo de *equações orgonométricas*, estão presentes o princípio de funcionamento em comum A; as variações A_1 e A_2, que se constituem em funções de A; as funções A_3 e A_4 e as funções A_5 e A_6, que estão em diferentes relações de oposição (simples, antagônica, alternada).

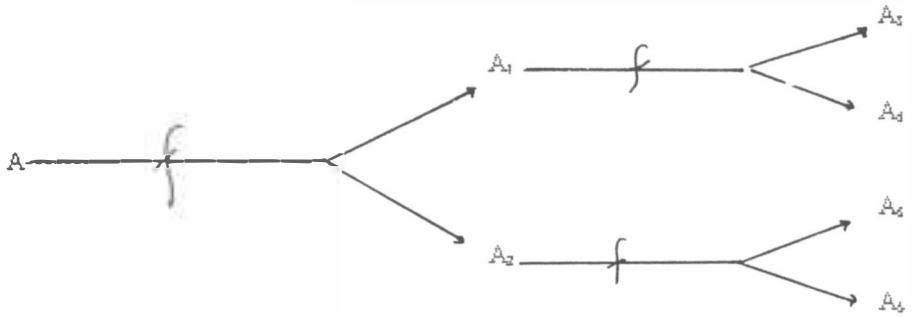


Figura 5 Equações orgonométricas e transformações funcionais. In: *Funcionalismo*,p.116.

Reich pretende descrever o que ele chama de *transformação funcional*. No exemplo, a identidade funcional é dada pelo princípio de funcionamento em comum A; essa identidade funcional integra os constituintes de um campo funcional em um todo funcional. Deve-se mostrar que "cada abstração corresponde a funções concretas da natureza, observáveis e verificáveis de acordo com a forma funcional" (In: *Funcionalismo*, p.127).

Maluf (no prelo, cap.2.4.3) distingue função e sua expressão analítica, a equação. A

MALUF, Ued. *Teoria das estranhezas*. No prelo. Originais cedidos pelo autor.

função define uma lei que expressa correspondência entre variáveis.A equação especifica o modo dessa variável, aí aparecendo uma lei determinística para a correspondência que, de imediato, assume um caráter definido, particular. Na correspondência $x \rightarrow y$ mais geral, os valores de x são quaisquer, o que equivale a nenhuma lei, portanto, ao acaso. A noção de lei fica assim vinculada à noção de fortuito. Quanto à função, sujeita à aleatoriedade, ao caos, deverá, implicita ou explicitamente, estar munida de uma equação, condição única para a qual confluem solidárias, tanto a função quanto a equação, tornando-se determinísticas.

Era costume de Reich testar suas intuições e abstrações, durante alguns anos, antes de divulgar a proposta teórica. No caso da *Orgonometria*, a intuição e a abstração aconteceram, mas a demonstração talvez tenha sido insuficiente. Ilse O. Reich (1970, p. 98 e p.124) relata que as equações orgonométricas foram objeto de estudo, principalmente nos anos 1943, 1944 e 1948; o objetivo de Reich seria chegar a uma equação única, chave do funcionamento dito *biofísico orgonótico*. O texto que Reich estava elaborando na prisão, sob o título *Criação*, desapareceu e o problema de pesquisa permaneceu em aberto. Importa aqui pensar não a aplicabilidade desses modelos, que se afigura difícil e limitada, mas quais os seus propósitos lógicos.

Para Maluf (no prelo, cap.6.1), "quando se propõe uma linguagem abstrata (formal), o que se pretende com isso, em termos básicos, é tornar generalizável o emprego de determinada estrutura (induzida por regras, função, mapeamento, aplicação ou relação), dentro de certo âmbito de validade (domínio ou contra-domínio)".

O princípio de funcionamento em comum e as funções impõem o *jogo lógico* entre produto e bifurcações, ou entre fusão e funções, jogo que procura apreender o movimento no campo funcional, um princípio no qual as funções se diluem e de onde as funções emergem; um jogo entre desordens e ordens, em permanente auto-afecção. O movimento desordens e ordens faz o tempo. Nas ordens, a antítese e a simultaneidade das funções; a contradição e os paradoxos. O movimento faz do campo funcional permanente transformação, expressando determinismo e indeterminismo. A lógica do pensamento funcional produz uma teoria das relações funcionais.

A lógica funcional também pode ser pensada como uma lógica alternativa*[7], no sentido de "um jogo de regras arbitrárias, sem uma necessária observância rígida de consistência ou completeza*[8]" (F. DYSON apud MALUF, no prelo, cap.6, nota 3). Sendo um modo de pensar, a lógica alternativa do pensamento funcional destina-se a compreender relações que se apresentam em flutuação, que vão se compondo como uma rede que visa a totalidade e que depende do observador articular suas sensações, percepção e lógicas de raciocínio. Essa proposta possibilitaria ao observador pensar os fenômenos do vivo, no seu movimento de transformação. Nesse sentido, ao implicar um método de pensar que inclui e depende das funções energéticas do observador, a lógica funcional aceita a variabilidade das observações. Segundo Reich (In: *Funcionalismo*, p.128), o pensamento funcional poderia abrigar "tanto as observações do conservador quanto as do revolucionário, resolvendo-se as contradições, funcionalmente, fora do seu próprio domínio, através da aplicação de uma *terceira força*, o princípio de funcionamento em comum", dado que as funções naturais são livres, não têm nenhum sentido, apenas funcionam.

Daí surge uma questão: se na natureza tudo é interligado — animal humano, sua constituição natural e a natureza que o circunda — uma teoria das relações se configura como um modo de produzir conhecimento, sempre em aberto, sempre inconclusivo. A bússola do pensamento funcional é que orienta o ser humano desencouraçado (ou não cronicamente encouraçado) a pensar por si.

Reich assinala que esse especial modo de pensar "faz a Orgonomia estranha e, por vezes, considerada não científica no campo da formação de teorias" (In: *Funcionalismo*, p.122).

---

7 No sentido estrito, as lógicas podem ser formais, modais ou não modais, consistentes e paraconsistentes (MALUF, no prelo, cap.6, nota 3).

8 Consistente e completo quer dizer "somente verdade e toda a verdade" (G.J.CHAITING apud MALUF, no prelo, cap.6).

5 FUNCIONALISMO ORGONÔMICO - FUNCIONALISMO ENERGÉTICO

5
Na língua dos pássaros uma expressão tinge
A seguinte
Se é vermelha tinge a outra de vermelho
Se é alva tinge a outra dos lírios da manhã.
É uma língua muito transitiva a dos pássaros.
Não carece de conjunções nem de abotoaduras.
Se comunica por encantamentos.
E por não ser contaminada de contradições
A linguagem dos pássaros
Só produz gorjeios.

Manoel de Barros, 1998, p. 67.

5.1 Funcionalismos

Uma questão teórica se coloca de imediato: a possível relação entre o conceito de funcionalismo em Reich e a tradição da chamada escola funcionalista.

A incursão de Reich nas teses funcionalistas está explícita na obra *Irrupção da moral sexual repressiva,* na qual pretende demonstrar que a moral sexual vigente na sociedade moderna desfavorece o estabelecimento de uma estrutura genital, propiciando a neurose e não a saúde. Reich se fundamenta em Lewis H. Morgan, que estuda a importância do dote na origem da sociedade patriarcal, em Karl Marx e Friedrich Engels, para o estudo da relação entre existência material e concepções morais, e em Bronislaw Malinowski, que pesquisa formas sexuais, economia e vida sexual nos chamados grupos sociais matriarcais*[1] e patriarcais.

Reich se acerca do funcionalismo de Malinowski*[2], dentro do campo das ciências

---

REICH,Wilhelm. *Irrupção da moral sexual repressiva.* São Paulo: Martins Fontes, 1982. Original:1932.
REICH, Wilhelm. *Beyond Psychology.Letters and journals 1934-1939.* New York:Farrar, Straus and Giroux, 1994.

1 Os termos matriarcado, matriarcalismo, matriarcal, patriarcado, patriarcalismo, patriarcal fazem parte da terminologia antropológica do século XIX (Verbete matriarcado.In:*Dicionário de Ciências Sociais,* p.730).

2 Bronislaw Malinowski apreciava a leitura funcionalista de Reich, haja vista (In: *Entrevista*, p.195-200) a longa amizade e o empenho a ajudá-lo a emigrar. Uma carta de recomendação dirigida ao Departamento de Antropologia da Universidade de Londres, elogia o trabalho sociológico de Reich .Em outra carta, Malinowski promete contatar um amigo da New York School for Social Research, com o apoio de Theodore Wolfe. Reich conseguiu emigrar legalmente para os Estados Unidos e "foi designado professor adjunto de Psicologia Médica" (RAKNES, 1988, p.51) nessa escola de Nova Iorque, da qual Malinowski era professor [*Continua na página seguinte*].

Sociais. O conceito de função parece ter sido introduzido nas ciências sociais por Herbert Spencer, a partir do campo da fisiologia. Também foi empregado por cientistas sociais no sentido estrito que os matemáticos empregaram, de G. W. Leibiniz em diante, ao tratar de *y* como *função de x*, de regressão e de correlação.Em ciências sociais, função seria "um certo tipo de conseqüência da existência e/ou ação ou movimento de pessoas ou coisas, incluindo-se aqui elementos intangíveis como padrões culturais, estruturas de grupo ou atitudes", conforme Allan W. Eister (1986, p. 500).

Funcionalismo tem pelo menos dois sentidos e usos em ciências sociais, expõe Roberto da Matta (1986, p. 503-504): a doutrina do equilíbrio e do consenso, mais conhecida por intermédio da obra de Alfred Radcliffe-Brown, que não deve ser confundida com a perspectiva que nasceu na antropologia social, a partir da obra de Malinowski, em Trobriand. Esta obra estabeleceu que sociedade e cultura são sistemas constituídos de múltiplas relações e elos entre instituições e somente por meio desses elos pode um sistema ou crença ser interpretado (posição revolucionária, na época).

No verbete Antropologia para a Enciclopédia Britânica (1926), Malinowski define:

> A teoria funcional visa a explicação de fatos antropológicos em todos os níveis de desenvolvimento pelo papel que desempenham no sistema integral de cultura, pela maneira como estão relacionados uns com os outros dentro do sistema, e pela maneira como esse sistema está relacionado com o meio físico (MALINOWSKI apud EISTER, 1986, p. 501).

Reich assinala que sua obra seguiu em duas direções: a que resultou na orgonomia e a direção que decorre da teoria do orgasmo, responde à questão "qual é a fonte, qual é a função da supressão da sexualidade?" (In: *Função*, p. 105) e inaugura as vertentes da sociologia sexual

---

MATTA, Roberto da. Funcionalismo. In: *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

EISTER, Allan W. Função. In: *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

2 [*continuação da página anterior*]

Segundo Ilse O. Reich (1978, p.53), a identificação de Reich com os trabalhos antropológicos de Malinowski era contrária à interpretação de Ernest Jones sobre antropologia, o que também representou um obstáculo a que Reich conseguisse emigrar para a Inglaterra. Neste país, segundo o amigo Alexander S. Neill, Reich não teria, provavelmente, se defrontado com problemas similares aos que o aguardavam na América.

Theodore Wolfe era psiquiatra em Nova Iorque. Escreveu a Reich no inverno de 1937 solicitando *training* pessoal. Passou algum tempo com Reich no verão de 1938, em Oslo (In: *Diário*, p.204, nota). Th. Wolfe tornou-se colaborador, foi tradutor de parte da obra de Reich e muito o ajudou na América.

e da psicologia política. *Irrupção da moral sexual repressiva* desenvolve a sociologia sexual. As teses de *Irrupção...* pretendem confirmar a intuição clínica de Reich sobre a relação entre genitalidade, pré-genitalidade e cultura e se inscrevem no contexto da Economia Sexual.

Num balanço teórico sobre a origem da repressão sexual (In: *Função*, p. 197-200), Reich assinala que Malinowski, em 1926, contestou a postulação sobre a natureza biológica do conflito sexual entre a criança e os pais, o chamado complexo de édipo*[3], conceito elaborado por Freud, argumentando que essa vinculação muda de acordo com os processos sociais, portanto, seria sociológica. Reich interpreta que no principal trabalho de Malinowski (1929), *A vida sexual dos selvagens*, a documentação, por si só, demonstrava essa posição.

Reich diz que em *Irrupção...* tentou demonstrar "o argumento funcional e sociológico", isto é, a origem sociológica da negação sexual, contrapondo os dados sobre a organização matriarcal e livre dos trobriandeses à organização patriarcal e autoritária da tribo das Ilhas Amphlett. Em Trobriand, Malinowski postula a inexistência de perturbações na vida sexual de crianças e adolescentes e a completa capacidade para a satisfação sexual dos indivíduos genitalmente maduros.A atividade sexual das crianças de Trobriand é contínua, não há período de latência, a sexualidade é natural, não existe o complexo de édipo. Nas Ilhas Amphlett, com uma organização social diversa, Malinowski constata moral sexual estrita quanto às relações pré-maritais e uma sociedade dita de neurastênicos, desconfiados, impacientes no trabalho e arrogantes nas pretensões. As crianças de vida ascética, reservadas para casamento vantajoso com primos cruzados, apresentam neuroses e traços de caráter similares aos conhecidos nos neuróticos de caráter (In: *Função,* p. 197).

Segundo Roberto da Matta (1986 p. 429), nos anos 40 surgiram as teses estruturalistas de Claude Lévi-Strauss, que adotam uma posição totalizadora para o estudo dos fenômenos sociais e recusam o individualismo das teorias precedentes, inclusive o do funcionalismo. A crítica estruturalista está centrada no compromisso do funcionalismo com a visão das ações

---

MATTA, Roberto da. Estruturalismo. In:*Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

3 Segundo Laplanche e Pontalis(1994,p.77-81),a expressão complexo de édipo aparece nos escritos de Freud em 1910,em termos que provam sua anterior admissão na linguagem psicanalítica. A objeção introduzida por B. Malinowski foi minimizada por J.Lacan, ao afirmar que o complexo de édipo não é redutível a uma situação real.

sociais e instituições culturais, sob um prisma utilitário, como elementos que desempenham um papel e contribuem para o funcionamento da sociedade, vista como uma totalidade integrada e coerente.

Joel Birman (1996) assinala*[4] que a crítica estruturalista está fundada na tradição francesa do modelo de civilização, de universalização da razão, segundo a qual os povos passariam por etapas, até alcançar o modelo europeu. A antropologia social está fundada na tradição alemã de cultura, de diversidade cultural, que influenciou a antropologia americana quanto aos estudos de relativismo cultural. A cultura não é marcada por traços universalistas, portanto não se poderia tratá-la segundo modelos englobadores. Essas tradições ainda permanecem vivas na antropologia (informação verbal).

Reich não tece críticas teórico-metodológicas ao funcionalismo de Malinowski. A tese de Reich, nunca abandonada, é a de que a repressão sexual marca o caráter das crianças pela conformidade e submissão, impedindo-as de auto-regulação e propiciando a impotência orgástica. Em suma, a tese econômico-sexual fundante da pedagogia orgonômica, presente em *Crianças do futuro* (1950), está vinculada à concepção antropológica de cultura e de diversidade cultural.

O pensamento de Reich nos anos 50 se articula em velocidade e em transformação, abandona a fidelidade a movimentos e escolas e busca fidelidade a si mesmo. Suas teses se contrapõem a hegemonias teóricas. É muito difícil enquadrar Reich como afiliado a uma teoria, porque as tendências estão presentes na medida que contribuem para o que ele visa inovar. Do ponto de vista das idéias, Reich funciona como um misturador de idéias e um produtor de invenções.

Uma fala do filósofo Daniel Dennett talvez ilumine a questão. Dennett afirma trabalhar "em minha própria imitação pessoal da seleção natural". Diz ele:

> Sou um rato. Eu surrupio coisas por aí. Encontro muita coisa que acho interessante... Recolho técnicas e naturalmente visões, métodos e depois mastigo-os e brinco com eles, ponho-os a girar em minha cabeça e os reúno em combinações excêntricas (DENNETT apud SWAIN, 2001, p. 119).

SWAIN, Harriet. Daniel Dennett. In: GRIFFTHS,S.(org).*Previsões:30 grandes pensadores investigam o futuro*.Rio de Janeiro: Record,2001.

4 Na análise de Birman (1996), Freud adotou inicialmente o referencial de civilização. Em *Considerações sobre a guerra e a morte*, texto de 1915, Freud desloca seu pensamento para o modelo de diversidade cultural e não mais aceita que haja progresso do espírito humano (informação verbal).

Reich usa o conceito de funcionalismo de modo próprio. O fato de ter mantido o termo *funcionalismo* também expressa a busca do pensamento novo com os termos do universo antigo, o que reiteraria a análise de que funcional/funcionalismo seriam conceitos em estado prático.

5.2 Funcionalismo orgonômico

Em *Pulsação orgonótica*, Reich pondera que todos os conceitos, incluído o metafísico, têm alguma base na realidade. Para ele, as diversas teorias que envolvem a natureza referem-se a diferentes aspectos e funções de um mesmo processo natural. Os vários conceitos "foram enunciados por organismos que observaram e descreveram os processos naturais e, apesar da incorreção e unilateralidade, chegaram a partes de fatos reais que estão contidos no esquema funcional" (p. 12).

Em *Funcionalismo orgonômico* (p. 15-19), Reich aborda o que chama de representação funcional de diversos modos de pensamento e discrimina na filosofia da natureza — a concepção monística da unidade de corpo e alma, a visão dualista do paralelismo psicofísico, a dependência mecanicista-materialista unilateral da mente sobre o soma, e a dependência espiritualista (idealista-metafísica da matéria para com um mundo espiritual sobrenatural).

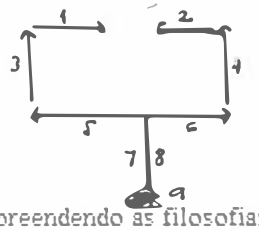


Figura 6 Funcionalismo orgonômico compreendendo as filosofias naturais mecanicista, vitalista, paralelística, místico-teológica e monística. In: *Pulsação*, p. 12 e *Funcionalismo*, p. 16.

Legenda

1 ⟶ ⟵ 2	materialismo mecanicista
2 ⟶ ⟵ 1	idealismo, vitalismo
3 ↑ ↑ 4	paralelismo psicofísico
5 ⟷ 6	teísmo, misticismo
7 ↑ 8	monismo, identidade psicofísica
9	o denominador comum da natureza, a energia cósmica, o orgone (misticamente, Deus, fisicamente, éter).

Para Reich, essas concepções do pensamento ocidental são métodos de raciocínio contraditórios quanto à relação soma-psique:

1 e 2 mostram antítese absoluta entre psique e soma. Inclui o campo dos mecanicistas que derivam o funcionamento psíquico unilateralmente, a partir da físico-química e dizem "o soma determina a sensação". É também o campo dos vitalistas que, ao contrário, crêem que a energia vital cria e determina o soma e dizem "as sensações determinam a matéria"(2,1);

3 e 4 correm em paralelo, separados, sem conexão entre si. Nessa teoria, os processos somáticos e psíquicos são independentes um do outro;

5 e 6 afastam-se um do outro. Correspondem à concepção que defende que matéria e espírito, soma e psique, instinto e moral, natureza e cultura, sexualidade e trabalho, coisas terrenas e divinas, são incompatíveis e antitéticos, representando o pensamento de todo o tipo de misticismo;

7 e 8 mostram uma só linha de direção, visível por ambos os lados, representando o psíquico e o somático, considerados aspectos diferentes de uma mesma coisa. Os monistas chegaram mais perto da realidade que os mecanicistas, vitalistas, dualistas e outros, no entanto não consideraram as antíteses que resultam da divisão do unitário: da natureza em matéria viva e não viva, animais e plantas, nem a mútua interdependência entre somático e psíquico.

Assim, a *figura 7* pode ser lida como unidade funcional — as várias funções derivam de uma mesma fonte (9); em um certo domínio, as diferentes funções são idênticas (7,8); em um domínio diferente, são divergentes (5,6); ou correm paralelas, independentes uma da outra (3,4); ou são convergentes,atraem-se ou influenciam-se mutuamente, pelo princípio de antítese(1,2).

Poder-se-ia inferir que conceito de funcionalismo orgonômico é análogo ao de unidade funcional.

O conceito de funcionalismo orgonômico está em conexão com uma antiga questão de Reich — "todo mundo de alguma forma está certo, é apenas questão de saber como"(In: *Função*, p. 31) ou sua variante "todo mundo está certo de certo modo, só que a gente não sabe de que modo a gente está certo" (In: *Superposição,* p. 87). É interessante notar que Reich não minimiza a importância de contribuições com as quais não concorda, mas cria um critério para agregar as diversas visões que considera parciais.

Nesse sentido, aparece o traço de influência do pensamento do sofista Protágoras (ROMEYER-DHERBEY, 1986, p. 13-33), ao postular "o discurso que se reforça com todos os

outros e constitui a verdade", o chamado discurso forte*[5], "que se assemelha ao "*despertar* heraclitiano, que instaura um mundo comum, quando o universo particular constitui a prisão onde estão fechados os que vivem como que adormecidos" (p.26).

Reich demonstra com a elaboração de um discurso forte que o funcionalismo orgonômico faz possível que o ser humano apreenda a natureza como unidade funcional.

5.3 Funcionalismo energético

Segundo Reich, "funcionalismo é ação simultânea de opostos, enraizada num princípio comum de funcionamento" (In: *Funcionalismo*, p.124), donde se poderia concluir que funcionalismo seria o mesmo que pensamento funcional.

No mesmo texto, encontra-se "funcionalismo — relação entre os fenômenos que estão ligados à excitação sexual e à visível excitação do sistema plasmático autônomo" (In: *Funcionalismo*, p.23). Poder-se-ia interpretar graficamente:

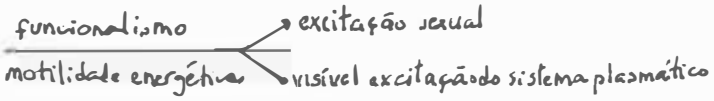


Figura 7 Funcionalismo. In: *Funcionalismo*, p.23 e 124.

Funcionalismo seria o mesmo que motilidade energética.

M. Beatriz de Paula (2001), especialista em pensamento reichiano, tem observado na prática de formação de terapeutas e de divulgação do pensamento de Reich que a idéia e o conceito de funcionalismo são muito difíceis de explicar e de serem entendidos (informação verbal).

Wilhelm Reich define *o funcionalismo* energético como a "técnica de pensamento do homem enquanto ser vivo liberado de sua couraça e que mantém contato com a natureza,

---

ROMEYER-DHERBEY, Gilbert. *Os sofistas*. Lisboa:Ed. 70, 1986.

DE PAULA,M.Beatriz T. Sobre o funcionalismo orgonômico. In: *Grupo de estudos Reich-Freud*. Rio de Janeiro, 2.sem.1999-1. sem.2001.

5 A concepção do discurso forte tem como fundamento a experiência política da democracia ateniense, em que a força do discurso é o *consensus* que provoca. Num primeiro momento seria uma tarefa coletiva, porém há "homens melhores que sabem propor aos outros os discursos capazes de captar sua adesão".(p.29). O discurso de um só torna-se discurso forte a par de sua capacidade intrínseca de universalização. Protágoras nega a verdade absoluta. A teoria do discurso forte "lembra-nos, com efeito, que o universal não é dado e há que fazê-lo e fazê-lo pelo homem" (ROMEYER-DHERBEY,1986,p.33).

dentro e fora de si" (In: *Éter*, p.17), "essa coisa viva" (In:*Éter*, p.14), "o *funcionalismo* energético é uma manifestação vital do animal humano não encouraçado, um instrumento que o ajuda a apreender a natureza" (In: *Éter*, p.17), "consolida as leis do pensamento e as funções da percepção que devem ser aprendidas se quisermos dar às crianças e adolescentes uma visão positiva deste mundo" (In: *Éter*, p.15).

Reich caracteriza o funcionalismo energético como um "método de pensamento e de trabalho" que "considera, critica e modifica a civilização mecânica e mística dentro das leis naturais da matéria viva", uma "doutrina da vida" (In: *Éter*, p.17-18). Reich ressalva que o *funcionalismo energético* não é *a priori* revolucionário, isto é, não se anuncia como revolucionário, mas, caso fosse instaurado, indicaria a emergência de novas formas de convivência e de pensamento.

Se método constitui na ordenação de atividades com o objetivo de obter conhecimento, cabe ao método funcionalista integrar e dar unidade à variedade de significados dos conceitos funcionais, envolvendo-os numa trama de relações, uma rede conceitual. Assim,

pensamento funcional/lógica/motilidade energética;

funcionalismo/pensamento funcional/lógica/motilidade energética;

funcionalismo orgonômico/ unidade funcional/motilidade energética;

funcionalismo energético/método/ motilidade energética;

são conceitos em estado prático que expressam transformação e dependem dos sujeitos O conceito de funcionalismo faz a ponte entre método e lógica.

Impõe-se a unidade: funcionalismo energético é um método para apreender a transformação, acoplado a uma lógica, nunca está pronto, é refeito a cada caso, depende dos sujeitos, mergulha na incerteza e na imprevisibilidade, e inclui posições éticas quanto aos efeitos sociais do conhecimento produzido.

5.4 Conhecimento

Caberia pensar sobre a concepção de conhecimento que perpassa o pensamento reichiano. O tema que atravessa todos os campos de pesquisa da Economia Sexual é o da sexualidade.

> No fenômeno central, o orgasmo sexual, deparamos com questões derivadas do campo da psicologia, do campo da biologia, do campo da sociologia. A ciência natural oferece apenas outro campo de pesquisa, igualmente bem aparelhado para mostrar a unidade fundamental de tudo quanto vive, e para proteger contra a limitação e especialização fragmentadoras. A Economia Sexual tornou-se uma disciplina independente, com seus próprios métodos de pesquisa e sua própria substância de conhecimento. É uma teoria da sexualidade científico-natural,empiricamente estabelecida.(REICH,W.,In: *Função*,p. 13).

O tema admite o acréscimo de questões relativas a outros fenômenos da sexualidade, a serem analisados sob enfoque igual ou similar, por exemplo, concepção, parto, amamentação,desmame. É possível acrescentar as questões citadas no Prefácio de 1948 de *Análise do caráter,* tais como casamento, supressão da genitalidade nas crianças e adolescentes, educação autoritária, história e relações familiares.

Na Economia Sexual, do ponto de vista do entrelaçamento de campos de pesquisa, poder-se-ia identificar uma das tipologias das formas interdisciplinares propostas por Heloisa Cardoso (1999,p.5): a das ciências auxiliares que iluminam ângulos de um problema que em si constitui área de estudo, a fim de dar conta da complexidade do objeto de estudo.

É possível inferir que a Economia Sexual é um conhecimento que não se fecha, depende dos sujeitos que com ela trabalham e tem sua unidade interna referida ao tema da sexualidade e ao campo do vivo, de concepção interdisciplinar.

Em 1950, em *Funcionalismo orgonômico*, Reich é mais explicito: reitera que a fragmentação do conhecimento em disciplinas estanques é uma solução conservadora e mecanicista; entende que "a estrutura do pensamento pode abarcar toda a natureza, embora a observação e a experimentação ainda não sejam capazes de fazer isso" (In: *Funcionalismo*, p.68). A ligação funcional dos processos em diferentes domínios de funcionamento é o mesmo que a dissolução de fronteiras. Assim, Reich propõe o quadro que se segue.

CARDOSO,Heloisa.*Multidisciplinaridade,pluridisciplinaridade,interdisciplinaridade*.Rio de Janeiro: [s.n.], 1999.

QUADRO 1 CONHECIMENTO E PULSAÇÃO

Funções pares		Princípio
sensação de prazer	sensação de angústia	Psicologia
Função parassimpática	função simpática	Fisiologia
Lecitina,colina	adrenalina	Bioquímica
Potássio	cálcio	Química Inorgânica
Expansão	contração	Física/Mecânica
PULSAÇÃO		**Princípio funcional orgonômico**

Fonte: *Funcionalismo*,p.69.

Trata-se de um quadro *à clef*. Sua leitura parte da coluna da direita. Começa na coluna *Princípio*, que adquire tanto o sentido de início e de governo do campo funcional. A menção à Psicologia, Fisiologia,etc... não significa que estejam sendo tratadas como disciplinas. Reich está fugindo da carga de convenção e do artifício da disciplinaridade. Está tratando esses recortes do conhecimento como princípios de organização, de potência de organização do conhecimento, e possibilidades de conhecer. Os princípios estão organizados em hierarquia, em níveis, sendo Psicologia o mais complexo, e Física/Mecânica, o mais geral.

Na base, o princípio funcional orgonômico se caracteriza por ser o mais geral,o mais fundamental, portanto, caótico. E a pulsação, movimento alternado e imprevisível, princípio organizador de um campo de funcionamento que se expressa em processos de contração e expansão. Qualquer alteração da pulsação transforma todo o campo funcional.

Quanto às funções pares, se lidas verticalmente, encontram-se hierarquizadas em dois grupos, um de contração e outro de expansão. Cada função está pareada com outra função do próprio grupo ou com uma função situada no 2º grupo. A duas colunas são pares funcionando em diferentes níveis quanto à pulsação. São polaridades em tensão, dualidades, acopladas umas às outras, em interação, formando processos.

A leitura do quadro 1, no sentido horizontal, mostra que as funções prazer/angústia e o princípio de funcionamento em comum Psicologia delineiam o campo funcional psicológico. Assim , as demais linhas se conjugam em outros campos funcionais. Processos não têm causa nem efeito, cria-se a circularidade, dado que o processo é inconclusivo.

Assim , as demais linhas se conjugam em outros campos funcionais. Processos não têm causa nem efeito, cria-se a circularidade, dado que o processo é inconclusivo.

Poder-se-ia avocar a influência de Henri Bergson (1990,p.15) e da metáfora que emprega em *Matéria e memória* - a de girar um caleidoscópio. O modo de conhecer funcional pretende formas de pensar não mecanicistas que tenham uma expressão caleidoscópica, capazes de criar vários sentidos, sempre em movimento e que se reportem à unidade funcional.

Em síntese, poder-se- ia afirmar que o modo de conhecer do funcionalismo orgonômico difere do modo da Economia Sexual porque este ainda guarda linearidade de concepção; os achados da Economia Sexual permanecem válidos pois serão repensados a cada aplicação do método.

Poder-se-ia inferir que o modo funcionalista de conhecer é não linear, relacional, não se fecha, depende da motilidade dos sujeitos, é fundado na pulsação, isto é, na realidade.

Pulsar é transformar. Não mais as couraças que trazem a repetição e o hábito de se conformar na mesmice. O conhecimento funcionalista lida com o movimento da vida, traz em si novos começos, assim, a possibilidade de produzir novos futuros.

BERGSON,Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes,1990. Original: 1897.

6 *ENERGIA ORGONE,* VIDA, PENSAMENTO

O que resta de grandezas para nós são os
desconheceres — completou.
Para enxergar as coisas sem feitio é preciso
não saber nada.
É preciso entrar em estado de árvore.
É preciso entrar em estado de palavra.
Só quem está em estado de palavra pode
enxergar as coisas sem feitio.

Manoel de Barros,1998, p.35

6.1 Oceano de *energia orgone*

A *energia orgone* é o grande objeto de estudo da orgonomia. Reich pretendia escapar do mecanicismo, do misticismo, não aceitava a hipótese metafisica e pretendia produzir ciência natural, portanto, teve que recorrer a provas experimentais de que a *energia orgone* existe. Para Reich e seus colaboradores, seria uma crença verdadeira e justificada que se desdobrou na proposta da ciência da orgonomia.

N. da Costa (1997, p.43) comenta que a contraparte pragmática da ciência "mantém vivas as elucubrações teóricas, tanto puras quanto aplicadas". N. da Costa cita Henri Poincaré (1902): "Pouco importa que o éter exista realmente; este é um tema para os metafisicos. O relevante para nós *é que tudo ocorra como se ele existisse*, e que esta hipótese se mostre cômoda para a explicação dos fenômenos" (grifo nosso).

Esta posição de Poincaré é hoje entendida como metáfora. Nesse sentido, a *energia orgone* institui uma metáfora para apreciar o que é o mundo. Também se poderia falar em construção simbólica.

Para Reich e colaboradores, experimentos e mensurações transformam a metáfora da *energia orgone* em realidade porque alteram o contador Geiger, impressionam filmes, imprimem certa luminosidade à sala *orgone*, fazem ou desfazem nuvens no *cloudbuster*, alteram o estado mórbido de tumores em pessoas submetidas ao tratamento no acumulador de *energia orgone* etc... Nos experimentos exaustivamente replicados, o processo, os resultados... *tudo ocorre como se o orgone existisse.*

I. Stengers (1990,p.14-15) refere-se a *Les atomes*, de Jean Perrin (1913). Depois desse livro, os átomos existem, tal como as forças newtonianas ou o campo eletromagnético. "Perrin demonstrou que os átomos existem porque podemos contá-los. 'Poder' aqui deve ser entendido no sentido de descoberta de um novo *modo de acesso fidedigno à realidade*" (grifo nosso). Perrin convenceu seus colegas porque, de 16 maneiras diferentes, chegou ao mesmo número. A convergência dos experimentos fez com que o átomo passasse do estatuto de ficção ao de realidade. Stengers mostra que nesse caso, em vez de leis, a realidade foi descrita por meio de eventos, de acontecimentos.

O projeto de construção e execução de aparelhos, os testes, as mensurações e aplicações inusitadas, vinculados à chamada *física do orgone*, constituem-se num *modo de acesso fidedigno à realidade*. Alexander S. Neill, íntimo amigo, testemunha (BOADELLA, 1988, p.332): "Há dez anos atrás, em Maine, vi um pequeno motor funcionar depois de ser ligado a um acumulador orgônico. 'A energia do futuro' dizia alegremente Reich. Mas que eu saiba, esta experiência não recebeu continuidade". Ilse O. Reich (1971, p.116 e 125) comenta a construção e funcionamento desse motor.

O pesquisador James De Meo (1995, p.20) apoia *in totum* a posição de Reich e afirma que a *energia orgone* é "uma energia física, real, não somente uma força metafórica, hipotética".

Reich pretendia a "comprovação científica e a prova efetiva de existência" (In: *Éter*, p.29) do *orgone* e "de sua variante a bioenergia" (In: *Superposição*, p.99). Menciona a preocupação com "a exatidão das observações, dos dados e relações científicas" e em "descrever e definir certas funções naturais até então desconhecidas" (In: *Éter*, p.23), que foram estabelecidas por intermédio do pensamento funcional.

Nos idos de 1950, Reich afirmava que a *energia orgone* cósmica primordial, pré-atômica, livre de massa, ocupa o vazio: "espaço vazio não existe, não existe 'vácuo', o espaço é dotado de determinadas propriedades físicas. [...] A responsável pelas propriedades físicas do espaço é uma energia bem definida" (In: *Éter*, p155).

Luiz Alberto Oliveira (2001) mostra que o mundo microscópico descrito pela física quântica é o mundo do qual somos constituídos, mas é profundamente paradoxal:

> É um outro mundo, é como se nele houvesse uma série de caminhos simultâneos, percorrido ao mesmo tempo, em múltiplas formas, o mundo da mais extraordinária casualidade que, no entanto, permite e sustenta a férrea causalidade deste mundo. Cada um dos seres macroscópicos vive e vigora por causa de um profundo mistério que são os seres microscópicos. No fundo de tudo encontramos o vazio, a ausência de corpos, desde os gregos associada com o nada, a privação absoluta do ser. Mas o vazio não é vazio, é um ser efêmero demais para ter lugar, um ser que aparece e desaparece, rápido demais para que se possa vê-lo. O vazio é o lugar onde impera a mais absoluta atividade de fazer e desfazer. É desta atividade básica que pensamos hoje que o universo é uma outra face, como se o universo não fosse senão um vazio transfigurado, que a rigor não perdeu sua característica de vazio. É o ponto mais longe onde já chegamos na tentativa de fazer o casamento entre o micro e o macro. [...]Vazio é o oceano de partículas virtuais que quase existem, vazio quântico é o contrário do vazio por anulação, é vazio por presença excessiva, repositório inesgotável de energia, matriz de totalidade, tudo o que existe é desdobramento do vazio. (OLIVEIRA, L. A, 2001) (informação verbal).

Reich postula que "a posição do globo terrestre em relação ao oceano de *orgone* cósmico circundante" seria a de uma "bola rolando em ondas que arrebentam" (In: *Éter,* p.157). O oceano de *energia orgone* cósmica, em termos atuais, poderia ser interpretado como um meio turbilhonante.

A compreensão de fenômenos da natureza sob a ótica da transformação se remete ao pensamento do físico-filósofo David Bohm. Nos anos 50, Bohm propunha que as partículas são partículas em todos os momentos e não só quando observadas, e seu comportamento seria determinado por uma nova força a que chamou onda piloto (HORGAN, 1998, p.111-118). Qualquer tentativa de medir propriedades com precisão destruiria a informação, por alterar fisicamente a onda piloto. O princípio de incerteza recebeu em D. Bohm significado puramente físico, em vez de metafísico, no que se colocou em oposição a Bohr.

A visão de mundo de Bohm (1992) propõe que subjacente ao mundo das aparências físicas - a ordem explicada - há sempre uma ordem implícita, implicada, oculta, mais profunda. Para essa filosofia, a ordem implícita é o potencial quântico, campo de infinitas ondas piloto flutuantes. A superposição das ondas gera o que parece sejam partículas, que constituem a ordem explicada. Para explorar a ordem implícita, os físicos precisariam de se desfazer de alguns pressupostos básicos sobre a organização da natureza, pois novos tipos de teoria dependem de novos tipos de ordem. A cada nível, algo é tomado como aparência e algo é tomado como essência; em outro nível, essência e aparência trocam de regras.

BOHM,David. *A totalidade e ordem implicada:uma nova percepção da realidade*. São Paulo: Cultrix, 1992. Original: 1980.

Bohm desloca o indeterminismo da partícula para a informação que a guia, chamando o universo cheio, pleno de energia, de *holomovimento*. No *holograma,* a condição fundamental: se cortado em pedaços, cada fragmento reproduz a totalidade. Tudo no universo pulsa entre duas ordens de informação. A ordem explicada forma-se pela discriminação a partir do todo e pode ter diferentes níveis de complexidade. A ordem implicada, se inscreve no todo a partir do indivíduo, existe no holomovimento, tem complexidade e dimensionalidade infinitas. O passado deixa vestígios na ordem implicada, que continua existindo, e no presente passa a relacionar vestígios e acontecimentos.

Para Bohm, do ilimitado surge o limitado num processo criativo, mas sempre haverá o ilimitado; o que está subjacente a tudo é desconhecido e não pode ser compreendido pelo pensamento. Assim, a ciência não consiste em acumulação do conhecimento, mas na criação de novos modos de percepção.

O pensamento de David Bohm se aproximaria do de Reich no sentido de que ambos, à maneira de Heráclito, têm por pressuposto a realidade que flui e se mostra a cada partícula. Nesse sentido, o *holomovimento* se assemelharia ao oceano de *energia orgone*, no que se refere à dimensionalidade cósmica e ilimitada.

Na holografia, cada organismo espelha o que essa energia mais ampla expõe porque há reciprocidade, mas cada organismo é único na maneira de fluir. No entanto, existiria uma ligação, a simpatia universal. No cosmos, sistema múltiplo, cada elemento que sai da totalidade tem forma única, não se repete, mas é similar à totalidade indiscriminada da qual saiu. Cada pedaço de um universo indivisível contém o todo, contém o ilimitado, e ficará vivo na medida em que tiver um organismo para viver; partes surgem quando são vividas, no acontecer, como possibilidade de transformação do ilimitado em limitado. Poder-se-ia dizer que Reich pretenderia, com a *energia orgone*, criar novo modelo de percepção que, ao se caracterizar como fonte de metáforas e analogias, assinalasse, tal como afirma Bohm (apud HORGAN, p.116) que "a capacidade de pensar de modo diferente é mais importante do que o conhecimento ganho"

As propriedades do oceano *energia orgone* implicam pensar diferentemente o que é o mundo:

> o meio orgonótico é um *continuum* em que vigoram duas tendências opostas, auto-atração (contração) e expansão, que constituem a pulsação. O meio tem densidade variável e flui da menor para a maior densidade. É fonte de movimento espontâneo, que toma as formas de ondas, helicóides, fluxos e pulsações. O meio cria e suporta estruturas como formas de movimento. O movimento arrasta a matéria, concebida como movimento congelado. O meio é elástico, transmite energia e a armazena em campos. O meio suporta tensões, possibilitando as diferenças de potencial. O meio porta informação. O meio é uma referência para o movimento,que faz sentido em relação ao conceito de éter, mas não em relação ao espaço (C. BAKER apud OLIVEIRA,J.G.,1997,p.30).

Para Reich, a Terra dispõe de um envoltório orgonótico que se faz mais denso à medida que se afasta da superfície, portanto, mais perceptível em regiões de grande altitude.

No artigo *O outro lado do orgon*, José Guilherme Oliveira e Elida Sigelmann (1996, p.54-67) mostram que devido às propriedades organizadoras da *energia orgon*, considerando que organizar é do âmbito da informação e não da energia, "o *orgon não é apenas energia, é uma energia prenhe de informação*" (p.55). A contribuição da termodinâmica mostrou que nem todo potencial para realizar trabalho estava efetivamente disponível. Havia sempre uma desordem interna, a chamada entropia. A segunda lei da termodinâmica reza que qualquer processo isolado aumenta a entropia, levando um estado mais heterogêneo para um estado mais homogêneo, no qual a possibilidade de ação está na diferença, mas que aponta para a morte térmica do universo. Com a introdução do observador, a entropia passa a ser definida em relação às possibilidades de observação e medida. Do caos homogêneo do século XIX, passa-se ao caos heterogêneo do século XX. O novo é decorrente da imprevisibilidade, do não-determinado, é irreversível; portanto, no caos só há lugar para o novo. "Quando observamos os aspectos organizadores como um todo, estamos nos referindo à criação de uma ordem mais complexa, de uma variação positiva de entropia, a chamada neguentropia"(p.59).

Para Reich, seja em sistemas orgonômicos, seja no acumulador de *orgone*, pode-se constatar, através do processo de concentração de energia, o chamado potencial orgonômico, que flui do nível energético mais baixo para o nível mais alto, em paralelo a um processo de dissipação de energia, sob a forma de calor (In:*Éter*, p.171), um processo neguentrópico.

OLIVEIRA,José Guilherme Couto de. História do conceito de éter. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro,vol.49, nº 2, p. 26-33, abr./jun 1997.

OLIVEIRA,José Guilherme C.de ; SIGELMANN, Elida. O outro lado do orgon. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Rio de Janeiro, vol.48, nº 3, p. 54-68, jul./set.1996.

Reich observou que nas estruturas astronômicas está presente o movimento pulsátil da *energia orgone*: o universo pulsa; e complementou seu pensamento com observações havidas no observatório astronômico de Orgonon, desenvolvendo teorias meteorológicas, que não são objeto deste trabalho de pesquisa.

Segundo Marcelo Gleiser (1997, p.344), em 1922, Alexander A. Friedmann, descobriu que, se a distribuição da matéria no universo não for estática, sua geometria não o será. A imaginação de Friedmann transformou o universo como um todo numa entidade dinâmica, com duas soluções - a que descreve um universo em expansão e a que descreve um universo oscilatório, em ciclos de expansão e contração.

> Durante a década de vinte, o número de "universos de escrivaninha" cresceu rapidamente. Mas qual desses modelos representava melhor nosso universo? Apenas as observações astronômicas poderiam responder a essa pergunta. Talvez seja irônico (mas também inspirador) que, mesmo hoje,mais de 70 anos após Friedmann ter proposto suas soluções, ainda não podermos decidir qual o modelo cosmológico que melhor descreve nosso universo. Sem dúvida, o número de possibilidades é bem menor, graças aos avanços tanto em cosmologia observacional como na teoria de modelos cosmológicos, hoje conhecemos o nosso Universo muito melhor que nos anos 20, mas a verdade é que a questão ainda está em aberto, continuando a inspirar cosmólogos do mundo inteiro. [...] Universos estáticos, universos em expansão, universos oscilatórios, universos abertos, universos planos, universos fechados (mas sem fronteiras); modelos proliferavam[...] (GLEISER,1997,p. 345-346).

A potencialidade da *energia orgone* pode ser verificada se o contador Geiger for colocado no acumulador *de orgone*. Após algum tempo, indicará alto nível de radiação, como se o *orgone* "portasse uma informação que ensinasse aos átomos do gás [que fica no interior do contador Geiger] a liberarem alguns eletrons" (OLIVEIRA; SIGELMANN,1996, p.64).

No funcionamento subatômico, explicam Oliveira e Sigelmann, as partículas não são sólidas, dentro delas há partículas de luz. Uma propriedade das partículas é o *spin*, semelhante a um movimento de rotação sobre o próprio eixo, que pode assumir diversos valores e funciona como dispositivo armazenador de informação. Considerando que a nível subatômico é possível armazenar, recuperar, trocar e criar informação, esta nunca se perde, a ordem se torna mais complexa e uma partícula pode propiciar ou evitar uma reação química, alterando o seu

---

GLEISER, Marcelo. *A dança do universo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

movimento. Como há troca entre as partículas, todo o universo se comunica. A vida seria um ambiente propício a essas trocas, favorável a um aumento de informação e complexidade. Trata-se de um universo holonômico, no qual cada parte contém o todo de algum modo.

Reich considera a inexistência do zero em toda a natureza. Em seguimento a todos os princípios comuns ao funcionamento, Reich postula chegar, ao final das equações orgonométricas, ao número *um*, que designa a "unidade básica de toda existência, a lei natural que penetra em tudo, o princípio comum ao funcionamento de toda a natureza" (In: *Funcionalismo*, p. 129), teoricamente dado no oceano de *energia orgone* cósmica. Trata-se de rara, interessante e surpreendente menção direta à simbologia, pouco freqüente no texto de Reich, que significaria a unidade e todas as possibilidades que a *energia orgone* contém simultaneamente.

Luiz Alberto Oliveira (2000) se reporta às questões que Ludwig Boltzmann*[1] trouxe para o pensamento atual. Ao se recusar a reduzir a variedade e diversidade dos fenômenos do mundo a uma raiz única, Boltzmann se colocava como antiunificacionista, opondo-se ao unificacionismo de Einstein. Heráclito, que dizia o relâmpago ser o pai de todas as coisas, confere ao íntimo do ser a faculdade de reinventar, que fora castrada pela tradição aristotélica, na qual as formas do mundo proviriam de fora do mundo e não haveria potência inerente ao mundo, muito menos do acaso que seja capaz de engendrar formas.

> Boltzmann deu um papel positivo ao acaso, visto como um compositor do mundo e produziu um deslizamento para a palavra *caos*: da desordenação, dispersão espacial para justaposição, superposição de modos de ser que se remetem a um certo estágio em que estão justapostos, mesclados, não estão distintos. Trata-se, portanto não de uma imagem espacial, mas de uma imagem temporal. Caos como um feixe de linhas do tempo, de modos de ser. Esse caos não é o grau máximo da dispersão, é o grau máximo da potência de organização.É o caos cosmógeno, o caos capaz de engendrar cosmos, não o estado de decomposição cadavérica do cosmos, a morte do cosmos, pelo contrário, é a mãe do útero generoso, a partir do qual o cosmos foi capaz de se formar (OLIVEIRA,L.A.,2000)(informação verbal).

Segundo. Oliveira (2000): "o deslizamento do conceito de caos é uma das marcas mais características do conceito do campo da complexidade". Permite mostrar que, da mesma maneira que "a vida emerge da potência da matéria, o pensamento emerge da potência da vida e assim, afirmar a potência da vida [...]. A vida é uma expressão inerente ao mundo da natureza, a

1 Passaram-se 80 anos até que L.Bolzmann fosse compreendido e aceito. Boltzmann se suicidou, talvez deprimido pela inaceitação de sua teoria. Fica patente, mais uma vez, a difícil posição do pioneiro.

natureza é artista"(informação verbal).

A visão do caos cosmógeno permite uma interpretação produtiva para a questão da *energia orgone*. Primordial, sem massa, pré-atômica, a *energia orgone* funciona em movimentos ordem-desordem, em turbilhões, fluxos, balanços e superposições de correntes e campos, embora nem a ordem nem a desordem se encontrem em estado puro. O fluido oceano de *energia orgone* está em intercâmbio com os oceanos de terra, água, ar e luz, e se espraia no cosmos. Reich cria um mundo, no qual o problema da origem é deslocado para a questão da transformação do não vivo e vivo, sempre cambiando qualidades, intensidades e quantidades.

A postulação da *energia orgone* não incide em reducionismo, porque não são as complexidades reduzíveis ao *orgone*, é o *orgone* que perpassa as complexidades. Não se trata de um elementarismo porque contém a potencialidade de engendrar cosmos e vida. Não incide em fisicalismo porque foge ao modelo científico clássico.Não se constitui em redução a um *energitismo*[2] porque não se limita a "um monismo da energia" (MACHADO,1998, p.87).

A postulação da *energia orgone* da coesão, sentido e significado à teoria. Cria um fundo de *energia orgone* pulsante que comporta um cosmos vivente, estabelecendo o palco onde se sucedem as transformações que incluem o próprio palco. A postulação teórica estabelece que a totalidade é *energia orgone,* simultaneamente, mistério e conhecimento.

A concepção da *energia orgone* permite a Reich fugir da concepção mecânica do mundo análogo a uma máquina e, portanto, dispondo de um único caminho para evoluir. L.A. Oliveira (2000) mostra que a regra do mundo é funcionar não linearmente e longe do equilíbrio, a natureza é não linear.

Para Reich, a natureza é funcional (portanto, não linear). No movimento da *energia orgone* "lei e liberdade, determinismo e indeterminismo, finito e infinito são funções pareadas, de sinais opostos,enraizadas numa fundação comum fluida"(In: *Funcionalismo*, p.127).Nesse

---

MACHADO,Aluísio Campos. *Pensando a energia*. Rio de Janeiro:Eletrobrás,1998.

2 O energitismo foi uma posição filosófica em voga na passagem do século XIX para o século XX, defendido pelo fisiologista Hermann von Helmholtz e, principalmente, pelo químico Wilhelm Ostwald, positivista extremado. Para este, tudo se reduzia a energia, até a vida. "De um lado parece ter sido acolhido na ciência o princípio do energitismo, porque a matéria cessou de ser uma substância em si mesma. Mas, por outro lado, pode-se dizer que o próprio energitismo foi posto fora de jogo porque o conceito fundamental já não é o de energia, mas o de campo e toda a distinção qualitativa entre matéria e energia ou matéria e campo perdeu o interesse (EINSTEIN ; INFELD apud MACHADO, 1998, p.87)

movimento, a *energia orgone* admite o acaso, o não equilíbrio na natureza.

Os "universos de escrivaninha" são objetos da metáfora criados pela imaginação científica e pelo pensamento. A postulação do *orgone* dá ensejo a outra questão: uma visão de mundo que possa ser deduzida pela sensação do movimento energético ligado ao pensamento, uma nova forma de percepção e de metáfora. Reich construiu sua teoria em articulação interna e externa; assim, a pesquisa do *orgone* pôde ser processada em duas vertentes, que são a mencionada prova experimental da existência da *energia orgone* e o movimento de integração da estrutura orgonômica do pesquisador, objeto da terapêutica.

A *energia orgone* funciona: *tudo ocorre como se existisse, é um modo de acesso fidedigno à realidade*, teoricamente justificável, experimentalmente comprovável, organicamente perceptível.

Uma nova questão advém da observação da *energia orgone*: Reich propõe que a *energia orgone* atmosférica-OR está sujeita à deterioração, em forma de energia morta e letal, a chamada *deadly orgone*-DOR[3], encontrada na natureza e observável em experimentos, entre eles, o de revivificação do deserto. A importância dessa tese é a de unir ainda mais estreitamente o universo sensorial ao universo científico; reconhecer a transformação de qualidades OR-DOR na natureza, relacionar oa *energia orgone* do deserto natural ao deserto emocional do homem. Para Reich, a morte está presente no mais profundo movimento da *energia da vida*.

Através da sensação ligada ao pensamento, Reich elabora uma teoria do oceano de *energia orgone*, o fundo energético que se faz potência de vida e potência de pensamento. Nesse processo, Reich propôs uma teoria de complexidades, ainda que estivesse formulada como conceito em estado prático.

6.2 A potencialização em vida

Para Reich, o organismo vivo é uma parte organizada do oceano de *energia orgone* cósmico, dotada de propriedades particulares a que chamam vida (In: *Éter*, p.159).

Christian de Duve (1997), em *Poeira vital*, trata da vida como um processo natural, cujas leis também governam os processos não-vivos (p.XVII). A vida, processo químico,deve

3 Ver no APÊNDICE B, as referências aos textos do período 1951-1956

deve ser compreendida em termos da química. A vida começou pela formação e pela interação espontânea de pequenas moléculas orgânicas disseminadas pelo universo. Dadas as condições físico-químicas que prevaleceram na Terra pré-biótica, essas moléculas foram apanhadas em uma espiral reativa de crescente complexidade que, com o tempo, deu origem aos ácidos nucleicos, proteínas e outras moléculas complexas que dominam a vida hoje. Esta rede de reações químicas, formadas há quase quatro bilhões de anos, continua a sustentar todas as atuais manifestações da vida. Produto de forças deterministicas, a vida surgiu nas condições prevalecentes e surgirá sempre e onde as mesmas condições se repitam, com pouco espaço para *acasos felizes* no processo gradual e múltiplo que lhe deu origem. De Duve afirma que o pareamento de bases, união dois a dois dos principais constituintes dos ácidos nucleicos, descobertos por Watson e Crick como chave da estrutura helicoidal do DNA, governa todas as formas de transferência da informação genética. O pareamento de bases surgiu de acontecimentos químicos sem tinham ligação com a transferência de informação e replicação molecular, uma derivação do pareamento de bases, foi um benefício adicional da química pré-biótica. De Duve entende que o acaso opera dentro de limites físicos, químicos, biológicos e ambientais, que restringem sua livre ação e, por isso, defende a idéia de contingência limitada.

Para De Duve, a vida é a parte mais complexa e significativa do universo conhecido e as manifestações da vida deviam dominar nosso retrato do mundo. O universo é uma sementeira de vida. A química orgânica é a química do carbono, os compostos orgânicos de carbono constituem 20% da poeira interestelar, e esta constitui 0,2% da matéria galática. Na nuvem orgânica que impregna o universo, a vida pode ter forma molecular não muito diferente do que prevaleceu na Terra há quatro bilhões de anos.

> Ou a vida é uma manifestação da matéria, reproduzível e comum em certas condições ou é um milagre. O universo não é o cosmos inerte dos físicos com uma pitada a mais de vida por precaução.O universo é vida com necessária estrutura a sua volta [...] consiste, principalmente, em milhões de bioesferas geradas e sustentadas pelo restante do universo (DE DUVE, 1997, p.383).

Em *Superposição cósmica* (1950, p.7-14), Reich elabora uma teoria que dê conta da biogênese: "o problema a ser resolvido detalhadamente é como as leis da mecânica e da

química se originaram de processos funcionais no oceano de *energia orgone* primordial livre de massa" (p.22).

Reich mostra que a propriedade fundamental da *energia orgone,* de fluir do sistema menos carregado para o mais carregado, é que a faz diferir de outras formas de energia. "Sua função é a de manter um certo 'nível de capacidade' pela absorção de energia proveniente do oceano de *orgone* circundante ou de nutrientes, e pela descarga de energia nesse mesmo oceano" (In: *Éter*, p.161). Conforme J.G.Oliveira (1997, p.29), "é a partir desta propriedade que se configura sua característica neguentrópica relacionada com a construção da vida e da complexidade".

Como resultado do Experimento XX (In: *Superposição,* p.22-23), Reich explica a origem da substância viva como forma e motilidade: a *energia orgone* livre de massa se contrai no fluido submetido a processo de congelamento, tal como o plasma vivo. A contração não depende de matéria formada. A contração da *energia orgone* é acompanhada da condensação. A condensação é acompanhada pela formação de partículas materiais microscópicas. Reich reitera que está pesquisando na chamada *biofísica do orgone*, a origem da matéria viva, formada a partir da *energia orgone* livre de massa, *sem se interessar pela composição química*. "A biofísica do orgone pode provar a relação funcional entre a forma do movimento e a forma da matéria viva" (In: *Superposição,* p.26). A matéria primeira teria se originado no cosmos, mas o processo de formação de matéria continua a acontecer, de modo ininterrupto. "As funções da energia cósmica no domínio da matéria inorgânica estão em harmonia com aquelas no domínio da matéria viva" (In: *Superposição*, p.27). No Experimento XX, as formas dos flocos plasmáticos assemelham-se às dos peixes e girinos, porém, são formas que não podem ser descritas como organismos vivos, no sentido biológico aceito.

Para inferir a forma básica dos corpos vivos, Reich relaciona um movimento físico a um movimento biológico fundamental.

onda espiralada trajetória elíptica duas ondas orgonome aberto orgonome fechado forma orgonome no reflexo orgástico

Figura 8 Forma básica dos corpos vivos: orgonome. In: *Superposição*, p.30-31.

O movimento físico se refere ao movimento de onda espiralada (*spin*) que se torna visível na *sala de orgone*. O movimento biológico se prende à convulsão orgástica e sua particularidade de tentar aproximar as extremidades do dorso, no chamado reflexo orgástico, a exemplo do movimento natatório da medusa, em que o corpo parece curvar-se no centro.

A *energia orgone*, animada por movimento pulsatório, constitui-se numa forma ovóide, o *orgonome*, "a forma fundamental da vida". Do antagonismo entre *energia orgone* livre e *energia orgone* contida numa bolsa membranosa, surgem as diversas formas do vivo e seus movimentos essenciais. A forma do *orgonome* seria a forma biofísica básica, presente em sementes, bulbos, celulas espermáticas animais, ovos e embriões animais, órgãos do corpo animal, organismos unicelulares e outros. No orgonome biológico, as correntes dos fluidos corporais fluem em impulsos rítmicos, a chamada *pulsação*. Infere-se que também há pulsação da *energia orgone*. Na matéria viva, encontram-se o movimento pulsátil da *energia orgone* no organismo e o movimento pulsátil mecânico dos fluidos corpóreos. Para que haja pulsação mecânica é preciso que haja pulsação funcional do *orgone*, cuja onda, em movimento espiralado para frente, alterna contração e expansão.

No corpo humano uma curva dorsal contínua corresponde ao sentido do movimento orgonótico e na face anterior compõem-se as protuberâncias orgânicas que fixam ou 'congelam' os desvios da corrente orgonótica. Assim, distinguir-se-iam o orgonome material (órgãos e tecidos) e o orgonome bioenergético, no qual a *energia orgone* flui da extremidade cefálica até a extremidade caudal.

Sigelmann pensa que Reich se antecipou a biólogos da atualidade como Prigogine, Maturana, Varela, Bertalanffy e outros que contestam a validade das leis da termodinâmica aplicadas a processos da vida e a estruturas astronômicas. Estes sistemas apresentam como propriedades intrínsecas a autogenia e a autonomia, e criam uma ordem diversa da estabelecida pelo determinismo e pela termodinâmica, o que implica uma nova racionalidade.

> A biologia contemporânea descobriu nos sistemas vivos e não vivos propriedades que impulsionam ao crescimento, através de um processo energético de referência recíproca (Maluf, 1985; Maturana,1974), produzindo uma evolução não-linear (Prigogine,1972) e também não ordinária (Maluf,1985), isto é, sem caminhos rígidos pré-determinados (SIGELMANN, 1991, p. 17).

Sigelmann (1991, p.18) mostra que os organismos têm ordem e hierarquia evolutivas "que não permitem classificá-los nem na categoria dos lineares nem dos não-lineares (Maluf,1985). Como são criativos e autogênicos, têm como característica fundamental a espontaneidade (Reich,1950; Maturana,1974; Maluf,1985)".

Para Reich, a vida simplesmente funciona. Desse ponto de vista, a vida se deve ao acaso, à espontaneidade da *energia orgone* pulsante. A vida é movimento em corrente e pulsação da *energia orgone* contida na membrana. A forma da matéria viva é expressão desse movimento e os movimentos expressivos da matéria viva têm significado em relação ao mundo. Esse entendimento implica que a vida seja vista como fragilidade, em face do movimento de transformação da própria *energia da vida*. Impõe-se a pulsação energética e a questão da vida e da morte como processo natural. As relações entre seres humanos como par funcional podem se fazer num campo energético de ligação, a mencionada ponte radiante, na qual se dá a mescla da *energia orgone*, caracterizando o fenômeno da luminação (In: *Biopatia*, p.43-44), aqui entendido como fenômeno efêmero, momentâneo da complexidade *energia orgone* -vida.

A vida na natureza é um processo solidário, um movimento complexo, delicado e instável. Na profundidade do organismo, a balança entre OR e DOR expressa a fragilidade da vida. Se a energia da vida-OR está em fluxo, com a produção de DOR sendo eliminada, predominam os processos de saúde. Se predomina a energia da vida imobilizada, deteriorada, retida, estásica - DOR, instauram-se os processos de encouraçamento e de doença que poderão chegar à morte.

6.3. A potencialização em pensamento

Segundo Reich, dentre os enigmas para o ser humano decifrar, o maior de todos seria a capacidade de pensar e, pelo pensamento, conhecer o que a natureza é e como funciona. No entanto, instaura-se a perplexidade, porque quanto mais se produz conhecimento, mais se intensifica a violência das matanças em massa, e o enigma máximo se torna o da perpetuação da miseria humana.

O maior enigma da vida é a *autopercepção* ou *autoconsciência*. Este enigma pode estar escondido no temor; submetido à confusão e desintegração do ego investigador, como na esquizofrenia; ou pode estar ligado ao esforço para obter o maior fluxo bioenergético possível, sem bloqueios que venham a tolher a autopercepção. Esta seria a direção para o processo terapêutico: a da liberação dos bloqueios de *energia orgone*.

Sistematizando, Reich propõe três correntes de *energia orgone*, integradas umas às outras, emergindo umas das outras: o fluxo cósmico; o fluxo confinado dentro das membranas, primeira diferenciação clara de vida-não vida, de *energia orgone* do organismo-*energia orgone* não viva; e a percepção do próprio fluxo energético, a chamada *sensação orgonótica*, claramente expressa no impulso para a superposição no processo sexual. Somente prazer, angustia e raiva governam o cenário bioenergético. Inicialmente, o ser humano teria sido um animal dotado do sentido orgonótico de orientação. O chamado pensamento racional, provavelmente, teria acompanhado o processo de desenvolvimento do córtex cerebral.

A imaginação científica de Reich procura uma explicação para a couraça do ser humano, que poderia ter começado a raciocinar sobre suas sensações de corrente e sua capacidade de autopercepção e percepção do todo: "Talvez tenha começado a se encouraçar contra o medo e o assombro interior"(In: *Superposição*, p.98). Trata-se de uma tese que implica no abandono dos posicionamentos teóricos adotados na sociologia sexual, já comentada.

O que se sabe, diz Reich, é que o bloqueio nas atividades emocionais involuntárias imobiliza o organismo e perturba a integração das funções biológicas. Pode-se supor que em lugar da auto-regulação orgânica, bioenergética, se instaura "a força compulsiva de uma ordem mecânica da existência" (In: *Superposição*, p.98).

Reich avalia ter produzido uma ciência da natureza, na qual o grande *insight* seria a identidade "entre a lógica funcional e objetiva da *energia orgone*, tal como encontra os sentidos do homem e o poder de raciocínio do homem" (In: *Superposição*, p.91).

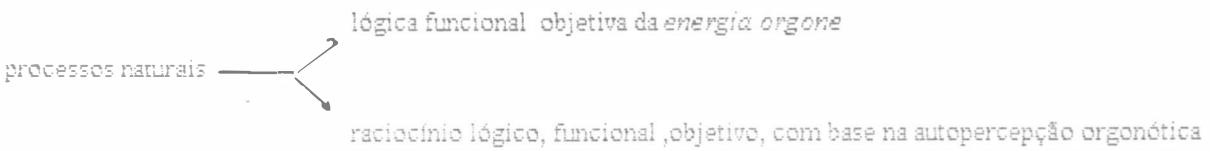
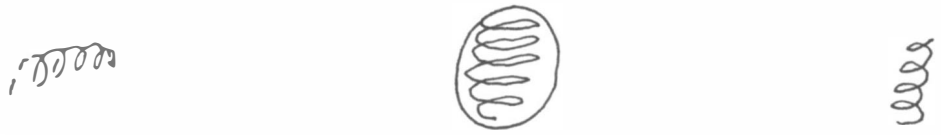


Figura 9 Funções *energia orgone* e autopercepção orgonótica e princípio de funcionamento em comum processos naturais In: *Superposição*, p.91.

A articulação *energia orgone*, vida, pensamento permite inferir que o ser humano em contato com o seu cerne energético não pensaria de modo linear, mecanicista ou místico. O pensamento seria *espiralado*, correspondendo ao livre fluxo na membrana. Trata-se de uma conclusão que provém dessa pesquisa. Reich não se deteve nesta questão, mas frisou que idéia corresponde a *quantum* de *energia*. Essa hipótese guarda a marca da espontaneidade, presente na intuição, enquanto a racionalidade que é a lógica funcional, opera em vaivém, na relação entre princípio comum e funções.



movimento da *energia orgone* movimento da bioenergia na membrana pensamento espiralado
Figura 10 Movimentos de *energia orgone* e pensamento

Em face do estado da arte da psicologia de seu tempo, eminentemente positivista, e da descoberta e aplicações da *energia orgone,* Reich postulou que a teoria do *orgone* estaria inserida no campo da ciência natural. Este não comportaria (e não comportou) as questões de de complexidades, articuladas como conceitos em estado prático. Uma frase triunfante encerra o livro *Função do orgasmo* (1942), "o que era psicologia tornou-se biofisica e parte de uma genuina ciência natural experimental". Buscando um argumento intrínseco à teoria do *orgone,* Reich postulava que sua descoberta teria entrado "em território biológico inexplorado"(p.319).

Ao tentar um enquadramento na ciência da natureza, Reich estaria buscando uma direção política para o encaminhamento da sua produção científica, a fim de obter reconhecimento, considerando-se o insucesso da tentativa de ter seu trabalho aceito por Einstein*[4].

Uma outra hipótese a ser considerada consiste na teoria *do orgone* apresentar um perfil científico novo.Em *Pulsação orgonótica,*Reich assinala o aspecto de multidisciplinaridade de seu trabalho. A teoria orgonômica, no entanto, mostra-se como um conhecimento sem fronteiras internas definitivas e definidas, de características transdisciplinares, que também se colocam como um conceito em estado prático. Assim,Reich elaborou uma "pirâmide de complexidades", na qual pensamento é potência de vida e vida é potência de *energia orgone*.

---

4 Ver no APÊNDICE B, a referência à documentação denominada *O affair Einstein* (1953).

6.4 Orgonoterapia caracteroanalítica

A terapêutica reichiana constitui-se na práxis de *energia orgone*-vida-pensamento. O terapeuta que já percorreu o caminho dessa práxis deverá manter-se nessa unidade para atender o paciente. Na orgonoterapia caracteroanalítica, paciente e terapeuta se dedicam a dissolver a couraça do paciente encouraçado, ou a construí-la com aquele que não a tem. O objetivo maior será o paciente poder alcançar a fluidez energética que lhe for possível.

A orgonoterapia dispõe de uma direção, de um norte, que provém da articulação de uma *proposta para o ser humano*, de *valores* que emergem do processo terapêutico, de uma *visão de mundo*, das *indicações para uma teoria da técnica*.

A *proposta para o ser humano* é de esperança. Incide na possibilidade de transformação, de que o ser humano pode perceber e conhecer a realidade, de modo biologicamente espontâneo, vibrátil, energético. Individualmente, que possa amadurecer em qualidades -- genital, auto-regulado, libertário e livre.

Do ponto de vista social, essas qualidades só poderiam ser alcançadas numa sociedade que fosse inventada, intencionalmente preparada através das crianças, nos cuidados com a concepção, gestação, parto, amamentação, desmame, sexualidade, acompanhamento das expressões de tensão e atenção às possibilidades de cronificação energético-somático-psíquicas. Nesse sentido, pensar a pedagogia anti-autoritária e os métodos de educação são condições de possibilidade para a prevenção de neuroses. Prevenção não está referida aos acontecimentos, mas aos cuidados para que motilidade e cerne bioenergéticos sejam preservados das cronificações que poderiam se tornar rígidas couraças.

O ser humano que deve ser inventado é o de caráter genital, orgasticamente potente, capaz da mais importante realização de um ser humano - ser ele mesmo, auto-regulado. Pode dizer o que sente e sentir o que diz, porque sua couraça não é rígida. A fluidez energética permite que expresse sua motilidade, por isso, é libertário. O contato com a natureza se expressa na sensação de fazer parte de um campo maior, por isso, é um ser humano livre. A possibilidade de expressar sua genitalidade está na razão direta de um ser humano livre sobreviver numa sociedade autoritária. É preciso, portanto, que suas defesas sejam móveis, que disponha de uma couraça móvel que o possa proteger na sociedade que age contra a vida.

A crítica social é explícita. Uma sociedade de homens e mulheres deserotizados, massificados, dos Zé Ninguém*[5] é o campo fértil para a ascenção do fascismo, homens e mulheres sem prazer, família monogâmica compulsiva, sociedade autoritária e religiões autoritárias. Os Zé Ninguém solicitam um chefe, político ou religioso, que lhes diga como devem ser, pensar, agir.

Reich postulou a possibilidade de o ser humano alcançar sua potencialidade; elaborou uma proposta para o ser humano que poderia ser realizável no futuro; postulou que o ser humano na genitalidade, funcionaria sem sadismo nem masoquismo: na genitalidade o ser humano ondula e pulsa; criou um método terapêutico que possibilitaria manter o contato com o cerne energético; procurou demonstrar os processos de encouraçamento na sociedade autoritária; propôs transformações sociais e políticas.

A combatividade de Reich na sociedade fascista dos anos 30 expressa a luta pela erotização, pelo prazer e pela vida. Desde então, a proposta dita reichiana será anatematizada pelos inimigos de tudo o que é vital e vibrante, os que são a favor da chamada miséria sexual, da repressão, do controle de tudo e de todos. Nos anos 50, ao desistir do atendimento de adultos e se concentrar nas possibilidades da criança, Reich ainda está voltado para a mesma questão da miséria sexual e sua reprodução nas futuras gerações. Reich aponta para os males do irracionalismo e da peste emocional. Hoje, a chamada sociedade do espetáculo, a banalização da violência presente nos cenários econômico, social, político e ideológico, a preocupação obsessiva com o desempenho sexual, traz a questão dos Zé Ninguém sob novas aparências.

O processo terapêutico propicia a expressão de novos *valores para a vida*, em si transformadores: a fluidez energética e o amor do cerne.

A fluidez energética, um cuidado de saúde que precisa ser preservado, dado que as conquistas energéticas são instáveis, devido ao chamado equilíbrio dinâmico da circulação energética.

O amor é o movimento espontâneo do cerne energético. É a expressão livre do ser humano livre. O amor é um movimento em direção ao outro, que envolve contato, emoção, empatia.

5 Ver no APÊNDICE B, a referência ao texto *Escuta,Zé Ninguém* (1949).

Assim, a fluidez energética acontece:

> nos pares, a fluidez é um encontro energético, a luminação: mãe lumina filho, terapeuta lumina paciente, professor lumina aluno, e par amoroso se lumina mutuamente; nas famílias, a fluidez se dá quando mãe e pai exercem as funções materna e paterna, reconhecendo na criança um outro, respeitando o tempo interno da criança, zelando por crianças genitalmente satisfeitas, isto é, satisfeitas de amor; no contato com a natureza, a fluidez está no ser humano sentir-se imerso na realidade que é energética, que se organiza como vida, sem que se saiba exatamente como isso acontece (DE PAULA,1999)(informação verbal).

Fluidez e amor podem constituir um par funcional que se remete à motilidade energética.

A *teoria da técnica* se pauta em movimentos que pretendem o contato do paciente com a sua motilidade energética. Assim, um caminho seria o de circulação entre sensação de motilidade energética/reconhecimento dos estados emocionais/pensamento/pálavra/linguagem, entendidos como o processo de interiorização/exteriorização, no qual o paciente se mobiliza para sentir e dar sentido às sensações. O psicoterapeuta se movimenta seguindo sua sensação de órgãos, solicitando o movimento do paciente. O caminho não significa qualquer linearidade, depende do momento que se vive na relação. Se o paciente não consegue identificar ou nomear como se sente, pode perceber e explicitar suas dificuldades.

A chamada couraça, simultaneamente psíquica (trata-se de defesa), somática (tem correspondência neuromuscular) e energética (evita as sensações do movimento energético), é expressão de rigidez. A *energia orgone* em motilidade configura a fluidez energética que o ser humano pode perceber em si e na relação com o outro. A fluidez energética passa a ser um modo de viver, pensar e sentir e agir do sujeito humano que está em contato com o animal humano.

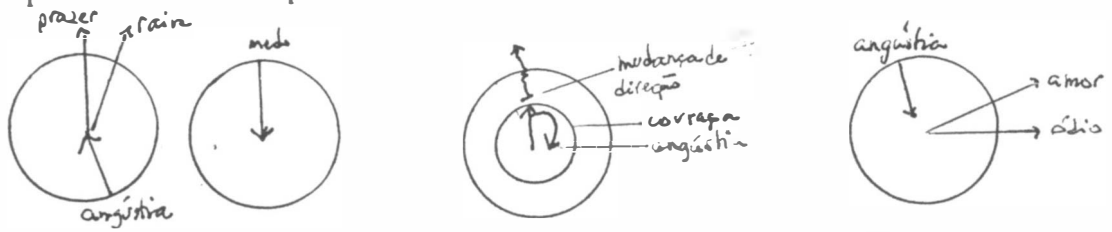
Na *visão de mundo* que o pensamento orgonômico adota, a *energia orgone* constitui o movimento de transformação, de ordem cósmica, à qual o ser humano está integrado. O livre contato com a pulsação e, por extensão, com o movimento energético cósmico cria novos modos de percepção. Conhecimento e pulsação implicam a unidade no trabalho terapêutico Assim, pela sensação, torna-se possível reconhecer os estados OR-DOR da *energia orgone* no ser humano e fora dele. Podem-se distinguir as manifestações do profundo e do superficial, do simples e do complicado. Simultaneamente à mudança na qualidade da percepção, podem acontecer novos modos de viver, de conhecer, novas visões de mundo. A existência da *energia*

orgone cosmica é transposta na terapêutica para a existência do movimento de *energia orgone* no paciente, atraves da percepção das sensações de motilidade.

As bases teórico-práticas da orgonoterapia caracteroanalítica têm fundamento na proposta do conhecimento orgonômico, que surge da pulsação. A orgonoterapia, portanto, percorre um caminho energético, que implica particular leitura da couraça.

A análise do caráter se remete ao berço freudiano e à manutenção do patrimônio da teoria da libido. No entanto, Reich se distancia de Freud, no âmbito da teoria da técnica e das técnicas. A manutenção das práticas da análise do caráter na orgonoterapia caracteroanalítica, significa um recurso valioso para o processo terapêutico. Na análise de caráter, o paciente é introduzido na observação da forma de expressão "que faz chegar às experiências da infância", pois, "não é o conteúdo ideológico, mas a forma de expressão que nos leva às reações biológicas que formam a base das manifestações psíquicas" (In: *Análise*, p.78).

Na *orgonoterapia caracteroanalítica* destacam-se cenário bioenergético e as expressões de encouraçamento e de fluidez.



cenários bioenergéticos encouraçamento fluidez energética

Figura 11 Flutuações e estases de *energia orgone* e expressões do movimento energético.In: *Éter*,p. 133.

No cenário bioenergético, tanto prazer e raiva, movimentos de expansão, quanto a angústia, movimento de contração, respondem às flutuações energéticas e às relações entre interno e externo. O medo crônico equivale à aniquilação dos movimentos do cerne e à desertificação emocional, à contração permanente sem possibilidade de expansão.

Na couraça, movimento de cronificação e defesa pós- fase edípica, o prazer impedido de se manifestar livremente, pode transformar-se em raiva destrutiva. A intensidade de prazer sem expressão retorna à couraça e mantém-se em estase energética, sob a forma de angústia.

Outros conceitos fundamentais para trabalhar com a orgonoterapia caracteroanalítica são os de *estrutura bioenergética do bioaparelho*, que modificam e ampliam a concepção de *estrutura do caráter*.

A concepção de estrutura do caráter que Reich adotou desde os anos vinte e faz parte da Economia Sexual consta de camada externa, socialmente ajustável; camada mediana, que contém os bloqueios da couraça; cerne, que funciona como sistema de vida plasmática, autônoma, móvel, organizada e altamente excitável, incluindo o sistema nervoso autônomo, que parece governado apenas pelas funções de carga e descarga primordiais ao sistema de energia. Essa concepção busca estabelecer/restabelecer as sensações de corrente ditas bioenergéticas que percorrem o organismo "nos casos em que a dissolução da couraça, a camada mediana da personalidade foi bem sucedida"(In: *DOR-buster*, p.12).

A orgonoterapia caracteroanalítica refere-se à estrutura bioenergética do bioaparelho, composto de âmago biológico (o sistema plasmático), de periferia, que é a superfície da pele, e do campo de *energia orgone*, além da superfície da pele (In: *Análise*, p.473). Nessa estrutura, a pele é vista como membrana que engloba os sentidos corporais e dá a extensão e ligação do interno com o externo. A integração do corpo estabelecendo sua unidade é que permite que aflore o sexto sentido orgonótico, a sensação de órgão que, a sua vez, constitui a interpretação energética da relação dentro/fora, interno /externo.

Ao pretender que a orgonoterapia tenha por meta "a mobilização da *energia orgone* do organismo" (In: *Funcionalismo*,p.21), Reich elabora "uma nova concepção da estrutura bioenergética do bioaparelho" (In: *Funcionalismo*,p.76), que se compõe de cerne e periferia bioenergéticos, respectivamente, aparelho ganglionar autônomo e membrana superficial do organismo. A composição do bioaparelho não implica em retorno às questões de localização, pois tratam-se de funções da *energia orgone*. Com essa concepção, Reich desloca o objetivo da orgonoterapia, do movimento de *energia orgone* nas correntes plasmáticas para o movimento do aparelho ganglionar autônomo, cujo encolhimento é a base das biopatias. Compondo o bioaparelho em cerne e membrana, Reich está pontuando que a terapêutica visa tornar a membrana o mais porosa possível, para que os fluxos energéticos dentro/fora se façam sem estases.

Figura 13 Estrutura do caráter e estruturas do bioaparelho. In: *DOR-buster*,p. 12; *Análise*, p.473, *Funcionalismo*, p. 76.

Reich havia observado os movimentos de vermes transparentes, convencendo-se de que o sistema nervoso do vivo se movimentava, não era inerte como os manuais o representavam, era passível de transformação, confirmando o movimento de contração e expansão. A bioestrutura do bioaparelho, concebida em termos de cerne e periferia, articula cerne/movimento OR-DOR e periferia/ couraça/ estase de DOR. Essa concepção incide na teoria da técnica da orgonoterapia: o paciente passa a se concentrar na percepção das diferenças entre movimentos da periferia e do cerne. Passa a distingüir movimentos genuínos do cerne e movimentos repetitivos da couraça, para, aos poucos, poder ceder ao cerne e funcionar de modo coerente, podendo unir sensações do cerne à sua expressão verbal.

O *espaço terapêutico* está referido ao campo energético de terapeuta e paciente. Se o terapeuta dispuser de campo energético com predominância da chamada *energia OR*, se estiver em contato com o seu próprio cerne e disponível para acolher o paciente, o paciente poderá entrar em expansão energética e se luminar.

Uma questão se coloca para o processo terapêutico. O paciente vai reconhecer na couraça, a cada segmento, qual o padrão de expressão energética que mantém como repetição e limite, para poder, enfim, sentir seu próprio movimento. O processo terapêutico visa liberar todos os segmentos da couraça e, ao final, visa que o paciente possa aceitar o movimento involuntário da vibração biológica e viver em auto-regulação. Isso significa que, no processo, o paciente possa reconhecer seus estados OR e DOR, possa aceitar a dissolução da couraça segmentar alimentada por DOR, possa buscar novas expressões OR para sua vida, sabendo que o processo OR-DOR é permanente, e que a couraça pode, portanto, retornar. A explicação, talvez, faça parecer que o processo é fácil, mas não o é.

A orgonoterapia caracteroanalitica visa juntar sensação, percepção, pensamento num movimento único. A comunicação na clínica reichiana é analógica, dado que trabalha a não coerência entre expressão emocional e verbal. O ser vivo pode estar funcionando em coerência e passar a funcionar sem coerência. A terapia orgonômica está dirigida ao como: o paciente cria um *know-how* sobre si mesmo, ele vai dar sentido de uma outra forma, vai dar sentido a sua couraça, que ele ignora, vai procurar um novo jeito de se expressar, vai descobrir como faz para (não) sentir.O pensamento que vem do cerne distingue-se do pensamento que vem da couraça. O

paciente, precisa da ajuda do terapeuta para distingui-los, porque pode interpretar que determinado pensamento vem do cerne quando ainda é um pensamento da couraça.

O final de terapia chega a ser atemorizante, porque o paciente vai se ver frente ao dilema: o que fazer *se* e *quando* as defesas cairem? Como funcionar sem couraça crônica?

Saúde acompanha fluidez energética, movimento contínuo, relação da natureza singular do ser humano com a natureza fora de si mesmo. No entanto, as defesas são permanentemente reativadas na vida sócio-cultural. A sociedade em que se vive na atualidade é uma sociedade encouraçada; se não o fosse, a psicoterapia tornar-se-ia supérflua. A sociedade encouraçada instaura um movimento de dupla direção: o movimento do cerne busca uma relação genuína, e na impossibilidade de relação,volta-se para si, contrai-se e cronifica a contração. A fluidez energética se torna limitada às relações possíveis e à curta duração, se os acontecimentos do ambiente sócio-cultural impuserem constrangimentos.

> A orgonoterapia reichiana tem como objetivo recuperar a sincronia entre ser humano e a natureza . Seu objetivo é instaurar a ética do amor. A ética como expressão do amor permite que cada identidade seja manifestação diferenciada da mesma energia cósmica. A sincronia permite um movimento de liberdade totalmente ético,que é, por isso mesmo, sentido como expressão do amor. As relações sociais,então, expressam o tão ansiado contato provedor da sensação de identidade no existir (DE PAULA, 1999, p.10).

Em contato com o cerne e em fluidez energética, enfim, emerge a possibilidade de amar, trabalhar e criar na singularidade.

7 CONCLUSÃO

Repetir, repetir até ficar diferente
Repetir é um dom do estilo.

Manoel de Barros, 1994, p.13.

... o resto ia no invento
Pois que inventar aumenta o mundo.

Manoel de Barros, 1998, p.29.

Se essa pesquisa se finaliza, o pensar é inconclusivo... um movimento de retomada se impõe.

Foi dito na *Introdução* que o objetivo dessa pesquisa seria o de resgatar e sistematizar o pensamento orgonômico de Wilhelm Reich, empreendendo uma tentativa de discussão sobre o pensamento funcional e o funcionalismo orgonômico.

Desde os primórdios da pesquisa, pensava-se que o projeto poderia contribuir para a disseminação do pensamento orgonômico e para minimizar preconceitos em torno da concepção de *energia orgone*. Numa apreciação de seu conteúdo final, pensa-se hoje que a relevância e a contribuição da pesquisa realizada é, também, a de mostrar que o pensamento orgonômico de W. Reich é coerente nos seus propósitos, articulado nas suas expressões e fidedigno em relação aos fenômenos observados e observáveis.

Buscou-se uma direção para a pesquisa. O relevo na história das ciências contribuiria para o esclarecimento de particulares questões de pesquisa, prescrevendo uma direção horizontal. Outra direção mostraria que a prevalência de certas características no pensamento científico cria concepções dominantes de ciência. Chegou-se à convicção de que a cultura científica da atualidade seria o *locus* no qual o debruçar-se sobre o pensamento orgonômico poderia resultar frutífero, pois o conhecimento científico atual admite a intuição para ampliar a racionalidade, é pautado na ausência de certezas, admite a contradição. Optou-se, então, pela verticalização da pesquisa.

As questões da *energia orgone* deram ao autor e à obra orgonômica o estigma de quase-malditos, impedindo o reconhecimento de seu trabalho. Reich teve colaboradores e

seguidores. A comunicação de suas idéias se faz através de uma narrativa em vaivem; os textos são adequados à transmissão de seu pensamento; é comum o apelo à historicidade das descobertas, a partir de diferentes pontos de vista; existe unidade na variedade e seqüência de temas, assim como no encadeamento e transformações dos conceitos. O percurso da obra resulta em *movimento espiralado,* em torno do eixo da função do orgasmo, pois o autor usa deslocamentos para transformar os temas, une-os e passa a outro nível de discussão. Para ler Reich é preciso acompanhar o seu movimento. O pesquisador se torna um garimpeiro, discernindo o não dito do já dito e demarcando o novo.

As questões do pensamento funcional mostram que o uso reichiano do conceito de função dá condições para pensar o observável em relação ao subjacente. Assim, compõem-se campos teóricos que oscilam entre função/princípio comum e ordem/desordem, campos que se unificam , não se cristalizam, não se fecham.

No pensamento funcional vigora uma lógica alternativa que visa apreender a variabilidade da natureza e opera em não linearidade.Conjugada à intuição, marca o modo de pensar do ser humano desencouraçado. Dado que a ciência é intuitiva no sentido sensorial, mas não o é no sentido lógico, assim, o pensamento funcional se justifica como modo de conhecimento científico.

A pesquisa do funcionalismo reichiano distingue-o, historicamente, dos funcionalismos das ciências sociais e marca um espaço próprio de inventividade. A manutenção de *conceitos em estado prático* é interpretada como uma tática para assegurar a maleabilidade do pensamento. Assim, na trama dos conceitos, o funcionalismo orgonômico é constituido como *discurso forte*, funcionalismo é conceituado como *homólogo a pensamento funcional,* funcionalismo energético é proposto como método de estudo e trabalho; o funcionalismo reichiano une método e lógica e os remete a questões da motilidade energética, objeto da orgonoterapia caracteroanalítica, reiterando a unidade conceitual.

O aspecto mais controvertido da orgonomia tem sido a *energia orgone*, cósmica e pulsante que ocupa o vazio virtual, portanto, não teria para onde mais se espraiar. Contida na membrana a *energia orgone* se potencializa em vida. Para Reich, a vida é: a vida funciona, é fluxo OR-DOR dentro da membrana, não tem qualquer sentido.. Perceber a *energia orgone*

livre significa apreender a totalidade pela intuição e pelo pensamento, que corresponde ao nível de complexidade máxima - *energia orgone*, vida e pensamento. Nele trabalha a terapêutica. No ser humano, ao livre fluxo de *energia orgone* na membrana corresponderia o *pensamento em espiral*, embora Reich não tenha se ocupado dessa possibilidade.

Uma importante questão emana da técnica da orgonoterapia caracteroanalítica e se reporta à distinção entre movimento defensivo da couraça caracterial e movimento genuíno do cerne energético. O elo perdido é a ligação entre sensação e pensamento, e o elo encontrado é o pensamento íntegro do sujeito. A importância da ajuda do terapeuta está na possibilidade de reconhecê-los. Isso inclui a alternância OR-DOR no paciente e no terapeuta, propiciando a transferência por luminação, o reconhecimento do movimento estagnado e o movimento fluido e, finalmente, a percepção da própria singularidade. No final de terapia, pretender-se-ia que o paciente se deixasse entregar ao movimento involuntário e à própria fluidez energética.

O pensamento reichiano não é individualista. A emoção é a reação ao movimento do outro. O ser humano precisa do outro e do contato com a natureza para viver a emoção. Aí se assenta a tão esperada auto-regulação.

A difusão do pensamento funcional exige o resgate de algo que ainda está sendo rechaçado ou ignorado: a *energia orgone*-OR e a *energia orgone* deteriorada- DOR.

São descobertas que fazem jus ao pesquisador de gênio que foi W. Reich. A *energia orgone*, no entanto, ainda é tratada como uma descoberta não científica. O reconhecimento científico da *energia orgone* seria trazer à luz algo que está presente no cerne da Psicologia, pois não se trata de uma energia subjetiva limitada *no* e *ao* corpo, mas uma *energia* que transcende a subjetividade, ultrapassa o que é apenas objetivo e o que é apenas subjetivo, supera o que é apenas interno e o que é apenas externo.

Ao integrar as polaridades OR-DOR do cerne energético e as polaridades OR-DOR do mundo, o subjetivo do ser humano se expressa em múltiplas singularidades, em que se conjugam as diversidades energéticas dos seres humanos, simultaneamente.

No pensamento funcional não há referentes. Aqui e agora, a cada instante, surgem diferentes sensações, portanto, por momentos, vige a incoerência, isto é, sensações desligadas do pensamento. Intuição e lógicas de raciocínio indicam uma direção coerente no momento.

A atualidade anuncia, em estado nascente, a busca da perspectiva de pensamento que inclua as demais. O funcionalismo orgonômico expressa esse modo de conhecimento porque observa o ser humano em movimentos simultâneos; trabalha com pensamentos e ações simultaneamente locais e globais, abrange o ser humano em motilidade inserido na natureza em movimento; não opera com barreiras internas.

O que é novo na orgonomia é ter se constituido como um conhecimento sob moldura propria. Reich foi um cientista visionário e inovador. Não se prendeu a afiliações. Teve que buscar provas para suas observações da natureza e do ser humano. Em certos aspectos, tanto ficou limitado pelo modelo cientifico da época quanto ficou aprisionado pela necessidade de convencer seus pares cientistas.Ainda assim, produziu conhecimento original, singular.

Reich quer as coisas não como são, mas como estão sendo. Tem o olhar para uma visão poética do mundo e busca uma visão da poética do mundo, sem dele se alienar. Quer apreender o movimento no qual busca a leveza, a fluidez.

A retomada também significa abrir questões e desejos. Seria importante e necessário que o estudo prosseguisse com a colaboração de uma equipe multidisciplinar. Seriam importantes novos estudos para gáudio do pesquisador, apropriáveis por quem deles se encante: estudos de perspectivas epistemológicas, avançando na questão do funcionalismo orgonômico constituir-se um pensamento que engloba outros; estudos de perspectivas interdisciplinares, ampliando o tema *energia orgone,* vida, pensamento; estudos de perspectivas clínicas, nas questões da orgonoterapia caracteroanalítica.

Os estudos da *energia orgone,* indubitavelmente, abrem novas questões no campo do pensamento. A realidade é inapreensível. O conhecimento cientifico consiste em metáfora da realidade. A *teoria do orgone* não tem padrões de referência. O pensamento funcional é a bússola.

Não foi Reich que chegou à atualidade. A atualidade é que está chegando a Reich.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, V.M..*Na evolução do pensamento de Freud.* Rio de Janeiro: [s.n.], 1997.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023. Referências-Elaboração.* Rio de Janeiro, ago. 2000.

_____ . *NBR 10520. Apresentação de citações em documentos.* Rio de Janeiro, jul.2001.

_____ . *NBR 14724. Trabalhos acadêmicos. Apresentação.* Rio de Janeiro, jul. 2001.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOLOGIA. *Cem anos de Wilhelm Reich.* Rio de Janeiro, 49(2), abr./jun. 1997.

ARQUIVOS SIGMUND FREUD. *Diário de Sigmund Freud 1929-1939. Crônicas breves.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. Original: 1992.

BAKER,E.. *O labirinto humano.* São Paulo: Summus, 1980. Original:1967.

BARROS, M.. *Livro das ignorãças.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

_____ . *Matéria de poesia.* Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____ . *Retrato do artista quando coisa.* Rio de Janeiro: Record, 1998.

BERGSON,H. . *Matéria e memória.* São Paulo: Martins Fontes, 1990. Original:1897.

BIRMAN,J. . Psicanálise e teoria da cultura. Notas de aulas. In: *Instituto de Psicologia.* Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

BOADELLA,D. . *Nos caminhos de Reich.* São Paulo: Summus, 1985. Original: 1973.

BOHM,D.. *A totalidade e a ordem implicada: uma nova percepção da realidade.*São Paulo: Cultrix, 1992.

BUNGE,M.. *Teoria e realidade.* São Paulo: Perspectiva, 1974.

CÂMARA, M.V. A..*O descaminho necessário: introdução à clínica e à política reichianas.* Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

CARDOSO, H.. *Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade.* Rio de Janeiro: [s.n.], 1999.

CHATÊLET, F.. *Uma história da razão.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CHAUÍ, M.. *Convite à filosofia.* São Paulo:Ática,1994.

_____ . *Da realidade sem mistérios aos mistérios do mundo.* São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____ . *A nervura do real.* São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

COSTA, M.de M.R. O jovem Reich. In: *Revista de Psicoterapia corporal,* nº 2, fev.1999. Curitiba, Centro Reichiano.

_____ . *Wilhelm Reich, domador de cavalos de batalha.*Mar. 1997.Monografia do Curso de Formação em Orgonoterapia. Rio de Janeiro, Escola de Orgonomia Federico Navarro.

COSTA, N.C.A.da . *O conhecimento científico.* São Paulo: Discurso Editorial, 1997.

_____ . *Lógica indutiva e probabilidade.* São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

COSTA,R.A. . *Sobre Reich,sexualidade e emoção.* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

DADOUN, R.. *Cem flores para Reich.* São Paulo: Moraes, 1991.

_____ . *Cent fleurs pour Reich.* Paris: Payot, 1975.

DE DUVE,C. . *Poeira vital: a vida como imperativo cósmico.* São Paulo: Campus, 1997.

DELACAMPAGNE ,C.. *História da filosofia no século XX .* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DE MEO, J.. *Manual do acumulador de orgônio.* Rio de Janeiro: Imago, 1995.

DE PAULA,M.B. Sobre o pensamento orgonômico reichiano.Notas de aulas. In: *Grupo de estudos Reich-Freud.* Rio de Janeiro, 1999-2001.

_____ . Prefácio. In: VOLPI, J.H. *Psicoterapia corporal: um trajeto histórico de Wilhelm Reich.* Curitiba: Centro Reichiano, 2000.

EISTER,A. W. Função .In: *Dicionário de ciências sociais.*Rio de Janeiro:Fundação Getúlio Vargas,1986.

ENERGIA, CARÁTER E SOCIEDADE. Instituto de Orgonomia Ola Raknes. Rio de Janeiro, 1993-1994.
ESCOBAR,C. H.. *As ciências e a filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
FEITOSA,C. Utilidade e desvantagem da ciência para a vida. Palestra. In: *Congresso de Psicologia da UFRJ*. Rio de Janeiro, 19 set.2000.
FOUCAULT,M. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992.Comunicação à Société Française de Philosophie. Paris, 22 fev.1969.
GARCIA-ROZA,L.A.. *Esboço de uma história do saber psicológico*. Fev.1975.Dissertação de Mestrado em Psicologia. Instituto de Psicologia.Universidade Federal do Rio de Janeiro.
GRANGER,G-G.. *A ciência e as ciências*. São Paulo: Unesp, 1994.
GIBIER,L.; MALUF Jr.,N.; COTTA,J.A..*Reich contemporâneo: perspectivas clínicas e sociais*. Rio de Janeiro: APC-RJ/Sette Letras, 1998.
GLEICK,J.. *Caos: a criação de uma nova ciência*.Rio de Janeiro: Campus, 1990.
GLEISER,M.. *A dança do universo:dos mitos de Criação ao Big-Bang*. São Paulo: Cia.das Letras,1997.
HIGGINS, M.; RAPHAEL, C. (Org). *Reich fala de Freud*. Lisboa: Moraes, 1979. Original:1952.
HOBSBAWM,E.. *A era dos extremos: o breve século XX- 1914-1991*.São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
HOLTON,G.. *A cultura científica e seus inimigos: o legado de Einstein*. Lisboa: Gradiva,1998.
HORGAN, J.. *O fim da ciência:uma discussão sobre os limites do conhecimento científico*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
HOUAISS,A.;VILLAR,M.deS.. *DicionárioHouaiss da Língua Portuguesa*.Rio de Janeiro: Objetiva,2001.
JONES,E.. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1979.
KASTRUP, V.. *A invenção de si e do mundo*. Campinas: Papirus, 1999.
_____. Isabelle Stengers e o problema da invenção da ciência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro,48(4), p. 90-105,out./dez.1996.
LACAN,J.Escritos.In:ESCOBAR, C.H.et al..*A epistemologia e a teoria das ciências*. Petrópolis: Vozes,1971.
LAPLANCHE, J: PONTALIS, J-B..*Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes,1994.
LARA,M.C.N..*As vozes da ilusão e o tempo do agora na criação de Clarice Lispector*. Fev. 2002. Tese de Doutorado em Psicologia. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
MACHADO, A.C.. *Pensando a energia*. Rio de Janeiro: Eletrobrás, 1998.
MAFFESOLI, M. A *transfiguração do político*.Porto Alegre: Sulina, 1997.
MALUF Jr., N.(org.). *Reich :o corpo e a clínica*. São Paulo: Summus, 2000.
MALUF,U..*Cultura e mosaico: uma introdução à teoria das estranhezas*.Niterói: Sol Nascente, 1997.
_____ . *Teoria das Estranhezas*. No prelo. Originais cedidos pelo autor.
_____ . Notas de aulas. In: Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro.1998/
MANN,W.E.. *Orgônio, Reich & Eros*. São Paulo: Summus,1989.
MARINHO, L.C. .*O método funcional e o fenômeno do conhecimento*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1989.
MARTON,S.. *Nietzsche:das forças cósmicas aos valores humanos*.Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2000.
MATRIARCADO. In: DICIONÁRIO de ciências sociais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
MATTA,R.da. Funcionalismo.In: *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.
_____. Estruturalismo. In: *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.
NAVARRO,F.. *Caracterologia pós-reichiana*. São Paulo: Summus, 1995.
_____ . *Metodologia da vegetoterapia caracteroanalítica*. São Paulo: Summus, 1996.
NEILL, A.S.. O homem Reich. In: BOADELLA,D. *Nos caminhos de Reich*. São Paulo: Summus,1985.
OLIVEIRA, J.G.C.. História do conceito de éter.*Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, vol. 49(2), p. 26-33, abr.-jun.1997.
_____ . *Ser e não ser: a dinâmica do universo*. Rio de Janeiro: Papel virtual, 2000.

OLIVEIRA, J.G.C.;SIGELMANN,E.. O outro lado do orgon. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro. vol.48(2), p.54-68, jul/set.1996.

OLIVEIRA, L.A.. Introdução à Complexidade. Notas de aulas. Rio de Janeiro. In: *Associação Brasileira de Integração Corpomental- ABIC*, 2.sem.2000.

_____. Introdução à Cosmologia. Notas de aulas.Rio de Janeiro.In:*ABIC*, 1.sem.2001.

PRIGOGINE,I.Carta para as futuras gerações.*Folha de São Paulo*, Caderno Mais!,30 jan. 2000, p.5-7.

_____. *O fim das certezas: tempo, caos e leis da natureza*. São Paulo: Unesp, 1996.

PRIGOGINE, I; STENGERS, I. .*A nova aliança*.Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1997. Original: 1984.

RAKNES, O.. *Wilhelm Reich e a orgonomia*. São Paulo: Summus, 1988.

REICH, I. O.. *Wilhelm Reich: una biografia personal*. Barcelona: Gedisa, 1978. Original:1969.

REICH, W. *O affair Einstein*. [S.l.,s.n], [199-?]. Original: 1953.

_____. *Análise do caráter* .Viseu: Martins Fontes,[198-]. Original:1933; 3ª ed. , 1948.

_____. *Assassinato de Cristo*. São Paulo : Martins Fontes, 1991. Original: 1953.

_____. *Beyhond Psychology: Letters and Journals 1934-1939*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1994.

_____. *Os bions*. [Curitiba]:[s.n.], [199-?]. Original: 1938.

_____. *The cancer biopathy* . New York: Farrar, Straus and Giroux, 1973. Original :1948.

_____. *O conflito da libido e o delírio no Peer Gynt de Ibsen*. Tradução de M.Carolina. [S.l.:s.n.],[199-?]. Original: 1920.

_____. *Contato com o espaço*. [S.l.: s.n.][199-?]. Original :1954-1956.

_____. *CORE-CosmicOrgoneEngineering*.[S.l.:s.n.],[199-?].Original:1954-1955.

_____. *Crianças do futuro*. Tradução de Marissol Terlizzi. Rio: Centro de Investigação Orgonômica Wilhelm Reich, [198-?]. Original :1950.

_____. *Escuta, Zé Ninguém* .São Paulo : Martins Fontes, 1977. Original: 1948.

_____. *Éter, Deus e o diabo*. [Curitiba]:[s.n], [199-?].Original: 1949.

_____. *A função do orgasmo*. São Paulo : Brasiliense, 1979. Original: 1942.

_____. *Funcionalismo orgonômico-Parte II. Sobre o desenvolvimento histórico do funcionalismo orgonômico*.Tradução de Paulo Augusto Castro Soares. São Paulo: [s.n.], 1987. Original:1950.

_____. *A irrupção da moral sexual repressiva*. São Paulo: Martins Fontes, [1982?]. Original :1932.

_____. *Paixão de juventude uma autobiografia 1897-1922*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. *Pessoas em dificuldades*.Curitiba: Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal, [2000]. Original: 1952.

_____. *Psicologia de massas do fascismo*.São Paulo:Martins Fontes,[198-].Original: 1933; prefácio 3ªed,1942.

_____. *Psicopatologia e sociologia da vida social* .São Paulo : Global: 1975. Original: 1927.

_____. *Pulsação orgonótica*. [S.l.:s.n.],[199-?] .Original :1944.

_____. *A respeito da energia das pulsões*.[S.l.: s.n.],[199-?]. Original :1923.

_____. *Superposição cósmica* . [S.l.:s.n.],[199-?]. Original: 1951.

REVISTA DA SOCIEDADE WILHELM REICH. Porto Alegre: Sociedade Wilhelm Reich. 1997- 1999. Anual.

ROMEYER-DHERBEY,G.. *Os sofistas*. Lisboa: Ed. 70, 1986.

ROUDINESCO,E. .*História da Psicanálise na França: a batalha dos cem anos*. Volume 2: 1925-1985. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

TRIGO,L. .A felicidade do trágico. Entrevista [de]Clement Rosset. *O Globo*, Rio de Janeiro. 10 ago. 2001, Segundo Caderno, p.1.

TUCHERMAN,I. *Breve história do corpo e seus monstros*. Lisboa: Vega,1999.

SERRANO H., Xavier. *Contacto, vinculo, separación*. Valencia: Orgón, 1994.

SERRES,M. *Hermes: uma filosofia das ciências*.Rio de Janeiro: Graal,1990.Originais:1969-1980.

_____. *Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour*. São Paulo: Unimarco. 1999. Original: 1992.

SHARAF,M.O julgamento de Reich. In: BOADELLA,D.. *Nos caminhos de Reich*. São Paulo:Summus, 1985.

SIGELMANN,E.. A ciência pós-moderna na psicologia clínica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, 43(3-4), p. 36-44, jul./dez.1991.

_____ A homogênese das teorias psicanalíticas: uma questão de interação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro,47(2), p. 3-17, abr./jun.1995.

_____ Notas de aulas.In: *Instituto de Psicologia*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2000.

_____. Valor da sexualidade no pensamento de W.Reich. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, vol.43 (1-2), p. 13-20, jan/jul 1991.

STENGERS,J . *Quem tem medo da ciência? Ciências e poderes*. São Paulo: Siciliano, 1990.

_____. *As políticas da razão*. Lisboa: Edições 70, 2000.

SWAIN,H. Daniel Dennett. In: GRIFFITHS.S.(org.). *Previsões:30 grandes pensadores investigam o futuro*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TROTTA. E.E. Metodologia da Orgonoterapia. *Revista da Socieaade Wilhelm Reich*, Porto Alegre, vol.3, nº 3 ,p.32-57, dez.1999.

WAGNER,C.M..*Freud-Reich: continuidade ou ruptura?* São Paulo: Summus, 1996.

ZENTGRAF,M.C.. *Monografia objetiva*.No prelo.Originais cedidos pelo autor.

APÊNDICE A

DA ECONOMIA SEXUAL À ORGONOMIA

A *Economia Sexual* foi organizada entre 1919 e 1923 e separada da Psicanálise em 1928. Reich definiu-a como "teoria da sexualidade científico-natural empiricamente estabelecida" e considerou-a "uma disciplina com métodos próprios" (In: *Função*,p.13-14). O método de investigação é o chamado *pensamento funcional*. O principal conceito é o de *potência orgástica*.

Outros conceitos fazem parte da Economia Sexual (In: *Análise*,p.425-467):

— *análise do caráter*, técnica que afeta a neurose no aparelho psíquico e na muscularidade, desenvolvida entre 1926 e 1934, com o objetivo de liberação da energia psíquica, da *couraça do caráter*, da *couraça muscular* e o estabelecimento da *potência orgástica*. A análise do caráter, inicialmente, era uma modificação da técnica psicanalítica da análise dos sintomas, pela inclusão dos conceitos de caráter e de resistência de caráter. Em *Reich fala de Freud*, uma entrevista de 1952, Reich expõe que a análise do caráter introduziu a *interpretação da expressão emocional* (In: *Entrevista*, p.19);

— *vegetoterapia*, técnica terapêutica que pretende afetar a neurose de caráter no campo fisiológico, na qual a tônica da análise do caráter passa ao corpo. Tem o objetivo de liberar a *energia* das correntes vegetativas[*1] em estase e restituir a *motilidade vegetativa*. Foi criada a partir da descoberta do *reflexo do orgasmo*,em 1935;

— *vegetoterapia caracteroanalítica*, técnica terapêutica elaborada em 1940, resultante da fusão da vegetoterapia com a análise de caráter.

Na vertente político-social-ideológica do pensamento de Reich é pregnante o alinhamento com o marxismo. Para intervir na cena social de Viena, em 1927, criou uma organização, a Sociedade Socialista de Consulta Sexual e Investigação Sexual, que manteve centros de higiene mental com o objetivo de atendimento ambulatorial e educação sexual.

---

1 O atual sistema nervoso autônomo era então denominado sistema neurovegetativo.

Em 1930, em Berlim, fervilhante centro econômico, irradiador de mudanças sociais e políticas,Reich elaborou um projeto de mobilização social que foi encampado pela Divisão Cultural do Partido Comunista Alemão e implementado pela entidade fundada para patrocinar o projeto, a Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária. O projeto, sob a denominação de Sexualidade e Política — *Sexpol*, tinha o objetivo de politizar o problema sexual e articular a ação revolucionária entre infraestrutura econômica e superestrutura ideológica. Nesse projeto, Reich criou ambulatórios, fez conferências com sucesso de público, tornou-se consultor de diversas organizações, publicou livros de informação sobre o tema da sexualidade e pensou a articulação entre marxismo e psicanálise.

Os resultados político-ideológicos foram nefastos para Reich. Desfeito o projeto, comunistas o ameaçaram de morte. Devido à publicação de *Psicologia de massas do fascismo*, fascistas o ameaçaram de morte.

Em 1934, associado a cientistas do Instituto de Psicologia da Universidade de Oslo, Reich passou a trabalhar em pesquisa experimental, fundada na questão da *energia psíquica,* conceito freudiano e adotou o método científico de "observação, hipótese, confirmação experimental e nova descoberta" (In:*Funcionalismo*, p.5).

O experimento inicial, concebido no campo da fisiologia experimental, tratou do problema da sensação de prazer, "assunto que era tabu" (In: *Éter*,p.55). Foi construido um instrumental específico e os experimentos foram realizados em 1935 e 1936. Foi testada a hipótese clínica de que a excitação sexual era *funcionalmente* idêntica à carga bioelétrica que pode ser medida na superfície da pele. A conclusão da pesquisa é que se confirmavam a fórmula de tensão-carga, a formulação clínica das antíteses econômico-sexuais de prazer-angústia e expansão vegetativa-contração vegetativa, e o processo de quatro tempos da fórmula do orgasmo — tensão mecânica, carga bioelétrica, descarga bioelétrica, relaxamento mecânico, mais tarde interpretada como a fórmula da vida. Foram encontrados os movimentos de *carga e descarga bioelétricas*, mensuráveis em milivolts. O organismo funcionava como um sistema eletrolítico e havia contínuo campo bioelétrico que alterava as excitações entre os plexos no centro do corpo e a superfície da pele.

O problema seguinte, inserido no campo biologico, foi o de observar o movimento do vivo. A proposta foi a de estudar o movimento dos protozoários e registrar os resultados em fotografia seqüencial. Foram constatados os movimentos de *contração e expansão* e as *correntes plasmáticas*.

Outro problema foi o da pesquisa de tecidos orgânicos em desintegração. Foram registrados achados sobre vesículas que se despregavam da matéria, giravam, apresentavam movimentos de expansão/contração, atraiam-se como se estivessem formando nova organização e tornavam-se uma ameba. Reich as denominou *bions*, unidades de energia vital, visíveis ao microscópio.Em diferentes experimentos, Reich confirmou que sempre ocorria a desintegraçãoem *bions*, aos quais designou como "bolhas de energia". Reich se interessou pelo aspecto funcional, isto é, pela motilidade dos *bions*, e não pela sua estrutura.

Nos cultivos de *bions* foram identificados dois tipos de vesículas de efeito antitético.

No tecido saudável,a célula se desintegrava em *bions Pa*; no tecido canceroso, em *bacilos T*. Os *bions* Pa (do inglês, *packet, pacote*), maiores, apresentavam a propriedade de imobilizar os bacilos T (do alemão, *Tod, morte*), menores. Nos experimentos, os cultivos de *bacilo T* foram inoculados em ratos, que vieram a apresentar formações cancerosas, enquanto os ratos inoculados com os *bions Pa* permaneceram saudáveis.Dentre os ratos inoculados com *bions* Pa e, depois, *bacilos T*, a maior parte permaneceu saudável, e os demais ficaram doentes e morreram.

Na diversificação dos experimentos foi utilizado material inorgânico. A equipe pôde observar, em preparações esterilizadas, o aparecimento de *bions* de cor azul que, ao microscópio, depois de algum tempo, reuniam-se em cachos, cercavam-se de membranas, começavam a se deslocar, da mesma forma que os protozoários.

Por engano, o experimento foi realizado com areia oceânica. Inúmeras vezes replicados, os experimentos apresentaram os mesmos resultados: as vesículas de *bions Sapa* (do inglês, *Sa,sand,*areia; *Pa,packet,*pacote), móveis, azuis e de mais luminosidade do que as até então obtidas. No laboratório — conjuntivite da equipe, reações da pele, ambiente opressivo, filmes fotográficos revelados devido à radiação e a mencionada *luminosidade especifica*

convenceram Reich de que se tratava de *energia biológica*, capaz de carregar energeticamente a matéria orgânica. Daí em diante, trata-se de investigar um problema novo.

Reich denominou sua descoberta de *energia orgone*. Delineia-se a chamada unidade teórico-prática orgonômica do pensamento reichiano, com base na *energia orgone*. O problema de pesquisa se constitui na formulação: *o que é função natural se entendida como um processo energético?* O objeto de conhecimento é *a energia orgone*. O campo de estudos que Reich denominou *física do orgone*, os experimentos pretendiam comprovar e mensurar a chamada *energia orgone*. Com a seqüência das pesquisas, Reich se convenceu de que se tratava de "energia cosmica desconhecida, universalmente presente" (In: *Éter*, p. 55).

A pesquisa experimental se expande com invenções reichianas, por exemplo, o *cloudbuster*, aparelho que influi no clima, concentrando nuvens ou fazendo chover e o *acumulador de orgone*,destinado a concentrar o *orgone* atmosférico numa caixa, composta de duas ou mais camadas alternadas de material orgânico e metálico. A *energia orgone* e o *acumulador de orgone* foram divulgados em 1942, acompanhados de estudos sobre a biopatia do câncer, compondo a chamada *biofísica do orgone*.

Reich tentou aplicar o *acumulador de orgone* em casos de *biopatia do câncer*, em pacientes terminais ou quase, sujeitos a tratamento médico-farmacológico vigente na época, recomendados por médicos, devidamente esclarecidos sobre o caráter experimental do tratamento, a fim de intensificar a *carga orgonótica* do paciente profundamente encolhido e resignado. Assim, em alguns casos, Reich obteve resultados de reversão do quadro tumoral: o paciente se expandia e melhorava, mas, ao fim de algum tempo, o tumor retornava. A pesquisa fez com que Reich lançasse a interpretação de que a *biopatia carcinomatosa de encolhimento* se constitui na "atrofia e degeneração do organismo vivo" (In: *Éter*, p.11), em relação com a estrutura caracterial do sujeito, sendo uma desordem que envolve todo o organismo.

Reich também chegou à conclusão de que seria necessário associar sua proposta de tratamento com a utilização do *acumulador de energia orgone* a um teste bioenergético do sangue para avaliar a carga energética sanguínea e à técnica da *vegetoterapia caracteroanalítica*, para obter resultados mais profundos e duradouros. Daí surgiu uma nova técnica terapêutica, denominada *orgonoterapia caracteroanalítica*.

A Orgonomia, termo que Reich inventou em 1948, envolve a Economia Sexual, e se distingue como orgonomia fisica e orgonomia psiquiatrica ou psicológica. Um novo campo do conhecimento, mais amplo, se forma — "a *Orgonomia é a teoria das leis funcionais da energia cósmica*" (In:*Éter*,p.23).

O objetivo terapêutico da teoria e técnica reichianas que operam com a hipótese da *energia orgone* é a mobilização das correntes plasmáticas que circulam no organismo, visto sob a concepção unitária — *energia orgone-soma-psique*. Isto implica entender que: nas correntes plasmáticas circula a *energia orgone*; o movimento involuntário da *energia orgone* constitui o processo fisiológico da emoção (*lat. ex-movere*), etimologicamente, mover-se para fora; e que o movimento plasmático ou movimento expressivo tem um significado.

O processo terapêutico pretende trabalhar com o âmago biológico do organismo, com as sensações orgânicas para restabelecer/ estabelecer o movimento de expansão e contração, a chamada *pulsação*. Para Reich, "a mobilização das correntes e emoções plasmáticas no organismo é idêntica à mobilização da *energia orgone*" (In: *Análise*,p.427).

O movimento livre de bloqueios da *energia orgone* aliado à capacidade do sujeito abandonar-se ao movimento involuntário — tensão mecânica/carga energética/descarga energética/ relaxamento mecânico, que caracteriza a *potência orgástica* e a *saúde emocional*.

A prática terapêutica dita reichiana, ao oferecer variações na técnica, veio a tornar-se bastante diversificada. De acordo com as escolhas de formulações teóricas e clínicas, os psicoterapeutas reichianos se intitulam orgonoterapeutas, vegetoterapeutas caracteroanalíticos, analistas do caráter, orgasmoterapeutas ou analistas reichianos. Alguns adotam particulares denominações referidas a correntes que interpretam a teoria reichiana incluindo modificações em sua base teórica. Reich elaborou um método de pensar, de pesquisar, que lhe é próprio — o *funcionalismo energético ou funcionalismo orgonômico*, indispensável para pensar a orgonomia, a orgonoterapia caracteroanalítica e a vegetoterapia caracteroanalítica, e articulá-las com a Economia Sexual. O *funcionalismo energético ou orgonômico* adota uma técnica de raciocinio, o *pensamento funcional* e emprega conceitos que são as marcas do autor W.Reich e se referem a fenômenos pesquisados da *energia orgone*, tais como *pulsação, fluidez energética, sensação orgonótica, luminação*.

APÊNDICE B

TEXTOS ORGONÔMICOS

REICH,W. *Os bions* . [Curitiba]: [s.n.],{199-?]. Original:1938.

Relata os resultados das pesquisas realizadas entre 1934 e 1938, que trataram das propriedades bioelétricas das zonas erógenas e da pele, do movimento do vivo, da dilatação e desintegração da matéria viva. Foram descobertos os *bions*, formas móveis que surgiam em preparações esterilizadas. Os *bions* foram interpretados como vesículas de energia, unidades básicas de energia vital, presentes também em experimentos com matéria inorgânica.

REICH,W. *Três experimentos com luvas de borracha no eletroscópio.* Original :1939

Escrito às pressas antes de embarcar para a América, faz o registro do experimento com *bions* realizado, por engano, com areia oceânica. Muitas vezes repetido, o experimento produziu o mesmo resultado: as vesículas de *bions Sapa* cujos efeitos sobre as bactérias de putrefação, protozoários e *bacilos T* era mais intenso do que os *bions Pa* e exerciam ação paralisante sobre os *bacilos T*. Os acontecimentos no laboratório convenceram Reich de que "os fenômenos indicavam a existência de uma espécie definida de *irradiação bioenergética*"(BOADELLA, 1988,p.151).

REICH,Wilhelm. *A função do orgasmo.* São Paulo:Brasiliense, 1979. Original:1942.

Faz a revisão do percurso 1920-1942 e situa a descoberta do *orgone* como resultado do conceito de *energia psíquica.* Nos Estados Unidos, Reich dedicou-se ao estudo da irradiação bioenergética, à qual denominou *orgone,* dado que resultou da aplicação da fórmula do orgasmo (a fórmula tensão mecânica-carga energética-descarga energética - relaxamento mecânico) e tinha efeitos sobre o organismo(p.316).

O estudo da *função do orgasmo* sob o ponto de vista psíquico, conforme a interpretação psicanalítica revelou, tem um significado em relação ao meio ambiente. No estudo do orgasmo sob o ponto de vista fisiológico, não há significado, pois a vida apenas "funciona", sem qualquer significado. Reich entende que havia dado uma explicação funcional às descobertas de Freud, faltava-lhe o método. Procurava a relação *soma -psique,* a partir da formulação da *unidade funcional entre o psíquico e o somático,* considerando que é possível as leis biológicas serem válidas no campo psíquico, porém, as características psíquicas não são válidas no campo biológico. No campo biológico há apenas *função e desenvolvimento.* Além da unidade funcional, existe uma antítese psicossomática:

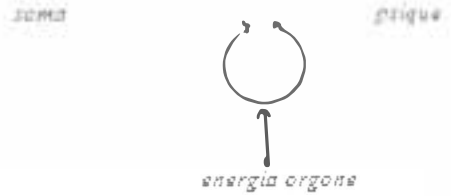


Figura 13 Símbolo funcional orgonômico. In: *Função, p. 227.*

A sexualidade seria a função biológica de expansão para "fora do eu", do centro em direção à periferia. A angústia teria a direção inversa, da periferia para o centro, "de volta ao

eu". As tensões musculares podem obstruir a corrente sangüínea, reduzindo os movimentos dos fluidos do corpo, bloqueando a cólera e a angústia. Sempre que se dissolvia uma tensão muscular, irrompia uma das três excitações básicas: angústia, ódio ou excitação sexual.

O conceito de *identidade funcional* significa que as atitudes musculares e as atitudes do caráter têm função equivalente no mecanismo psíquico. O conceito de *correntes vegetativas* se aplica a todos os fenômenos somáticos que, em contraste com as couraças musculares rígidas, se caracterizam pelo movimento. Reich levanta a hipótese de que, sendo impedido o movimento dos fluidos do corpo, algo desconhecido não ocorre. Conclui que deve haver um centro vegetativo, origem e retorno da energia biológica. Postula a *antítese funcional* entre periferia e centro, na qual a persistência de um estado de expansão, é indicativo de parassimpaticotonia e um estado de contração angustiosa é indicativo de simpaticotonia. No centro da simpaticotonia está a *angústia do orgasmo*, isto é, o medo da contração e expansão involuntárias. Toda a rigidez muscular contém a história e o significado de sua origem. "A neurose é a expressão de uma perturbação crônica do equilíbrio vegetativo e da motilidade natural" (p.255).

A estrutura psíquica de uma pessoa são os traços característicos espontâneos, consequências das forças antitéticas em funcionamento. A estrutura psíquica é, ao mesmo tempo, uma *estrutura biofísica*. O espasmo da musculatura é o lado somático do processo de repressão e base de sua contínua preservação.

O reflexo do orgasmo consiste numa onda de excitação que corre da cabeça aos pés, produto da integração gradual de partes antes separadas. Se a onda estiver bloqueada, o reflexo é rompido. Há dois pontos onde sempre se encontra inibição - garganta e ânus - considerando que tenham relação com a embriogênese. É nesse texto que Reich supõe que

> A investigação da matéria viva foi além dos confins da psicologia profunda e da fisiologia e entrou em território biológico inexplorado. A sexualidade e o processo vital identificaram-se: abriu-se um novo caminho de acesso ao problema da biogênese. O que era psicologia se tornou biofísica e parte de uma genuína ciência natural experimental. O seu cerne permanece, como sempre, o enigma do amor, a que devemos o ser (REICH,W., In: *Função*, p 319).

REICH,W. *Psicologia de massas do fascismo Prefácio à 3ª edição*. São Paulo: Martins Fontes, [198-?]. Original:1933; 3ª ed.,1942.

Aborda os três níveis da *estrutura biopsíquica*: a camada superficial; a camada intermediária, que corresponde ao inconsciente freudiano; *o cerne biológico*, de onde provém tudo o que é revolucionário, a autêntica arte e a ciência. É na 3ª edição desse livro de psicologia política, que Reich expõe o conceito de *democracia do trabalho*, uma resposta natural biologica ao fascismo. Faz uma crítica ao marxismo e à impossibilidade de analisar o fascismo, fenômeno do século XX, com conceitos marxistas cunhados no século XIX. Assim, justifica a revisão dos termos marxistas usados nas edições anteriores do livro e a adoção de termos mais adequados, que se fundam na descoberta da *energia biológica*.

A tese de Reich é que o caráter místico e mecanicista do homem moderno cria os partidos fascistas. O fascismo é um fenômeno de massas, internacional, somatório de reações irracionais do homem médio.

REICH, Wilhelm. *Pulsação orgonótica*. [S.l.,s.n][199-?].Original :1944.

Artigo escrito sob a forma de diálogo, as conversas com um eletrofisico, discute a *pulsação orgonótica*.

Sobre a posição da energia biológica nas ciências naturais, Reich acha dificil que o mundo da biologia clássica aceite a teoria dos *bions* e tem esperanças que biopsiquiatria e fisica a reconheçam. A interpretação de Reich é que a biologia tem orientação mecanicista e a *biofisica do orgone* trabalha funcionalmente. A biologia trata de processos vivos e tenta compreender o principio da vida através de métodos e conceitos tirados da fisica e química, ciências pertinentes à natureza não viva. A *biofisica do orgone* assume a existência de transições fluidas do dominio da natureza não viva para a viva. Demonstra que uma *energia biológica* especifica governa os processos vivos em simples leis naturais. A *energia orgone* governa os processos naturais vivos e os puramente mecânicos e suas funções tornaram compreensivel como a matéria viva se desenvolve a partir da matéria não viva. Os cientistas genuinos estão em busca dos elementos básicos, do denominador comum de processos naturais. A especialização dos vários ramos de pesquisa tem levado a ciência natural para longe de seu natural objetivo, a saber, a simplificação e unificação dos processos naturais. Os especialistas de hoje [1944], são pobremente treinados em pensamento metódico. Não conseguem coordenar os detalhes em um todo.

A biologia clássica dividiu o dominio do vivo de acordo com características externas e o vestiu com palavras dificeis. O caminho para a questão "de onde vem, no que se torna, como funciona", é bloqueado. A neurologia nem se refere à contração orgástica. A descoberta de uma *energia biológica* especifica não transgride questões biopsiquiátricas, mas as estuda. A descoberta da vida psiquica inconsciente postulou a existência de energia psiquica. Esta teve que ser concebida como enraizada no aparelho biológico.

A economia sexual se ocupou com as emoções psiquicas, antes de fazer "uma descoberta biofisica: a intensidade das sensações de prazer, angústia e raiva, isto é, das três emoções básicas de qualquer organismo animal, foram demonstradas no oscilógrafo, serem funcionalmente idênticas à quantidade das excitações biológicas no aparelho vital"(p.8). A sensação emocional não é resultado (mecanicistas), nem causa (espiritualistas), nem independe da excitação(dualistas), nem outro aspecto da excitação (monistas). Excitação e sensação são um só processo, funcionalmente idênticas e antitéticas.

A estrutura humana encouraçada é incapaz de pensar funcionalmente. Um organismo biologicamente rigido experimenta seu corpo, isto é, suas sensações e percepções de forma diferente da do organismo não rigido. Se as sensações do organismo não são unitárias, se estão bloqueadas ou dissociadas, isso deve se refletir na compreensão intelectual dos processos naturais. O pensamento funcional corresponde ao funcionamento unitário do organismo.A análise do caráter mostra que na esquizofrenia a dissociação completa entre excitação e sensação é o sintoma básico. O caráter compulsivo é o protótipo do pensamento mecanicista. A rigidez mecanicista e a experiência mística andam de mãos dadas, devido à dissociação mecanicista das autopercepções, que deixa um vazio no que concerne às experiências de vida; a experiência mística supre, de modo patológico, o que o pensamento mecanicista não provê.

A fórmula básica da pulsação biológica é tensão mecânica-carga energética-descarga energética-relaxamento mecânico. Aplica-se à pulsação cardiaca, assim como ao movimento de um verme. Contração-expansão e carga-descarga acontecem na natureza não viva. Até esse

ponto, natureza viva e não viva são funcionalmente idênticas. A antítese é que as quatro funções físicas ocorrem na natureza viva numa combinação a quatro tempos, específica da vida. O não vivo se define no vivo e o vivo retorna ao não vivo. A identidade funcional entre vida e não vida é que uma só *energia* governa os dois domínios. A função determina o objetivo; determina os processos químico-físicos. Esse é o *funcionalismo* na realidade biológica. Por exemplo, se você arranjar as várias funções do organismo em um esquema, partindo do denominador comum e das funções simples, chegando às funções complicadas e antitéticas, você chegará ao esquema do *pensamento funcional*.

> Esta metodologia de pensamento é nova. É multilateral. Os métodos usuais de pensamento são unilaterais. Em sua metodologia, as funções mostram transições fluidas e, ao mesmo tempo, mostram leis definidas.O pensamento costumeiro estabelece limites mais ou menos rígidos, não permitindo transições (REICH,W. , In: *Pulsação*, p.15).

O *método funcional de pesquisa* requer um conhecimento multidisciplinar dos fatos básicos e a habilidade de relatar fatos isolados em conjunto. Pressupõe conhecimento e domínio da estrutura de caráter de si e dos outros, pois toda sensação e percepção têm algo da estrutura de caráter. A pesquisa do orgasmo requer este autocontrole porque tem conexões com todos os ramos da ciência natural.

> A pesquisa do orgasmo surgiu do trabalho psiquiátrico, fixou raízes na biologia sexual, prosseguiu até as emoções e com isto chegou à biofisiologia das excitações. Com isso, [a pesquisa do orgasmo] entrou no domínio da energia cósmica, sem no princípio ter dado indícios disto (REICH,W., In:*Pulsação*, p.16).

O ser vivo é caracterizado pela pulsação (expansão e contração alternadas) e pela percepção. O não vivo é rígido e sem percepção. " Onde não há pulsação, não há percepção" (p. 19). A matéria viva difere da matéria não viva porque é capaz de participar de sua *pulsação orgonótica*. As mudanças pulsatórias da forma determinam as funções biológicas fundamentais, tais como crescimento, divisão, procriação, metabolismo, prazer, ansiedade. A matéria rígida é incapaz de mudar de forma. Há dois tipos de pulsação, a pulsação energética e a pulsação material. Elas "devem ser sincrônicas para produzirem os processos vitais" (p.20).

REICH,W. A peste emocional. In: *Análise do caráter*. Viseu: Martins Fontes,[198-?]Original: 1945.

Artigo incluído na 3ª edição de *Análise do caráter* (1948). Reich desenvolve o conceito de *peste emocional*, uma *biopatia crônica* do organismo, uma doença endêmica como esquizofrenia ou câncer, que pode transformar-se em epidemias de sadismo e criminalidade como a Inquisição ou o fascismo internacional do século XX.

REICH,Wilhelm.. *Escuta,Zé Ninguém*.São Paulo: Martins Fontes,1977. Original:1948.

É um texto que trata da mediocridade do homem comum que não reconhece a sua pequenez, sufocador do pensamento original, incapaz de criar e com medo de doar. Superada a mediocridade, o Zé Ninguém poderá pensar, criar os filhos na alegria, amar a mulher, opor à

mediocridade, a auto-estima e o valor do trabalho. A voz que fala no íntimo daquele que fala ao Zé Ninguém diz: "existe uma única coisa que vale a pena: viver bem e alegremente a própria vida" (p.110).

REICH,W. *Análise do caráter*. Prefácio à 3ª edição. Viseu: Martins Fontes,[198-] Original:1948

Reich destaca que esse livro ainda emprega a terminologia psicanalítica e faz uma descrição psicológica das neuroses. Nos 15 anos que se seguiram à 1ª edição, Reich reestruturou o conceito de *doença emocional: caráter* refere-se a uma conduta biofísica; *emoções*, a manifestações de uma bioenergia, e a prática terapêutica transformou-se em *orgonoterapia,* adotando procedimentos bioenergéticos não mais psicológicos. Reich estabelece os limites das práticas psicoterapêuticas: a *análise do caráter* não atinge o âmago bioenergético das funções emocionais; a psicologia das associações e palavras não encontrará o caminho que levará ao *fundo bioenergético e ao domínio das emoções*.Para além de couraças e bloqueios, existem as situações de desconfiança,inseguranças medos, de modo que o domínio psíquico das emoções é mais reduzido que o domínio bioenergético e o aspecto psicológico da doença emocional é indispensável, mas não é o mais importante da chamada biopsiquiatria orgânica.

REICH,W. A linguagem expressiva do vivo . In: *Análise do caráter*. Viseu: Martins Fontes,[198-]. Original: 1948.

Artigo incluído na 3ª edição de *Análise do caráter*, Reich estabelece a diferença entre *análise do caráter, vegetoterapia, vegetoterapia caracteroanalítica* e *orgonoterapia*. A *biofísica do orgone* está interessada no problema básico das emoções. A *emoção* é um movimento plasmático e o que se move é a *energia orgone* contida nos fluidos do corpo, portanto, o objetivo da orgonoterapia é a *mobilização das correntes plasmáticas* e o trabalho terapêutico se concentra no âmago biológico do organismo vivo. As palavras que se usam na *orgonoterapia* são vinculadas a sensações orgânicas, trabalha-se com a linguagem da expressão facial e do corpo. Só quando sentimos a expressão facial do paciente é que estamos em condições de compreendê-la, saber qual a emoção que nela se expressa, dado que os movimentos expressivos do paciente provocam uma *imitação* em nosso organismo. Reich distingue o *caráter genital* do *caráter neurótico*. No primeiro, a pessoa não é mais regida por automatismo rígido e é capaz de reagir de maneira biológica a uma situação especial. A expressão de um organismo encouraçado é de constrangimento, sendo incapaz de desmanchar a própria *couraça*.

Nesse texto, Reich anuncia a descoberta de que a *couraça* está ordenada em *segmentos* e os descreve. O trabalho de dissolução da couraça começa nas partes mais afastadas da pélvis, isto é, na musculatura facial. A dissolução da couraça não é mecânica e as vibrações só aparecem quando uma série de segmentos é dissolvida.

REICH,W. A cisão esquizofrênica. In: *Análise do caráter.* Viseu: Martins Fontes,[198-}. Original:1948

Relata o primeiro caso de esquizofrenia que Reich tratou com a orgonoterapia. Reich lança a hipótese de que "as forças" na esquizofrenia são percepções distorcidas de *sensações orgonóticas* básicas nos órgãos. Propõe que o *"ir-se embora"* nos olhos seria devido a uma contração local no sistema nervoso na base do cérebro, em que as raízes nervosas ficam imobilizadas. Propõe que a doença esquizofrênica é uma *doença biofísica* e não apenas mental. É uma lesão na estrutura emocional e não apenas a experiência da infância que constitui o fator dinâmico da doença. O esquizofrênico torna-se vítima da mesma cisão na coordenação do seu organismo que sofreu quando se encontrava no ventre da mãe insensível e manteve a cisão durante toda a vida. Reich reitera: "tratamos aqui de funções reais, contemporâneas, do organismo e não de acontecimentos históricos"(p.516). Através desse caso clínico, Reich teve a compreensão de que a *sensação orgonótica* é um verdadeiro sexto sentido e de que há um *sentido de funções orgânicas* e de funções orgonóticas, que está perturbado nas *biopatias,* nas quais o organismo sofre de intolerância à expansão saudável (p.525).

REICH, Wilhelm. *The cancer biopathy.* New York: Farrar, Straus and Giroux, 1973.Original:1948.

Faz a revisão das pesquisas do período 1930-1947. Os resultados da pesquisa devem ser entendidos através do *funcionalismo energético*, da função biofísica do orgone e das chamadas *sensações de órgão* relativamente desimpedidas. Delas vão depender a concepção e a execução de experimentos.

O mecanismo essencial do câncer consiste num *encolhimento gradual do sistema autonômico.* Esta afirmação significa reconhecer no câncer uma infecção endógena, reconhecer o papel das emoções nas doenças orgânicas, o problema da biogênese, a patologia sexual e a existência da *energia orgone.* O encolhimento carcinomatoso é uma *biopatia*, termo que se refere a doenças que resultam do processo de disfunção no aparelho de vida autonômica, é um distúrbio da *função natural de pulsação* do organismo. O denominador comum das doenças biopáticas é *estase sexual,* distúrbio fundamental da pulsação biológica.

Reich inventa o Teste T que avalia a *carga orgonótica da célula sangüínea.* Dado que o conteúdo orgonótico difere da função biológica, é possível, pelo teste T, determinar a carga energética, antes do aparecimento dos sintomas. Reich postula um processo de *luminação orgonótica* da célula, funcionalmente idêntico à excitação fisiológica e à emoção físico-sexual. A percepção psíquica do objeto sexual pode causar excitação fisiológica e esta, evocar a emoção sexual. Esse processo psicossomático produz a *luminação orgonótica.* O conceito de *luminação* se refere ao resultado do contato entre dois campos de *energia orgone,* que podem se ligar pela chamada *ponte radiante*, seguindo-se da *interpenetração e fusão.*

REICH,W. *Éter,deus e diabo.* [Curitiba]:[s.n.],[199-?].Original:1949.

No livro, Reich examina os princípios fundamentais da Orgonomia. A *técnica do pensamento funcional* é descrita como um sistema de pensamento,usado por muitos pesquisadores, o qual na Orgonomia ultrapassou os limites da ciência da natureza e se tornou

uma técnica de pensamento contra a interpretação mecanicista e mística da natureza, a técnica de pensamento do ser vivo libertado da sua couraça.

A matéria viva se limita a funcionar, reitera Reich, sem propósito nem significado transcendente. *Funcionar* quer dizer "investigar o vivo enquanto força natural, apreendê-lo e protegê-lo". O ser vivo desencouraçado funciona sem a menor necessidade moral.

A Orgonomia é a teoria das leis funcionais da matéria cósmica e dentre os princípios de pensamento que a norteiam está a necessidade do observador saber qual o domínio da natureza onde se encontra e saber como funciona seu aparelho sensorial e perceptivo. Reich diz que da análise das sensações de prazer chegou à descoberta de uma *energia orgone cósmica*, através do encadeamento lógico de operações intelectuais. A *couraça* é a única função humana que se caracteriza pela imobilidade, e a imobilidade se encontra em todos os erros humanos.

A *sensação de órgão* funciona como um sexto sentido orgonótico; é o instrumento de estudo da natureza porque prazer, nostalgia, angústia, raiva e tristeza são emoções fundamentais da matéria viva e pressupõem a *motilidade* do organismo. Elas exprimem um estado de movimento que tem um *significado*, ou em termos psicológicos, um *sentido* com relação ao ego e ao mundo. O significado é racional porque corresponde a processos reais e a movimentos do protoplasma da célula.

As *emoções* são funções específicas do plasma vivo e correspondem a excitações. A matéria viva tem pulsação e forma suas idéias do mundo determinadas pelo seu próprio *estado de movimento e expressão*.O ser vivo não encouraçado tem uma sensação do mundo a sua volta diferente do ser vivo encouraçado. A autopercepção colore as sensações e as sensações são o filtro através do qual o mundo se revela, portanto, nossa maneira de sentir determina percepções, julgamentos e *visão de mundo*. O organismo encouraçado se distingue por uma barreira rígida que se interpõe entre o núcleo biológico e o mundo. Os impulsos naturais ficam bloqueados e devem usar violência para chegar à superfície e, qualquer que seja a sua natureza, transformam-se em raiva destrutiva. Entre seres não encouraçados, porém, o relacionamento prima pela simplicidade, sem reações biopáticas.

Para Reich, a ciência natural da Antiguidade apoiava-se sobre *questões funcionais*, que incluiam a sensação que, a sua vez, é uma função da membrana que separa o sistema vivo do *oceano de orgone* circundante. Pela membrana, o corpo vivo orgonótico se comunica com outros sistemas orgonóticos. A natureza não é mecanicista, é *funcional*, caracteriza-se pela ausência de perfeccionismo e processos naturais, incertos, livres, imprevisíveis.

A emoção e a sensação permanecem solidárias à excitação orgono-física, o que põe fim a qualquer misticismo. Toda visão que atribui autonomia ao psíquico é mística. Reich considera o pensamento psicanalítico, um pensamento místico porque, nas pulsões, não contempla as emoções fisiológicas concretas e palpáveis. O animismo tem por partida a matéria viva em movimento. Assim, Freud chegou à noção de *energia psíquica* enraizada nos processos do corpo. As afirmações do místico baseiam-se no bloqueio das sensações de órgão imediatas e no reaparecimento dessas sensações na percepção patológica das forças sobrenaturais. O animista conserva a *motilidade*. A idéia de *harmonia da natureza* é uma idéia animista. O mundo do funcionalismo energético e orgonômico é um mundo harmonioso, que funciona livre, segundo suas leis...é um mundo, palpável, pleno e animado, ao mesmo tempo perceptível e mensurável. As sensações indicam ao pesquisador da natureza se os raciocínios estão claros, obscuros,etc. O pensamento funcional não admite o estado estático. Tudo na natureza está em

movimento. O movimento e a incerteza do pensamento sempre em *fluidez* colocam o observador em contato com o processo natural e o termo *fluidez* pode ser aplicado ao aparelho sensorial do observador da natureza.

Reich apresenta as propriedades e funções da *energia orgone* (p.155-177): existe em todo lugar; preenche todo espaço; é livre de massa, primordial na natureza, cósmica; permeia qualquer matéria, em diferentes velocidades; no organismo vivo, por ser incapaz de conservar um nível de energia mais alto do que o de seu ambiente, dá-se a função energética chamada potencial orgonômico em que a energia flui do sistema menos carregado para o mais carregado; tem movimento, dinâmica, funcionalismo e variabilidade; ondula continuamente; pulsa descontinuamente, em contração e expansão; apresenta visibilidade na escuridão de uma sala forrada de chapas metálicas; muda de forma; tem efeito de "luminação", de coloração azul-violáceo no vácuo e impressiona em azul a película fotográfica em cores; a luminação orgonótica é fria enquanto outras funções da *energia orgone* produzem calor; é possível concentrar *energia orgone* no acumulador, na sala *orgone* ou utilizando vários acumuladores ; as pessoas com baixa potência orgonótica ou fortemente encouraçadas não percebem as manifestações de *energia orgone* com facilidade; a estrutura de caráter do observador está incluida na observação do fenômeno natural e os órgãos dos sentidos do observador são os instrumentos decisivos para a pesquisa científica.

REICH,Wilhelm. *Funcionalismo orgonômico-Parte II.Sobre o desenvolvimento histórico do funcionalismo orgonômico.*São Paulo:[s.n.],1987.Original:1950.

Reich diz adotar a visão grega de que tudo está em fluxo. A técnica funcional de raciocinio começou com o conceito de *unidade funcional*, em que impulso e prazer formavam uma unidade em relação à atividade motora. O conceito de *simultaneidade da identidade e antítese* provém de que sensação e excitação formam uma *unidade funcional*, são *idênticas* quanto a um *princípio de funcionamento* e, ao mesmo tempo, são *diferentes e antitéticas*. Reich afirma que esse é um conceito novo em psicologia. Outra formulação é a de que idéias são *quantum* de energia.

O modo de pensar funcional considera as muitas funções autônomas de uma unidade funcional. No nascimento, soma e psique já formam dois ramos do aparelho unitário: funções dos órgãos e funções prazer-desprazer. Em comum, o ramo bioenergético. Os dois desenvolvimentos seguem independentes e interinfluenciando-se. A função prazer-desprazer subdivide-se em três emoções básicas: prazer, angústia e raiva, e nas várias funções da percepção, a qual independe do crescimento dos órgãos.

A Psicologia analisa conflitos e remonta-os à primeiras experiências. A Orgonomia funcional não decompõe experiências, não trabalha com associações de idéias, trabalha com energias de pulsão que se desprendem dos bloqueios caracterológicos e passam a circular livremente. O tratamento das idéias é cada vez mais complicado, o tratamento das funções da *energia* simplifica porque as experiências ideacionais remontam a processos simples de energia biológica. Para entender a simplicidade no *core* biológico e a complexidade na superfície psicológica estão as variações das psicoses e neuroses. No fundo da infinita variedade está a condição bioenergética de *estase da energia biossexual*.

A técnica de raciocínio funcional, aplicada desde 1925, e a questão da unidade do conhecimento científico sob o princípio funcional orgonômico da pulsação constam desse texto.

REICH, Wilhelm. *Crianças do futuro.* Rio de Janeiro: Centro de Investigação Orgonômica Wilhelm Reich, [198-?].Original:1950.

É um relatório preparado para uma conferência de Orgonomia.Trata de cuidados materno-infantis que incidem em práticas em desacordo com as necessidades do bebê: o rancor e o grande *não* da humanidade se devem à separação da mãe e
e criança logo após o nascimento; e podem prosseguir, por exemplo, na amamentação, se o bico do peito da mãe é plano, se o leite é insuficiente, ou na prática da circuncisão, que faz com que a criança chore e se retire para o seu interior. Em 1949, houve um encontro no Instituto Orgone para discutir o que é a criança saudável. Uma criança é parte da natureza viva, um sistema orgonótico, governado por leis bioenergéticas. As crianças nascem sem encouraçamento e os organismos que funcionam segundo as leis da natureza não apresentam *biopatias.* A tarefa dos adultos é proteger as forças naturais para que as crianças escolham o seu modo de ser e possam determinar seu próprio destino.

REICH,W. *O acumulador de orgone — sua utilização científica e médica.* Original:1952.

Reich afirma que o azul é a cor específica da *energia orgone* dentro e fora do organismo. O azul é a cor que se observa em todas as funções que se relacionam com a energia cósmica ou atmosférica ou *orgone* organísmica. Qualquer espécie de protoplasma, em qualquer célula ou bactéria é azul, e deixa de ser azul se a célula morre. As nuvens de trovoada são azuis, devido à grande carga de *energia orgone* contida nas massas suspensas de água. Uma sala completamente às escuras, se for forrada com folha de ferro, a chamada *sala orgone,* não é negra, isto é, isenta de qualquer luz, mas azulada ou cinzento-azulada. A *energia orgone* ilumina espontaneamente, é luminescente. A água dos lagos profundos e a do oceano, a fosforescência da madeira em decomposição, a cauda luminosa dos pirilampos, o fogo de santelmo, a aurora boreal são azuis. A luminosidade do tubo em vácuo carregado com a *energia orgone* é azul (In: *Entrevista*,p.117, nota 22).

REICH,Wilhelm. *Superposição cósmica.* [S.l.,s.n.][199-?]. Original:1951.

Pretende responder à questão: de que modo o homem está enraizado na natureza? A Orgonomia enraiza o homem na natureza baseando-se no *princípio comum de funcionamento*, isto é, nas funções que o homem tem em comum com as funções naturais básicas. O fio condutor que passa através da natureza, desde a unidade de *orgone* primordial até as mais altas manifestações da vida humana é a *função do orgasmo* e seus quatro tempos que acontecem no domínio do vivo. No domínio do não-vivo aparece a expansão-contração. A convulsão orgástica pertence ao domínio do vivo e o diferencia do não vivo. O abraço sexual representa a superposição e a fusão de dois sistemas orgonóticos.

No pensamento funcional orgonômico, *forma é movimento congelado.* A superposição de duas correntes de orgone, como função, alcança além da biologia; aparece como *princípio*

comum de funcionamento da natureza que funde dois organismos vivos de modo específico, isto é, específico da função natural básica. Reich pretende chegar ao princípio de funcionamento comum a toda a natureza. Na natureza não viva, a superposição integra o microcosmos e o macrocosmos numa função natural.

REICH, W. O experimento Oranur: primeira comunicação. Original: 1951

Relata o emprego de uma pequena quantidade de rádio numa atmosfera altamente carregada de *energia orgone*. Todos os participantes ficaram doentes, com uma enfermidade específica, a *enfermidade Oranur*, uma resposta do organismo à radiação que irrita a *energia orgone* (BOADELLA, 1985, p.254-257).

REICH,Wilhelm.*Pessoas em dificuldades.*Curitiba: Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal, [2000].Original:1952

Volume 2 de A praga emocional da espécie humana, faz a ponte entre o desenvolvimento e resultados das pesquisas do período 1927-1939, e como atrairam a praga emocional daqueles que as condenaram sem entendê-las. Diz Reich que o orgone ter sido descoberto somente em 1939 é resultado da repressão. Daí lhe surgiram as dúvidas sobre a racionalidade humana e o encontro com a irracionalidade foi um choque . Reich declara "fui socialista e comunista,entre 1927 e 1932. De fato, funcionalmente, jamais fui socialista e comunista e jamais fui admitido como tal pelos burocratas do partido" (p.11). Quanto ao pensamento de Marx, permanece o caráter "vivo" da produtividade humana no conceito de democracia do trabalho. Esse conceito se funda no entendimento de que as leis da energia biológica constituem um fator simultaneamente idêntico e antitético, mais fundamental, das questões do trabalho e da sexualidade.

HIGGINS,Mary; RAPHAEL,Chester(org.). *Reich fala de Freud.* Lisboa: Moraes,1979. Original: 1952.

Trata-se de uma entrevista concedida ao psicanalista Kurt Eissler, representante dos Arquivos Sigmund Freud. Para Reich, Freud era um cientista natural e descobriu o princípio de funcionamento da energia no aparelho psíquico. A Psicanálise é uma psicologia de idéias e a Orgonomia é uma ciência da energia física (no interior e no exterior do organismo). A libido, a que Freud se referiu de modo hipotético e sugeriu que pudesse ser de natureza química, é uma energia concreta, algo de concreto e físico. A *energia orgone* encontra-se na atmosfera e pode ser concentrada num acumulador de *energia orgone* A libido era um conceito; a *energia orgone*, algo que se constata em laboratório. Reich está interessado em saber como a Energia Vital, que está dentro do indivíduo e fora do indivíduo, funciona dentro dele e através dele sobre o mundo. Está interessado em saber como a *energia orgone* no/do terapeuta influencia o paciente.

REICH, Wilhelm. *O affair Einstein*. Tradução livre. [S.l,s.n],[199-?] Original:1953.

É uma coletânea das cartas trocadas entre Reich e Einstein, no período de dezembro de 1940 a novembro de 1941. Reich solicitou o encontro e Einstein o recebeu em casa, em janeiro de 1941. Conversaram por cinco horas e Reich deixou um orgonoscópio. Em fevereiro,. um acumulador de *orgone*. A resposta de Einstein foi a de que as diferenças de temperatura dentro e fora do acumulador de *orgone* eram devidas à superfície horizontal da mesa. Reich insiste e apresenta os resultados de dois experimentos, em longa carta, datada de fevereiro de 1941, contestando as objeções de Einstein.Ao término, escreve que, além dos colaboradores, "...o senhor foi o único cientista que encontrei nos últimos doze anos que compreendeu a base física de minha teoria biofísica:o desenvolvimento de vesículas de matéria orgânica pela ação da energia que se desprende da matéria". Einstein nunca respondeu. O acumulador de *orgone* foi devolvido. O orgonoscópio só foi devolvido após ser reclamado em quatro cartas e dois meses de espera. Roger Dadoun (1975, p.191-194) registra que, em 1944, Theodore Wolfe quis publicar essa correspondência e Einstein o proibiu. Reich repreendeu Einstein, por carta.A resposta de Einstein foi a de que Reich usasse com discrição suas declarações orais e escritas, assim como ele faria com as de Reich. Esta documentação só foi efetivamente divulgada em 1955, após a morte de Einstein.

REICH, Wilhelm. *Assassinato de Cristo*.São Paulo:Martins Fontes, 1975.Original:1953.

Volume 1 de A praga emocional da espécie humana, trata da peste emocional do homem que se condena à prisão que é sua estrutura emocional, sua estrutura de caráter. Cristo foi vítima do ódio de seus contemporâneos e o Assassinato de Cristo traz o enigma — o problema da estrutura do caráter encouraçado. Cristo morreu pela confrontação do princípio da vida e a peste emocional.

REICH, Wilhelm. *Cosmic Orgone Engineering -CORE*. [S.l.,s.n.][199-?]Original:1954-1955.

Revista originalmente publicada em 2 volumes, relata pesquisas com o *cloudbuster*, no deserto, entí 1952-1953. Reich traça o problema da chamada engenharia cósmica que é o de operar com a *energia orgone*. Dos experimentos para fazer reviver o deserto surge o conceito de *deserto emocional*. Reich faz uma analogia entre o processo de desertificação da Terra e o processo de desertificação da estrutura emocional do homem. O homem emocionalmente desertificado, em processo de encolhimento do sistema nervoso autonômo e de deterioração da energia vital, está impossibilitado de impedir o processo de desertificação da Terra.

REICH,W. *DOR-buster médico*.Original: 1955.

Publicado na revista CORE consta do volume de CORE em português. Trata do período 1942-1955. Reich mostra que as funções da energia atuam no organismo em todas as circunstâncias.De início, Reich supôs hipoteticamente que as funções soma-psique eram governadas por energia biológica concreta tendo o princípio de funcionamento em comum do cerne bioenergético do organismo. A técnica da análise de caráter visava mobilizar a energia